



Jeferson Alves Masson

Elisa Lispector - registros de um encontro

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientadora: Prof^a. Marília Rothier Cardoso



JEFERSON ALVES MASSON

Elisa Lispector - registros de um encontro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Marília Rothier Cardoso

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Roberto Corrêa dos Santos

UERJ

Prof. Paulo César Silva de Oliveira

UERJ

Prof^a. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 13 de abril de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Jeferson Alves Masson

Graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa, em 1990. Especializou-se em Literatura Infanto-Juvenil, administrado pela mesma universidade, em nível de Pós-Graduação “Lato Sensu”, em 2001. Concluiu com aprovação o curso de Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 2015.

Ficha Catalográfica

Masson, Jeferson Alves

Elisa Lispector: registros de um encontro / Jeferson Alves Masson ; orientadora: Marília Rothier Cardoso. – 2015.

122 f. : il.(color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Elisa Lispector. 3. Crítica Biográfica. 4. Narrativas do Ser. 5. Tradição e Diáspora 6. Literatura Brasileira Contemporânea. I. Cardoso, Marília Rothier. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

Aos meus pais Benedicto Masson e Cecília Masson, pela origem
Aos meus irmãos Johny Masson e Jobson Masson (in memoriam)
A Tania Kaufmann (in memoriam), por fazer parte destes registros.

Agradecimentos

Durante muitos anos estive envolvido com a obra e vida de Elisa Lispector e, conseqüentemente, muitas pessoas passaram a fazer parte desta minha história de encontros. Por isso, gostaria de agradecer a todos esses amigos que, com maior ou menor grau, estiveram presentes neste quase infinito percurso.

Quero agradecer, em particular, aos integrantes da família de Elisa Lispector: Tania Kaufmann (in memoriam), Marcia Algranti, Nicole Algranti e Berta Lispector Cohen.

Agradeço à Prof.^a Marília Rothier Cardoso, orientadora desta dissertação, sempre solícita e paciente comigo. À Prof.^a. Rosana Kohl Bines, minha co-orientadora. À Prof.^a. Dr.^a. Eneida Leal Cunha.

Aos professores da minha banca examinadora: Prof. Roberto Corrêa dos Santos e Prof. Paulo César Silva de Oliveira, por toda força e consideração. À Prof.^a. Rosa Maria de Carvalho Gens, conhecedora de minha história, e também ao Prof. Armando Gens.

Agradeço, em especial, à Prof.^a Isa Brazil: sem sua ajuda preliminar, durante meu ginásio, eu jamais poderia estar aqui.

Ao Prof. Márcio Seligmann-Silva, pelas valiosas conversas, informações e indicações bibliográficas.

À Vilma Regato, por todo apoio e também por apaziguar minhas dores anímicas.

A Zarlán Leão, por participar, com suas lindas pinturas, da construção da minha casa-arquivo.

À colega de curso e hoje grande amiga, Bárbara Kreischer, pelos momentos tristes e alegres em que estivemos juntos e pelas inquietações metafísicas comungadas.

Aos meus grandes amigos: Márcio Henrique Freire de Campos, Sérgio Maia Magalhães, Maria Fernanda Gomes, Silvio Alvarez Suleiman, Eloy Terra (in memoriam), Janete Garcia Couto, Wilmon Soares Triani Júnior (in memoriam), Madrûnha Madelaine Kowalkowski (in memoriam), Ana Amélia Costa, Martin Moniz Barreto (in memoriam), Domingos Angotti, Bruno Belizário e Walkiria de Jesus, por estarem, de uma forma ou outra, sempre presentes.

Ao amigo Alfredo Iglesias Alves, por ter autorizado a ausentar-me do trabalho por diversas vezes. Sem a sua valiosa colaboração não teria conseguido concluir esta dissertação.

Aos colegas de trabalho que me apoiaram: Fernando Cesar Fernandes, Carlos Alberto Vaz, Guilherme Axiotis, Carmem Silvia Carvalho, bem como toda equipe.

Meus agradecimentos sinceros a Afonso Romano de Sant'anna, Amélia Sparano (in memoriam), Anita Masson (in memoriam), Antonio Carlos Villaça (in memoriam), Ari de Andrade (in memoriam), Áurea Masson (in memoriam), Bella Josef (in memoriam), Dalva Masson (in memoriam), Eliane Weil Gurgel Valente, Fausto Cunha (in memoriam), Prof^a Francisca Nóbrega (in memoriam), Heloísa Lohmann Palhares, Júnia Azevedo, Maria Alice Barroso (in memoriam), Marcos Santarrita (in memoriam), Linda Masson, Nicole Algranti, Paula Masson (in memoriam), Pietro Ferrua, Rachel Jardim, Regina Igel, Renard Perez (in memoriam), Rita Averbuch (in memoriam), Prof^a. Sarita Mesquita (in memoriam), Silvio Barros, Stella Leonardos, Tania Maria Balbich, Tania Kaufmann (In memoriam) e Telenia Hill.

Ao Instituto Moreira Sales (IMS), aos responsáveis pelos arquivos literários dos escritores, em especial à funcionária Manoela, pelo atendimento sempre solícito, paciente e acolhedor durante minhas pesquisas.

Ao meu companheiro, Heitor Barboza.

À Vida.

A D's e às energias espirituais que me acolhem.

Resumo

Masson, Jeferson Alves; Cardoso, Marília Rothier. **Elisa Lispector-Registros de um encontro**. Rio de Janeiro, 2015. 122p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa partiu das leituras da obra de Elisa Lispector e da seguinte indagação do pesquisador: por que Elisa, publicada, considerada pela crítica e premiada na segunda metade do século XX no Brasil, caiu no esquecimento? A proposta é resgatar os motivos de interesse do trabalho da escritora. Dentre tais motivos, destacam-se -- em construção autônoma, mas inter-relacionada -- a busca da memória de uma família judaica expatriada, que fugiu da Ucrânia para o Brasil, e o questionamento constante da identidade e das relações interpessoais no contexto da dimensão temporal. As personagens, quer evidenciem ou não traços (auto)biográficos, delineiam-se, ao longo dos contos e romances, sempre empenhadas na construção de sua subjetividade. A tarefa projetada desenvolveu-se com o apoio das entrevistas feitas pelo autor da dissertação e de sua coleção de críticas referentes aos livros de Elisa, desenhos e pinturas do seu acervo, bem como fotos da família Lispector. O enfoque da situação da escritora e de sua obra teve, como principal referência teórica, os princípios da crítica biográfica, orientando não apenas a leitura de registros da vida de Elisa em contraponto à análise de amostras escolhidas de seus escritos, como também a inserção das experiências do pesquisador para a construção da figura da escritora. O objetivo maior é evidenciar a importância do resgate da obra de Elisa Lispector para a literatura brasileira.

Palavras – chave

Elisa Lispector; Crítica Biográfica; Narrativas do Ser; Tradição e Diáspora; Literatura Brasileira Contemporânea.

Abstract

Masson, Jeferson Alves; Cardoso, Marília Rothier (Advisor). **Elisa Lispector- Records of a meeting**. Rio de Janeiro, 2015. 122p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research started from readings of Elisa Lispector and the question: why has her work, published, well regarded by critics and awarded prizes in the second half of the twentieth century in Brazil, fallen into neglect? The idea is to highlight the points of interest in Lispector's work. Foremost among these are the following (each a good reason in its own right, but all interconnected): the memories of an expatriate Jewish family who fled Ukraine for Brazil, and the constant questioning of identity and interpersonal relations over time. The characters—whether or not they contain (auto) biographical features—in her short stories and novels are always involved with the construction of their own subjectivity. This study relied on the interviews made by the author and on his collection of criticism related to Elisa Lispector's books, drawings and paintings belonging to her, as well as photographs of the Lispector family. The basic theoretical underpinnings of this study of a writer's life and work are the principles of biographical criticism. They provide guidelines not only for the reading of the records of a writer's life in the light of analyses of samples chosen from her writings, but also for an understanding of the researcher's own experiences in his construction of the figure of Elisa Lispector. The major goal here is to underscore the importance of rediscovering her work for Brazilian literature.

Keywords

Elisa Lispector; Biographical criticism; Narratives of Being; Tradition and Diaspora; Contemporary Brazilian Literature.

Sumário

1 Passos do Pesquisador em sua Longa Relação com o Objeto da Pesquisa	13
1.1 Primeira declaração	13
1.2 Segunda declaração	14
1.3 Terceira declaração	15
1.4 Quarta declaração	16
1.5 Quinta declaração	18
2 Método, Depoimentos, Anotações, Crítica, Biografia.....	20
3 O Arquivo	47
4 Biografemas: Rumo ao “Museu de Tudo”	91
Referências Bibliográficas.....	119

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Recorte do arquivo pessoal	45
Figura 2. Detalhe de <i>Navio de Emigrantes</i> , de Lasar Segall	54
Figura 3. <i>Ilustríssima</i> , 04/12/2011	80
Figura 4. Ibid.	80
Figura. 5. Nota sobre o falecimento de Elisa, O Globo.....	82
Figura 6. <i>Divulgação impressa da palestra</i> Descobrimo Elisa Lispector	83
Figura 7. Divulgação da palestra na Galeria Tatlin.	83
Figura 8. Personagens em destaque no jornal, dentre eles, Elisa Lispector.	84
Figura 9. “Um lugar para Elisa Lispector”, <i>A Tribuna de Vitória</i> , 21/03/2013. ...	85
Figura 10. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	93
Figura 11. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	94
Figura 12. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	95
Figura 13. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	95
Figura 14. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	96
Figura 15. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	96
Figura 16. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	97
Figura 17. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	97
Figura 18. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	98
Figura 20. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	99
Figura 21. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	100
Figura 22. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	100
Figura 23. Fonte de Narciso, na <i>Estância</i> , casa do autor.....	101
Figura 24. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	102
Figura 25. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador	102
Figura 26. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.	103

Figura 27. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	103
Figura 28: Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	104
Figura 29. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	105
Figura 30. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	105
Figura 31. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	106
Figura 32. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	106
Figura 33. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	107
Figura 34. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	107
Figura 35. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	107
Figura 36. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	108
Figura 37. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	108
Figura 38. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	109
Figura 39. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	109
Figura 40. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	110
Figura 41. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	111
Figura 42. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	111
Figura 43: Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	112
Figura 44: Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	112
Figura 45. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	113
Figura 46. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	113
Figura 47. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	114
Figura 48. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	114
Figura 49. Pintura da <i>Estância</i> , casa-arquivo do pesquisador.....	115
Figura 50. <i>Pintura de Elisa Lispector</i> , em parede da casa-arquivo do pesquisador	116

*A vida é mais forte do que nós.
Elisa Lispector*

1

Passos do Pesquisador em sua Longa Relação com o Objeto da Pesquisa

1.1

Primeira declaração

Bem antes de iniciar a graduação em Letras pela UFRJ, em 1985, já estava muito envolvido com a literatura. Costumava dizer, ainda rapaz, que a literatura era o que alegrava minha vida, mesmo que às vezes provocasse em mim um sentimento de exílio, mesmo me deixando à margem de tudo, fazendo-me sentir um pouco só. Mas, quando conheci a obra de Clarice Lispector, ocorreu algo como se meu mundo, com minhas certezas, tivesse sofrido um grande abalo. Devorei todos os seus livros. E como não tinha dinheiro, a maioria de suas obras, como as de outros autores também, só conseguia comprar, paulatinamente, nos sebos do Centro do Rio de Janeiro. Através destas buscas, descobri que Clarice Lispector tinha uma irmã escritora. Lembro-me que, à época, havia comprado, por pura curiosidade, um exemplar do livro *O dia mais longo de Thereza*, de Elisa Lispector. Li-o e, mesmo considerando que as irmãs Lispector tinham temáticas parecidas, percebi claras diferenças entre ambas e isso me impressionou muito. Considero, portanto, que meu elo intenso com Elisa Lispector começou ali, através do contato preliminar com sua obra literária. Em cada ida aos sebos, sempre procurava algum livro de Elisa Lispector e, naquela mesma ocasião, pude perceber que as obras de Elisa não eram mais encontradas nas livrarias, o que me deixava bastante intrigado; a partir desse interesse pela obra de Elisa, surgiu o inicial desejo de conhecer sua vida.

Logo, comecei a perceber similitudes entre a obra da escritora e sua trajetória de vida. Notei que as personagens desenraizadas, deslocadas e desenhadas nos seus livros experimentavam constantemente um sentimento de exílio e inadequação em relação ao mundo e isso se refletia com perspicácia em sua história pessoal, e muito nos ligava: meu próprio trajeto de vida se assemelha à vida de Elisa, pois acabei me tornando o guardião de uma família de cristãos-novos, que perdeu sua identidade, que vivenciou aquilo que a escritora Tânia

Maria Balbich define em seu livro *Fronteiras da identidade o Auto-Ódio Tropical*, como sendo o auto-ódio judeu,¹ a negação dolorosa de sua própria identidade, o ódio de si mesmo, decorrente de traumas experienciados por questões de etnia.

1.2

Segunda declaração

Desde rapaz sempre tive curiosidade de saber as origens das coisas. Perguntava a meu pai sobre a história da família e outras informações por causa do meu diferente sobrenome Masson e por ter ouvido a minha tia Paula Masson um dia ter dito para mim: “tem as unhas iguais ao do titio Alverman”. Meu pai era muito amargurado, genioso e reticente e pouco ou nada me contava sobre essas coisas. Eu sabia que meu avô, Leopoldo Masson, havia saído da França para o Uruguai por questões que meu pai dizia não saber contar. As informações que ia conseguindo, anotava num pequeno caderno. Soube que meu bisavô chamava-se Roque Masson, um cidadão francês, e que era comandante de um navio que saía da França para desembarcar pessoas em outros países (foi meu bisavô que deixou meu avô no Uruguai com sua primeira família). Também consegui saber que o navio do meu bisavô fora atingido por algum artefato bélico e naufragado, onde a maioria dos tripulantes morreu, inclusive meu próprio bisavô. A última informação que tive, através de uma tia, ainda viva e muito idosa, Linda Masson, foi que a primeira mulher de meu avô, cujo nome era Marie-Josée, logo que chegou ao Uruguai, cometera suicídio.

Recordo-me de que num determinado dia o pai descobre meu caderno-arquivo e furioso o rasga e me coloca de castigo. Mas isso só aumentava minha curiosidade de arqueólogo informal. Descobri, então, que meu pai, Benedicto Masson, colecionava livros de poesia e que também escrevia poemas. Porém, depois que se tornara militar, abandonara tudo. Encontrei todo material empoeirado pertencente a ele dentro de um rancho que ficava no quintal onde

¹ Auto-ódio judeu: é a negação dolorosa da própria identidade de uma pessoa, de parte de um povo ou raça. Isso aconteceu, por exemplo, com diversos judeus sobreviventes ou fugitivos do holocausto, que, possuídos por um grande medo, de serem capturados e mortos pelos nazistas, passaram a ter pavor de sua própria origem, convertendo-se, conseqüentemente, em cristãos novos, inclusive, em diversos casos, suprimindo seu próprio nome ou sobrenome.

morávamos. Li seus poemas de amor, mas não sei mais nada sobre eles. O material acabou desaparecendo.

Tenho comigo ainda alguns documentos guardados, como a certidão de casamento da minha avó, segunda mulher do meu avô, que se chamava estranhamente como solteira Juracy de Oliveira Oliveira (assim mesmo, escrito duas vezes “Oliveira”) e depois, como casada, Juracy de Oliveira Masson. Foi através da minha tia Anita Masson, falecida em 2013, aos 96 anos, que fiz descobertas surpreendentes acerca das minhas origens paternas e que também me entregou alguns documentos de uma prima sua que morrera em Auschwitz.

1.3

Terceira declaração

Passaram-se muitos anos. Foi num determinado dia do mês de dezembro de 1988 que decidi telefonar para Paulo Gurgel Valente, filho da escritora Clarice Lispector, irmã caçula de Elisa Lispector. Eu deveria estar com 25 anos de idade e já havia lido a maioria dos livros de Elisa Lispector, encontrados, como já disse, em sebos do Centro do Rio de Janeiro, e outros, posteriormente, doados por Márcia Algranti, sobrinha de Elisa e filha de Tania Kaufmann – esta, a irmã Lispector do meio.

Àquela época, já conhecia bem a obra de Clarice Lispector, bem como suas biografias. Através desses trabalhos biográficos, soube que Elisa Lispector era muito citada nas biografias de Clarice, haja vista as diversas referências feitas ao livro aparentemente mais autobiográfico de Elisa Lispector, chamado *No exílio*. Com assombro, li e reli, por diversas vezes, este livro, bem como todos os outros da autora: algo em Elisa havia me tocado profundamente. Senti-me irrevogavelmente afetado. Por que o sucesso do cânone Clarice Lispector e o contundente esquecimento de Elisa Lispector?

Elisa Lispector, dona de uma obra literária singular, importante e bem escrita, havia sido colocada no olvido. Não conseguia entender o motivo por que alguns escritores se tornavam canônicos e outros não. E o mais curioso: os escritores amigos de Elisa Lispector, em maioria, tiveram o mesmo fim: o total esquecimento no universo das Letras.

1.4

Quarta declaração

Telefonei, repito, naquele dezembro de 1988, para Paulo Gurgel Valente; esclareci que estudava, por conta própria, a obra de sua tia e que, se possível, gostaria de obter seu telefone. Lembro-me, como se fosse hoje, de ele me ter dito algo assim: “titia está muito doente, mas vai ficar muito feliz com isso”. Em seguida, telefonei para Elisa, expliquei que estava terminando minha graduação em Letras e que, se conseguisse continuar meus estudos, gostaria de fazer uma pesquisa sobre sua obra. Inicialmente, para meu espanto, Elisa achou que eu queria conversar sobre a obra de sua irmã Clarice. Somente depois de novos esclarecimentos entendeu que se tratava de sua obra literária. O fio de voz que havia do outro lado da linha tomou fôlego. Sentiu-se feliz e me agradeceu muito pelo interesse. Antes de desligar, me disse: “talvez não dê tempo para eu conhecer sua pesquisa. Mas estarei torcendo para que você continue seus estudos acadêmicos”.

Em março de 1989, telefonei para a casa de Elisa, mas sem sucesso. Voltei à UFRJ, onde havia me formado, à procura da professora Bella Josef, amiga de Elisa, que me contou sobre seu falecimento no dia 06 de janeiro de 1989. Senti-me muito triste.

Houve um grande hiato de quinze anos, em que não pude continuar meus estudos acadêmicos, em função do meu emprego na Prefeitura do Rio de Janeiro, que pouco – ou nada – me permitia estudar. Somente em 2003, pude retomar minha pesquisa de forma informal. Voltei a procurar a professora Bella Josef, que me concedeu a primeira entrevista; através dela consegui o telefone da irmã do meio, ainda viva, Tania Kaufmann, que aos 88 anos mostrou-se muito interessada em me ajudar. Nesse período, fiz várias entrevistas com Kaufmann e também com diversos escritores e amigos de Elisa Lispector.

Em algum dia do ano de 2004, Tania Kaufmann e eu, em um encontro na Lanchonete Cirandinha, em Copacabana, conversamos sobre a importância de Elisa Lispector para a literatura brasileira e nos questionamos se haveria alguma possibilidade de republicação de seus livros. Tania, então, me contou que, à época em que Elisa fez relativo sucesso, era muito admirada na Editora José Olympio,

onde publicava seus livros e que, até hoje, é responsável pela edição de suas obras. De repente, disse-me que precisava telefonar para Maria Amélia Mello, responsável naquela época pela área literária editorial. Dois dias depois, Tania me telefonou muito contente e me contou que, ao ligar para Maria Amélia, ela lhe disse: “Coincidência Tania, eu já estava para lhe telefonar mesmo. É o seguinte: a José Olympio quer fazer uma homenagem aos melhores escritores que durante muito tempo publicaram seus livros pela Editora. E Elisa Lispector foi uma das escolhidas”. Decidiram (Tania, logo depois, me mostrou o contrato) republicar dois livros dela: *No exílio* e *O muro de pedras*. Tania e eu nos sentimos muito felizes.

Assinalo que, após muitos anos afastado da vida acadêmica, eu havia então ingressado (2006) no mestrado da Universidade Federal Fluminense (UFF), na qualidade de aluno especial, objetivando, no semestre seguinte, ingressar oficialmente no Programa. Fui recebido muito bem pela Professora Lucia Helena, que já conhecia minha pesquisa sobre Elisa Lispector; por motivos pessoais, não pude dar continuidade ao curso.

Cabe frisar que o sucesso de vendas do livro *No exílio*, o primeiro a ser republicado, não foi suficiente para que o público leitor atual se familiarizasse com a obra literária de Elisa. A nova edição não proporcionou à Editora José Olympio retorno financeiro. Eu ainda havia comprado diversos exemplares do livro, numa tentativa de resgatar Elisa, presenteando-os a diversos amigos, conhecidos e também a professores. Mas não houve jeito. Sendo assim, a José Olympio acabou rescindindo o contrato e não quis mais republicar o segundo livro que constava no contrato, ou seja, *O muro de pedras*. Percebi, novamente, que Elisa fora devolvida ao exílio. Tania e eu ficamos consternados. Todas essas intempéries eram um tormento para mim e significavam uma tentativa frustrada e reiterada de resgatar a obra de Elisa Lispector. Parecia uma sucessão infinita de “nãos” em tudo que dizia respeito à Elisa Lispector.

Fez-se mais um novo hiato na minha vida, de 2008 a 2012, por conta de meus horários no trabalho, que me impediram de dar continuidade aos meus estudos. Somente consegui retomar em 2013, quando fui aprovado no mestrado

nesta instituição, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), com meu projeto sobre Elisa Lispector

1.5

Quinta declaração

Decidi iniciar a escrita dessa dissertação por meio desse relato autobiográfico, explicando a origem de todo o meu processo de encontro com e de reflexão acerca da obra de Elisa Lispector, pois a autora tornou-se a minha porta de entrada para as possibilidades da literatura como veículo de autoinvestigação: como um método de envolvimento com as dificuldades e os paradoxos de minha própria vida. Até agora, até este momento de escrita, uma questão reverbera em mim: “por que Elisa Lispector”? Tantas vezes fui desestimulado a estudá-la; desde a graduação, fui desencorajado: “ninguém a conhece, nem os professores, por que insiste em estudar Elisa Lispector?” Ao que eu respondia: “Justamente por isso: por que não estudar o fenômeno Elisa Lispector? Por que não resgatá-la, haja vista o seu valor literário?”.

Não pretendo transformá-la em escritora canônica, até porque o conceito de cânone é questionável e envolve muitos outros fatores, muitas vezes extraliterários.

Não vou tratar nesta dissertação da obra de Clarice Lispector. Sei que é inevitável tocar em seu nome, por serem duas escritoras irmãs e pertencerem a uma mesma geração de autores. Ambas praticamente começaram suas carreiras literárias na mesma época, talvez com uma diferença de dois anos, não importando se uma começou menos tardiamente que a outra. Por isso, quero também caminhar nesse sentido, objetivando, dentre outras coisas, entender o porquê de Elisa Lispector não pertencer mais ao rol de escritores importantes e formadores do panorama literário brasileiro.

Neste sentido, faço, mais adiante, algumas análises da fortuna crítica escrita, que na época tratou da produção literária de Elisa Lispector, além de me valer das preciosas informações obtidas em diversas entrevistas que realizei sobre a autora junto a familiares e amigos, bem como de diversos documentos, como os depoimentos que tive acesso, a correspondência que guardo em meu arquivo pessoal, e também dos arquivos consultados no Instituto Moreira Sales (IMS).

Além disso, parto, principalmente, do meu próprio trajeto como pesquisador da obra elisiana, tomando como base o conceito de “crítica biográfica”, trabalhado pela professora Eneida Maria de Souza, principalmente em seu livro *Crítica cult* (2002).

2

Método, Depoimentos, Anotações, Crítica, Biografia

I

A **Crítica Biográfica** (lugar de saber em que os limites entre os territórios disciplinares são enfraquecidos) por mim escolhida como orientação metodológica, possibilitou-me tratar a literatura para além dos seus limites exclusivistas; assim, pude construir pontes metafóricas entre os fatos vivenciados e a própria ficção em si. E é assaz necessário lembrar que essas pontes são tênues e quase indiscerníveis. Por isso, desconsidero, na presente pesquisa, linhas limítrofes e limitadoras que criem obsoletas barreiras entre o ficcional e o não ficcional. Aqui, vislumbro a articulação não hierárquica entre a obra e a vida da autora estudada, bem como insiro em meu trajeto de pesquisador todas as formas de afetos envolvidas.

Em *A leitura*, Vincent Jouve (2002) mostra que o ler envolve processos neurofisiológicos, cognitivos, afetivos, argumentativos e simbólicos. Se o movimento do olhar não é linear nem uniforme, e se cada sujeito neurofisiologicamente apreende os textos de forma diversa, a cognição dirá respeito às competências leitoras de cada um, em diálogo com os processos afetivos (as emoções entram) no contato com o texto. Participam da leitura processos de simbiose e identificação, bem como as estratégias argumentativas para expor a variedade de sentidos da escrita. No processo simbólico está envolvida a própria atividade de leitura que, por sua vez, se insere em um determinado imaginário coletivo, recusando-o ou aceitando-o (JOUVE, 2002, p. 17-22).

Valendo-me dos procedimentos de leitura da Crítica Biográfica, trabalho concomitantemente nesta dissertação, com a produção ficcional e a produção documental de Elisa Lispector, tendo em vista que meu objetivo consiste também em utilizar ativamente meu arquivo pessoal, composto de correspondência, depoimentos, críticas literárias, bem como de escritos e anotações sobre a minha vivência histórica e afetiva construída ao longo de meu trajeto como pesquisador independente. Trato, ainda, dessa minha relação entre arquivo e arquitetura da memória afetiva representada na construção de minha casa-arquivo. Dessa forma, proponho deslocar o lugar exclusivo da literatura como único *corpus* de análise e fazer valer também a constelação das relações culturais pertinentes. A abrangência

assumida pela Crítica Biográfica me possibilita escrever, de forma híbrida, uma crítica da obra em conformidade com a pesquisa biográfica. Diferentemente de trabalhos biográficos mais tradicionais, não se encontra nesta pesquisa as sequências de informações ordenadas que, por vezes, definem o gênero *biografia*. Este estudo não é tampouco um simples apanhado crítico dos livros de Elisa Lispector. Valho-me de uma maior abertura textual, visando abolir a crítica meramente valorativa ou de explicação da obra pela vida do autor, conforme as palavras Eneida Maria de Souza:

Independe do critério de valor exclusivista e fechado assumido pela crítica biográfica mais tradicional. (...) Não resta a menor dúvida de que o momento atual da crítica, em virtude da diferença de posições e do abalo dos lugares supostamente detentores de saberes particularizados, produz radicalismos e enfrenta atitudes exacerbadas que dizem respeito tanto à aceitação quanto à negação da interdisciplinaridade (SOUZA, 2002, p. 112).

A diferença quanto à crítica biográfica praticada durante esses últimos anos consiste na possibilidade de reunir teoria e ficção, considerando que os laços biográficos são criados a partir da relação metafórica existente entre obra e vida. O importante nessa relação é considerá-los como moeda de troca da ficção, uma vez que não se trata de converter o ficcional em real, mas em considerá-los como cara e coroa dessa moeda ficcional (SOUZA, 2011, p. 21).

A pesquisa, portanto, foi sendo construída através dos diversos saberes narrativos, a saber: os pequenos relatos e as inquietações; a análise incompleta e lacunar da obra; os acontecimentos em torno da vida do autor e do seu pesquisador; os mergulhos (falhos, talvez) nos arquivos; a arquitetura e a decoração da minha casa construída em Guapimirim. É pelo pluralismo dos desenhos da linguagem que a construção desta pesquisa ocorre, criando outro tipo de compromisso e legitimação, mais de acordo com a proposta da nova Crítica Biográfica. Nasce daí, a meu ver, uma forma mais ensaística, cujo resultado permite-me construir, com liberdade discursiva, com interesse pelo inacabado, este modo de expressão. Devo enfatizar, ainda, que tal liberdade pertinente ao ensaio não convive e não quer conviver, de forma alguma, com o cânone enrijecido e imobilista ou com qualquer espécie de unanimidade rasa praticada, em geral, pela academia, pois aqui o que se dá é uma relação tensa e rica entre textos não hierarquizados, que já aponta para um fenômeno que acontece através da intercessão conturbada e infinita entre afetos textuais, considerando que sem esse conflito não há como se sustentar o que denominamos ensaio. Este estudo,

consequentemente, expõe seu caráter inconcluso, objetivando dar um tom assumidamente precário, consoante uma reflexão narrativa que se forma em meio a intervalos, escassilhos e lapsos, o que me auxilia a apagar, rasurar e nublar os diversos textos que vão se sobrepondo uns aos outros.

II

Do meu primeiro encontro com Tania Kaufmann, em junho de 2003, a irmã do meio fez questão de enfatizar que as irmãs Lispector tiveram relações harmônicas e se pôs a narrar a história da sua família e a fuga para o Brasil. Afirmou que Elisa foi a única escritora (dentre das irmãs Lispector) que pôde testemunhar as atrocidades sofridas pelo seu povo e, em particular, por seus familiares. Ela tinha nove anos de idade na ocasião em que a família fugiu da Ucrânia para o Brasil. Tania afirmou que nem ela mesma se lembra daqueles fatos desastrosos.

Elisa Lispector iniciou sua carreira tardiamente. Seu primeiro romance, *Além da fronteira*, foi publicado já no final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando tinha 34 anos, pela Editora Leitura. Jamais consegui encontrar a primeira edição deste livro. Elisa Lispector, desde os 11 anos de idade, precisava cuidar dos problemas da família. Chegou ao Brasil, junto com seus pais e irmãs, em função da perseguição aos Judeus, fugindo dos *pogroms* que destruíram as aldeias dos povoados judaicos na Ucrânia, desde 1917, na época da Revolução Russa. Sua mãe já chegara ao Brasil muito doente, em função de traumas sofridos na época dos *pogroms* que atingiram a aldeia onde viviam Teplek. Marieta, a mãe, passou então a sofrer de hemiplegia (paralisia da metade do corpo que também pode ser decorrente de trauma sofrido). Elisa era a filha mais velha e na época da fuga tinha nove anos de idade; a outra irmã, Tania, tinha três anos e Clarice nasceu no meio da evasão, numa aldeia chamada Tchechelinick. O pai precisava sair para o trabalho e Elisa cuidava da casa, da mãe doente e das irmãs menores. Era uma vida sacrificada, que retardou inclusive a realização dos seus estudos. Em depoimento de Berta Lispector Cohen, prima e amiga de Elisa, podemos observar isso:

Você me contara como fora sua infância e adolescência; uma vida difícil e triste. Enquanto crianças da sua idade brincavam você já ajudava na cozinha quando suas mãozinhas ainda não alcançavam o fogão. Foi uma infância e adolescência sofridas, dedicada a uma mãe doente. Você como a mais velha das três irmãs tinha que assumir

responsabilidades na sua tenra idade. Pulando etapas do seu desenvolvimento, não viveu adequadamente sua infância e adolescência. Não teve oportunidade de estudar...²

III

Análise geral de alguns romances e contos: a pedido de seu pai, em 1945, Elisa escreveu, *Além da fronteira*, seu primeiro romance. Segundo entrevista da autora, Pedro, o pai, lhe disse: “Elisa, escreva a história de um homem, de um homem que se perdeu no caminho ou perdeu o caminho”. Infelizmente o pai de Elisa Lispector não pôde ver o livro publicado, por ter falecido antes. O livro conta ficcionalmente a história do seu progenitor. Trata-se da narrativa de um homem triste e solitário que sofreu traumas de guerra e precisou exilar-se do seu país de origem. É interessante notar que a autora, quando se reporta à infância da personagem Sérgio, faz questão de escrever seu nome em russo, ou seja, Serguei. Sérgio trabalha numa pequena editora pertencente ao personagem do Sr. Rodrigues, mas não consegue se adaptar à vida comum, não conseguindo escrever romances ou novelas que agradem ao público leitor da trama:

O Sr. Rodrigues viera-lhe ao encontro, com o manuscrito numa mão e com os dedos da outra cofiando nervosamente o bigode basto e hirsuto:

– Receio não poder repetir as experiências das vezes anteriores. Não é possível, mesmo- acentuou como se já não estivesse com o propósito firmado. – O senhor compreende, para mim isto é negócio. Preciso de literatura ao gosto do público (...). Meu amigo – está lhe acontecendo algo verdadeiramente estranho, incompreensível. As suas novelas são por demais subjetivas, e as suas personagens, as suas personagens – repetiu alçando os ombros – estão situadas fora da realidade. Os leitores de nível comum não as compreendem. Elas lhes turbam a paz. O público que lê procura nos seus livros um pouco de amenidade, o calor da simpatia, da compreensão, um tanto de fantasia também, convenho, mas nada de conflitos acerbos que se situam nos seus relatos. Ouça-me, meu amigo, não estou dizendo isso para magoá-lo, mas talvez, a psicose de guerra... Sérgio abriu a boca para falar, mas o outro se antecipou: – Quando digo psicose de guerra, digo da época tumultuada que atravessamos. Sei que o senhor não escreve sobre assuntos de guerra. Eu li os seus escritos. Mas há uma influência danosa em tudo isso. Não sei, talvez o exílio, as migrações por terras estranhas, a sua extrema solidão (LISPECTOR, 1988, p. 7).

Decido escrever um pouco sobre o primeiro romance de Elisa Lispector porque a autora, desde o início, se mantém fiel aos temas essenciais e permanentes já ali delineados e que farão parte de seu processo de criação literária: a introspecção, a solidão de personagens desenraizados e que são

² COHEN, B. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, em 09/07/09.

apaziguados através de uma tênue e vaga esperança que talvez possa, em algum momento, libertar o homem. As suas personagens, em todos os seus romances e na maioria de seus contos, se confrontam com a dor de algum desterro ou exílio, tornando-as incomunicáveis e solitárias, mas que no fundo também alimentam um desejo misterioso de serem transpassadas por um quase inalcançável desejo de comunicação e salvação. São páginas escritas sob o signo da mais funda angústia existencial, uma angústia metafísica que acompanha a obra de Elisa Lispector. No presente caso, a autora narra o comovente retrato de alguém à procura desesperada de si mesmo e de um sentido último para a vida. Sérgio tem uma visão extremamente descrente e profunda da realidade.

Cabe dar ênfase, que Elisa Lispector, em todas as suas obras, a meu ver, mostra, sobretudo, que sua coragem é de outra natureza. É a coragem de quem enfrenta os medos mais profundos, expondo-os com uma franqueza desarmada, e encontra aí, na confissão das fragilidades e na recusa do autoengano, sua maior força. Sem essa atitude, acredito, a obra elisiana não teria sido possível ou resvalaria para o óbvio. Elisa não se compraz apenas em cutucar feridas morais, mas tem consciência de que não pode ignorá-las, sob pena de produzir uma literatura irrelevante. A simples menção a certos embaraços soaria como inútil e constrangedor autoflagelo psicológico, não fosse Elisa uma mestra da narrativa. E assim é, tanto nos seus romances como nos seus contos, pois a autora dilui a fronteira entre os gêneros. Suas obras são construídas como ficção, enquanto a ficção está repleta de autobiografia, mas uma autobiografia que não necessariamente corresponde aos fatos.

Além da fronteira, é um romance discreto e sutil, uma homenagem da filha ao artista frustrado, que permaneceu vivo no peregrino que buscava incessantemente novas perspectivas. É o início de sua narrativa da solidão. Sendo assim, Elisa Lispector ousou desde o princípio, em todas as suas obras enfrentar o seu tema por excelência: a solidão humana, o homem à procura de um destino. Que sentido tem, afinal, a vida do homem, sua odisseia sobre a face da terra? Há sempre, no entanto, nessa clausura psíquica, uma fresta, uma leve esperança: “Sérgio saiu andando, a cabeça entre as estrelas” (LISPECTOR, 1988, p. 102). É neste momento que o relato tem seu final, apontando para uma possível dilatação

para o infinito, pois a autora, bem sabe que a vida humana tem um valor muito além do que seja o finito.

A única edição de *Além da fronteira* que existe é a de 1988, que Elisa Lispector republicou no mesmo ano, um pouco antes de sua morte, no intuito, talvez, de fechar seu ciclo literário. O fato do desaparecimento total da primeira edição do seu primeiro romance me intrigou bastante, porque tenho todas as edições de lançamentos dos livros da autora, inclusive *No exílio* (1948), que não é mais encontrado.

Quis, então, saber das críticas da época feitas ao seu primeiro romance. No meu arquivo pessoal nada encontrei. Nas pesquisas feitas no Instituto Moreira Salles, onde ficam os arquivos de Elisa Lispector, também não encontrei nada. O único documento que descobri foi uma pequena nota na *Revista Panorama*, de 1947, que diz que *Além da fronteira* (Editora Leitura Ltda, 1945) “é um livro bem recebido, aceito e prestigiado”. Ainda na mesma revista, lemos:

Elisa Lispector, a romancista de *Além da Fronteira*, estreou com uma obra moderna, cheia de força e penetração na análise psicológica dos tipos, quase todos mergulhados em fugas inesperadas. Desde então, a autora conseguiu um lugar marcante em nossas letras, sendo uma figura representativa de sua geração.³

Infelizmente, nesse pedaço da revista que possuo não consta o nome de quem escreveu a resenha. Faz-se essa observação sobre *Além da fronteira*, mas na verdade a matéria é sobre o livro *No exílio*.

Ratifico que em todas as narrativas de Elisa Lispector pode-se minuciosamente observar que a autora se mantém fiel à temática da solidão e da incomunicabilidade, à análise introspectiva, bem como à preocupação intimista – elementos obsessivos e também onipresentes, formando uma marca peculiar da escritora. Sua linguagem é trabalhada com precisão, expressividade e forte depuração, consoante um texto cuja temática existencial apresenta-se através de um registro autorreflexivo, ao mesmo tempo, agente e paciente. Não há exorbitância de verbalismos na obra elisiana, sendo interessante observar que é na própria dificuldade de comunicação dos personagens que Elisa Lispector encontra o vocábulo exato para a construção cristalina de suas histórias e sem hermetismos desnecessários.

³ MASSON, J. Arquivo pessoal.

Seus personagens são seres que têm medo, sofrem a angústia diante de um mundo apático e omissivo. No conto “Exorcizando lembranças” (1985), por exemplo, essas personagens experienciam a agonia de um viver sem raízes, em uma busca aflita por aquilo que foi deixado para trás, fazendo com que seus dias transcorram absolutamente iguais. Pergunta-se sobre o estar no mundo e o próprio sentido da existência, interrogando-se sobre os buracos fincados na alma, que é representativo do drama da condição humana. Carregam o destino como um problema em busca de solução e permanecem conflagrados diante de indecisões e de possíveis caminhos a serem trilhados. Os monólogos interiores registram a impossibilidade de diálogo: daí a densidade deste conto em que o indivíduo constantemente se interroga, promovendo um debate sobre a própria razão do existir diante de tantos conflitos existenciais:

De volta à casa, os dias continuam a dissipar-se lentamente. Todos iguais. Ela já sabe de cor o número de argolas que tem a corrente que sustem o lustre, e a das linhas que compõem a sanca à roda do teto. As noites e os dias são desertos áridos, descampados, que percorre com a carne lacerada e um desvalimento tal que raia às beiras da perdição (...). O onírico – é tecido de mistério, quem pode negá-lo? Mas, e a realidade? Haverá algo mais terrificante que certas fatias sangrentas de vida? (LISPECTOR, 1985, p. 57).

Elisa Lispector sabe criar com maestria uma atmosfera que resvala do consciente para o inconsciente, sempre na fronteira entre a recordação e o imaginário.

Neste conto, também se pode notar que o personagem principal é inominável e representa aquele que precisa buscar o seu passado para apaziguar o seu presente. Aliás, é também o momento em que podemos notar na autora a marca de guardiã de seu passado, de sua história exílica, daquela que abdicou de sua infância e adolescência para cuidar dos problemas da família.

Trata-se de um conto com características autobiográficas, no qual a autora escava seu passado remoto: a fábrica de sabão onde o pai trabalhava, a mãe doente. A narradora é a personagem principal, uma espécie de guardiã de um tempo sombrio e desencantado. Há uma passagem, neste conto, em que a palavra “chave” é citada. Recorri ao *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, e pude observar alguns de seus significados:

Chave: Guarda todas as portas e governa todos os caminhos (...). A chave simboliza o chefe, o senhor, o iniciador, aquele que detém o poder de decisão e a responsabilidade. No plano esotérico, possuir a chave significa ter sido iniciado. Indica não só a entrada num lugar, cidade ou casa, mas acesso a um estado, morada espiritual, ou grau iniciático Chevalier; Gheerbrant, 2000, p. 232-233.

Por conseguinte, observo que, ao lado da pintura de Elisa Lispector, em minha casa de Guapimirim (mais adiante comentada) coloquei-a próxima a uma porta pintada, cujo desenho é uma mulher segurando as chaves da morada. Observe-se mais um trecho do conto:

As caminhadas eram entre a casa e a fábrica. Todos os dias o mesmo ir e vir. Aconteceu isso quando o pai viajou para tentar melhor sorte na cidade grande, e, para garantir-lhes o sustento, nesse ínterim, deixou a filha em seu lugar na pequena fábrica de sabão (...). Ah, **ser a guardadora das chaves** do imundo galpão que servia de fábrica, enquanto o sol lá fora era radioso e havia nuvens tão alvas a pastorear! (LISPECTOR, 1985, p. 58-59).

Nas narrativas da autora, também é visível o poder mágico da linguagem poética. A busca por uma delicada e bela prosa é o caminho escolhido pela escritora com o intuito de fazer com que suas histórias se reportem, muitas vezes, às suas origens. Na verdadeira poesia, como na praticada por Elisa Lispector, destacam-se elementos altamente metafísicos. Através de seus questionamentos filosóficos e existenciais pode-se bem notar o grande heroísmo de sua literatura. Nesse processo narrativo, feito com riqueza verbal, descobrimos elementos-chave de suas iluminações reveladoras, tecidas de sensações advindas da natureza e de sua coloração, como, por exemplo, na passagem:

O sol se esconde por trás da serra da qual avista-se uma nesga pela janela. É o entardecer. Pede que não acendam a luz. Prefere ficar com o quarto às escuras. Só quer que virem a cadeira em direção ao poente, de onde pode contemplar o morro distante, e as árvores do topo recortando-se nitidamente contra o céu de uma azul que se vai incendiando de leves tons de alaranjado a uma diáfana claridade que parece vir de uma região longínqua, tomando gradativamente nuances para o roxo e, aos poucos, de um tom escuro cada vez mais profundo (LISPECTOR, 1985, p. 59).

Há, muitas vezes, o desejo de comunhão com todos os homens, na tentativa de romper a incomunicabilidade. Mas o narrador não consegue alcançar tal dimensão, pois “desde muito cedo ficou triste para o resto de seus dias, como se fora marcada com ferro em brasa” (LISPECTOR, 1985, p. 61). A sensação de desamparo é clara: “Porque a sensação de desamparo que se abatia sobre todos em

seguida a essas visitas espaçadas por vezes tornava-se quase insuportável. Elas lhes abriam os olhos para o abismo entre eles...” (LISPECTOR, 1985, p. 62).

E há também a constatação da terrificante incomunicabilidade: somente a artista no auscultar consciente do seu fazer literário poderá explicar se há saída, numa luta nem sempre incólume contra os limites do processo estético e da expressão. Deste modo, talvez a arte seja o caminho do entendimento, da possibilidade de um maior conhecimento, do “chegar a ser”. A busca de autoconhecimento da personagem processa-se paralelamente à sensação de abismo e plenitude, enquanto o escritor cria, escrevendo. As palavras alinham-se em ideias, podendo assim explicar o inenarrável e identificar o indizível.

Explorando a realidade interior com visão penetrante e perspicaz, sem hermetismos ou falsos experimentalismos, Elisa Lispector é uma artista consciente de seu fazer artístico, com constância, clareza e dignidade.

Por meio do seu livro póstumo, que comentarei mais adiante, *Retratos antigos*, organizado por Nadia Battela Gotlib, pode-se visualizar Elisa Lispector que, além de guardiã do seu próprio fazer literário e narrativo - da elaboração de suas personagens cindidas e deslocadas, se mostrará guardiã das tradições do seu povo, dos objetos (de sua casa) e dos amigos e familiares que fizeram parte de sua história de vida lacunar.

Destaco agora alguns de seus importantes e belos contos, que tratam destes aspectos, inclusive, propondo ainda ler Elisa como guardiã de uma escritura elegante e hialina. Trata-se primeiro do conto “Inventário”, que dá título a seu livro escrito em 1977 (*Inventário*) e também do conto “Insônia”, que faz parte da composição desse livro. Nestes contos, a autora traz à baila o questionamento do seu próprio existir, corporificando o viver na sua incessante busca de apreensão de sua narrativa repleta de uma linguagem diaspórica, das lembranças, dos retratos quase apagados de uma memória que luta às duras penas para que, mesmo de forma inconclusa, permaneça como força e coragem de uma escritura lúcida e elegante, sem qualquer possibilidade de desvios e explosões narrativas que porventura possam afetar a construção e plenitude de seus textos literários.

Ao criar personagens, em sua maioria femininas, habitantes de um tempo cronológico precário, a autora as lança como denunciadoras da desorientação e do

atordimento criados por uma opulência de imagens antigas que as afastam do natural objetivo da vida humana. Em “Inventário” Elisa funda um tempo interior, mesmo em estado constante de deslocamento e em uma busca incessante de suas raízes e de seu passado como forma de uma possível e quase inútil comunicação com o mundo atual, ou seja: ela visa a estabelecer com o universo e com os homens um diálogo criador. Potencia-se, pois, um campo de interação entre o estético e o humano. Ao intuir a trajetória vivencial, os entes elisianos se conscientizam da complexidade que é percorrer, num palmilhar gradativo, a trajetória de autoconhecimento. Embora a meta a atingir seja o nunca chegar, é importante que se avance com decisão, abrindo seu próprio caminho, sem interferência de outrem. A palavra é o que possibilita o expressar-se e suas histórias, com personagens que vivenciam trajetórias, muitas vezes através de suas memórias falhas, se entrelaçam numa escritura perspicaz, não fragmentada e delicada. Como já afirmei, Elisa, através da força da palavra, opera a conscientização literária da existência. A trajetória da narrativa se calca sobre a trajetória vivencial que, em um primeiro enfoque, se caracteriza pela inutilidade: “– Então, sim, digo comigo, reconhecendo que há muito já não estou vivendo para adiante, mas que venho vivendo para trás. Só de reminiscências esparsas, esgarçadas.” (LISPECTOR, 1977, p. 85).

Manuseando suas narrativas com automação e objetividade, a personagem se apresenta como um ser fissurado, que se revela ontologicamente. Instala-se, portanto, a necessidade de uma volta ao estado originário para que se inicie um novo percurso, marcado por dúvidas e angústias, que conduzirá ao Tudo ou ao Nada.

Em outro trecho de “Inventário”, pode-se bem atestar o procedimento da personagem:

Porque inventário é a viagem de retorno, percorrendo chão de lágrimas muitas e de pequenas e efêmeras alegrias. Chão de solidão e amarguras. Caminho para chegar a lugar nenhum, sentida a inutilidade de impulsos que foram gerados, sonhos que resultaram em pesadelos. Duro e sofrido despertar. Mas é estrada que precisa ser percorrida, para se atingir o ponto a partir do qual se possa retomar o mingüado curso da vida que ainda resta por viver (LISPECTOR, 1977, p. 86).

Como já fiz referência, no decurso do conto “Inventário”, aproveito para corroborar a concepção que tenho da autora como sendo a guardiã de uma escrita que não só escava as profundezas do ser, mas também a sua história, por meio de uma escrita autóctone, que significa uma tentativa de Elisa de tornar suas histórias um verdadeiro relicário de vidas deslocadas. A autora tingiu tudo isso com o brilho de uma escritura diáfana, mas que também simboliza a solidão de seres que foram banidos de sua terra natal, cujo único apaziguamento talvez seja uma aparente libertação através de suas memórias.

A constituição dos contos do livro resume um pouco aquilo que a autora, com ousadia e maestria, teceu em sua arte: Elisa Lispector, a guardiã de sua obra, a inventariante de sua própria escritura. “Inventário” mostra, em síntese, uma Elisa mecenas de si, aquela que mantém a função de guardiã do seu estilo de escrita, que é a busca pelo conhecimento – na forma de autoconhecimento – quando trata suas narrativas com maior radicalidade. Podemos daí perceber a investigação articulada pela personagem – arqueóloga à procura da dúbia e inacabada verdade empreendida, sempre se observando a relação de si com o universo que se descreve como processo de isolamento e de individualização, quando até mesmo se percebe transformada nos elementos apreendidos pelos sentidos: “água, som, uma leve nuvem de vapor que paira acima do rio, e luz” (LISPECTOR, 1977, p. 95).

Em seguida, experimentada a “coragem” da redescoberta da vida, percebe que “a simples verdade de *ser* não se pode negar a ninguém. O grave mistério de estar sendo é visceralmente, intrinsecamente, a verdade de cada um”. (LISPECTOR, 1977, p. 97). Isto poderia ser compreendido como um paradoxo, pois se considera que “a ideia de inventário implica necessariamente a resultante de um legado” (LISPECTOR, 1977, p. 87). Assim, se pergunta: “como se pode legar a verdade instantânea de cada um?”. O impulso da personagem – enquanto inventariante, no que considera na sua “viagem de retorno” (LISPECTOR, 1977, p. 86), é o de “doar o aprendizado existencial do dia a dia” (LISPECTOR, 1977, p. 87), tarefa impossível que, no entanto, é desempenhada até seu limite. Daí isto se configurar como a necessidade de coragem. Um enfrentamento da solidão e da dificuldade – “do abismar-se na sua condição” para “orientar-se para fora” (LISPECTOR, 1977, p. 86)– resulta em sensação de paz com a experiência de

“captar o instantâneo momento de eternidade” (LISPECTOR, 1977, p. 94), correspondente à da “redescoberta da vida num plano para além de dores de vicissitude” (LISPECTOR, 1977, p. 96).

Em vários dos contos, talvez se possa considerar que, para fazer-se “guardiã” lúcida da sabedoria arduamente alcançada e sempre estável e secreta, a personagem tende a concentrar-se em seus estados de devaneio, sonho miragem e alucinação. Exemplo disso é o conto “Insônia”, onde Elisa Lispector, de forma onírica, toca no massacre sofrido pelo povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial, sendo também este estado de perda de noção de tempo que impulsiona o enfrentamento do mistério:

Então desperto com a sensação de haver dormido um sono leve e inquietante. Um sono que teve muito de vigília. Aliás, se não lhe soubesse no campo, diria ser, antes, o surdo marulho das ondas do mar, arfando pesadamente e vindo quebrar-se na praia num baque de extenuação (LISPECTOR, 1977, p. 17).

É justamente neste texto que, quando considera as notícias assustadoras do presente em que vive, a personagem monologa sobre as incompreensões da crítica diante de sua literatura:

Mas lá estou eu recaindo no ‘terra a terra’, no que classificaram como ‘indícios de uma geração em conflito’ os críticos que apreciaram meu último livro. ‘Nenhuma densidade’, pontificaram. ‘Criatividade alguma’. Ressinto-me ferida por tão injusta avaliação, e, talvez em revide, tento pensar em algo menos concreto, algo assim que se possa enquadrar na moderna concepção do mágico, do fantástico (LISPECTOR, 1977, p. 14).

Mesmo sem saber contra que críticas a autora estava levando sua personagem a rebelar-se, percebe-se, neste desabafo, muito mais um estratagem para afirmar a complexidade e a importância fundamental daquilo que a escrita (da personagem / da autora) persegue: “a verdade de cada um é a sua vida, e também a sua morte. (...) que a morte é que imprime as dimensões da vida” (LISPECTOR, 1977, p. 14). Em tais explorações do conhecimento, no entanto, não se perde a dimensão crítico-política do tempo, nem se percebe qualquer restrição a situações de um grupo humano ou de um povo:

Os sub-homens que nos superlotados trens da morte conduziam homens, mulheres e crianças a caminho dos campos de concentração (...) nem sequer esperavam que as sombras da noite descessem para esconder os seus crimes. Perpetravam-nos em plena luz do dia. Bergen-Belsen, Hiroshima (LISPECTOR, 1977, p. 15-16).

Cabe notar que as considerações seguintes podem ser lidas tanto como minimização quanto como valorização das perquirições desenvolvidas através da arte/pensamento: “Não é fantástico que frente a esses cometimentos ainda nos embrenhemos em circunvoluções filosóficas, e tentemos nos refugiar nos frágeis invólucros das palavras sutis, evanescentes, nas palavras, não mais do que palavras?” (LISPECTOR, 1977, p. 16). Parece interessante guardar a ambiguidade da pergunta na exploração da força da literatura, que a autora-guardiã insere e escreve em sua própria redoma.

Em “Réquiem”, surpreende-se a mesma intensidade de força vital, ainda que em circunstâncias adversas:

Mas é tão teimosa e persistente a força da vida que somente com perseverança e método se pode extirpá-la, foi dizendo para si bem no íntimo. – Aí, o anseio da redenção que sempre acalentei, e jamais obtive a graça de alcançar! – gemeu tão fundo, e tão sofrido como só uma única vez alguém gemer (LISPECTOR, 1977, p. 60).

A tarefa persistente de “guardiã” da vida pode manifestar-se, como a que e em alguns outros contos, na análise das manifestações da própria subjetividade, que se apresenta cindida ou fragmentária:

Inadvertidamente olhou-se no espelho manchado pela poeira e o tempo e, de súbito, como se fosse pela primeira vez, percebeu nitidamente a existência desse segundo eu que a ela vinha tão intimamente amalgamado desde sempre, mas que neste momento a excedia (LISPECTOR, 1977, p. 59).

Como no conto “Réquiem”, embora sem a justificativa profissional, a personagem está constantemente procurando “configurar uma nova modalidade de ser” (LISPECTOR, 1977, p. 64). Seu caminho para atingir certa tranquilidade, no entanto, só se apresenta quando, ao “cair vertiginosamente para dentro de si mesma”, a personagem “teve uma última e grata sensação, embora cada vez mais leve e diluída: a de compreender que não mais precisaria simular” (LISPECTOR, 1977, p. 65).

Todas essas maneiras de traçar itinerários de constituição e busca de transmissão de “legados” de (auto) conhecimento, onde a construção de si se faz no contágio pelo outro observado intensamente, desenvolve-se numa linguagem que transmite uma absorção tensa, mas apaixonada com a tradição já secularmente

burilada de uso das palavras – absorção resultante do conhecimento da importância decisiva da linguagem.

Como se afirma, em “Medo”: “Só com o nascimento do verbo se humaniza a criatura” (LISPECTOR, 1977, p. 5). Tal humanização, por sua vez, não se refere a um lugar proeminente do homem, mas à força que impele ao contágio do humano pelas outras espécies, animal, vegetal e mineral. Por isso mesmo, é o vocabulário referente à natureza que predomina na configuração das trajetórias das personagens, que são inventariantes das possibilidades de se surpreenderem os segredos da vida e transmissoras desse “legado”, graças a seu trabalho acurado de seleção e articulação das palavras.

Situar Elisa Lispector no âmbito da Literatura Brasileira não será tarefa simples para o pesquisador da literatura, pois ela parece pertencer às Letras de outro país por um fenômeno de geração espontânea. Como as narrativas de Samuel Rawet, Astrid Cabral, Adagilsa Nery, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Octávio de Faria e alguns outros, a de Elisa não revela influências autóctones e nenhuma filiação particular evidente. As semelhanças com os temas de Clarice não denotam imitação e nem fonte de inspiração, sendo mais ou menos simultânea a evolução literária de ambas.

Cabe aqui observar, que, diferentemente de Clarice e também de outros escritores como, por exemplo, Guimarães Rosa e Lígia Fagundes Telles, que podemos situar Elisa na contramão de uma crítica literária que já ia nascendo e fazendo parte dos grandes centros universitários. Fica notório, pois, que Elisa Lispector, juntamente com outros escritores que se filiam à sua fortuna literária, vão ficando esquecidos (Octávio de Faria, Lúcio Cardoso e Antonio Carlos Villaça etc.) diante dos novos movimentos críticos que surgem já nas últimas décadas do século XX.

Assim, em minha visão crítica, tal contraponto entre críticas, pode servir para localizar que setores formadores de opinião, especialmente na imprensa, se ocuparam, com interesse e persistência, da obra de Elisa Lispector. Seriam, creio, os chamados “críticos católicos”, voltados para a literatura cosmopolita e de pesquisa do íntimo e do monólogo interior. Tal rastreamento de alguns artigos, que serão citados, permite situar Elisa no panorama literário da segunda metade

do século XX, mas, aqui, já no intuito de apontar, também, para uma possível reanálise literária pela nova crítica universitária, que precisa resgatar a fortuna teórica e literária destes escritores que necessitam de urgente reavaliação. É somente através da escavação do passado literário que podemos escrever, criticar, justificar e falar sobre os autores que nasceram e, subsequentemente, romperam com um tipo de literatura mais a gosto dos formadores do cânone moderno, mas que, se hoje existem, é porque germinaram a partir da experiência consciente ou inconsciente de uma literatura mais calcada no íntimo, na autorreflexão e no monólogo interior.

Já para iniciar tal perspectiva católica, cito o crítico Nataniel Dantas, que, ao analisar a obra elisiana, já observa a ausência de elementos geográficos ao escrever a crítica⁴ do livro de contos *Sangue no sol*. Também Hélio Pólvora, em *A força da ficção*, diz que em *Sangue no sol* Elisa trouxe para o conto o que praticava em seus romances – uma prosa diáfana, que escorre com a facilidade de um “regato cantando”, construída à base de símbolos e metáforas, afirmando que os contos da autora são bem realizados, organicamente acabados, condensando, com perfeição, o pequeno universo de suas personagens, como “se fossem gotas d’água”. Acrescenta que Elisa traz para o conto a linguagem já encontrada em seus romances, sua linguagem subjetiva e indivisível, do escritor que testemunha, descrevendo e concluindo, e não a linguagem impessoal flexível e variada captada pelo escritor:

Elisa Lispector preencheu o espaço do conto com um *pathos* imutável que (...) deve mudar necessariamente de um conto para outro, porque as situações individuais nem sempre se reproduzem na experiência coletiva”, usando uma técnica tradicional, mas surpreendente para sua revelação máxima: “presumindo acontecimentos anteriores e posteriores (...) No espaço instantâneo da ficção a contista apresenta os personagens em estado de esclarecimento pessoal, empenhados em rigoroso monólogo, num processo de narcoanálise. Eles pensam – e pensam do mesmo modo, literariamente, seguindo uma linha filosófica comum (PÓLVORA, 1971, p. 41).

Podemos notar que a geração de críticos, surgida nos anos 50 do século XX, graças às revistas e suplementos literários, pôde praticar intensamente a crítica, ainda sem preocupações universitárias, mas dentro do ângulo da crítica da época.

⁴ DANTAS, Nataniel. Contista da solidão. *Estado de São Paulo*, Suplemento Literário 05/09/70, p. 02.

Creio que, assim, se pode ter uma noção do tipo de recepção que a crítica deu à Elisa.

Homero Senna, por exemplo, ao falar de *O muro de pedras*, no *Correio da manhã* (10/08/1963), já havia notado que o livro era “pouco brasileiro”. De fato, Elisa Lispector, foge de qualquer tentação para o folclórico. A única concessão à história e à geografia encontra-se no romance *No exílio*, de cunho aparentemente autobiográfico, que descamba às vezes para a polêmica política e seu respectivo engajamento. Nas outras obras de Elisa, em geral, as paisagens são, sobretudo, interiores. Trata-se de uma literatura intimista, até então desconhecida nas letras brasileiras, pelo menos com tamanha intensidade, reduzida à vida do pensamento, e na qual a ação ou é ausente ou nunca predomina.

Para sua escrita introspectiva, a escritora recorre a uma linguagem altamente depurada, esquivando-se de qualquer coloquialismo, de qualquer concessão desse tipo ou conotação que possa fixá-la no tempo ou no espaço ou ligá-la a uma sociedade ou a um momento histórico dado. Elisa realiza um velho sonho de uma linguagem tão cristalina tão decantada que poderia ser concebida em qualquer época ou país e que pode ser traduzida em qualquer outro idioma sem nada perder de sua elegância e precisão artísticas.

O mundo da escritora lembra a literatura francesa: o classicismo no que diz respeito à sobriedade do estilo, o existencialismo no que concerne à temática, pela visão metafísica. A cultura da autora, porém, transparece com muita parcimônia. O único pensador diretamente mencionado é o rabino Maimônides. Os temas filosóficos que predominam nas obras de Elisa Lispector são os da cultura contemporânea: angústia existencial, relatividade temporal, e o neoceticismo.

As preocupações filosóficas da autora são tão preponderantes que fizeram o crítico Nataniel Dantas afirmar que ela não cria personagens. Significaria isto que ela não faz senão ventilar ideias à custa da expressão artística? Muito pelo contrário, a tentação ensaística nunca vence ou diminui as personagens, cuja intensidade vital adquire uma dimensão mais autêntica. Elisa Lispector conhece profundamente o poder de transposição da realidade psíquica para o plano literário, sem que esta perca a intensidade ao ser transplantada para o narrativo. De acordo com minha leitura de vários críticos da época, posso sintetizar que o

sentido da obra elisiana é como uma inquirição nos meandros da solidão e da incomunicabilidade, elementos obsessivos e onipresentes. Talvez a definição mais feliz seja a de “solidão ontológica”, proposta por Bella Josef: “A temática obsessiva na autora – a impossibilidade de diálogo na sociedade burguesa, dando como resultado a solidão e o desespero do homem – assume dimensão ontológica na obra de Elisa” (JOSEF, 1975, p. 4).

Com efeito, Elisa Lispector não cria personagens prostrados e aniquilados por uma banal solidão, nem seres temporariamente aflitos por pequenos problemas. Na sua obra, o conflito da personagem com o mundo é um estado permanente de indivíduos que não conseguem uma ligação com o outro. Do plano ontológico ao metafísico há apenas um passo e Elisa o percorre rapidamente na sua obra. Um determinado crítico francês, segundo o também crítico Pietro Ferrua⁵, já afirmara, a propósito da literatura elisiana, que “Si bien ce roman a quelque chose d’existentialiste, en tout cas il fait penser à l’existentialisme, même si sa conception si prolonge jusqu’à une transcendance métaphysique”.

Samuel Rawet, comentando sobre a questão da educação, no artigo “O ‘enfant sauvage’, dá exemplos da literatura, referindo-se, paralelamente, a Graciliano Ramos e Elisa Lispector: “Graciliano Ramos se enfrentou corajosamente em *São Bernardo*” (...). Elisa Lispector em *A última porta*, fica no mesmo nível e no mesmo grau de complexidade”.⁶

Em *O muro de pedras* Elisa Lispector narra a história da protagonista Marta. O romance tem seu início de forma cristalina e sensorial, com a personagem principal despedindo-se de sua mãe, após uma visita conflituosa, depois de muito tempo sem ver a filha. Inicialmente, a narrativa resvala em profundos questionamentos entre mãe e filha e sobre a condição atual de duas mulheres solitárias e descosidas do mundo, sempre à deriva. Tal romance faz lembrar-me do fascinante encontro entre mãe e filha no grande filme de Ingmar Bergman, *Sonata de outono*.

Elisa Lispector, mais uma vez, utiliza-se de uma linguagem poética, clara e inteira, que não descamba, em nenhum momento, para uma história pueril e superficial. Trata-se do ser humano defrontando-se com sua grande solidão e, com

⁵ *O dia mais longo de Thereza*. Prefácio de Pietro Ferrua. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

⁶ “Enfant sauvage”, *Jornal do Brasil*, 04/10/75.

certeza, não é qualquer autor que consegue edificar com excelência um tema que, se não bem cuidado, pode desabar em hermetismos inúteis e rasteiros. O livro inicia-se com uma bela cena, transparente, de despedida e solidão:

Marta permaneceu no cais vendo o navio afastar-se lentamente, até não mais distinguir a fisionomia de sua mãe quebrada por um pranto súbito, e rompido no derradeiro instante da despedida, como se apenas nesse momento ela se tivesse conta de uma realidade que, embora preexistindo, só agora divisava claramente. Em pouco sua silhueta se foi apagando, confundindo-se com as manchas de cor dos vultos de outros viajantes, depois já não se vendo senão o bojo do navio até que também este começou a diminuir, à medida que acelerava a marcha em demanda à barra (LISPECTOR, 1976, p. 1).

A indagação sobre os enigmas do ser e de sua respectiva solidão está presente com mérito nesse romance da autora. E esta interrogação é típica de todas as suas personagens centrais, usualmente, mas não exclusivamente, femininas, em busca de si mesmas, quer elas sucumbam na procura ou surjam vitoriosas. Trata-se, em geral, de uma mulher só, enfrentando um mundo hostil ou indiferente, o que lhe oferece a oportunidade de pôr em questão as relações humanas em diversos níveis: as do casal, da família, dos vizinhos, dos amigos e de qualquer possibilidade de ambiência, especialmente.

Marta, de *O muro de pedras*, chega à conclusão de que não é fora dela mesma e sim em suas entranhas que se encontram as respostas: “E de repente ela tombou na trágica realidade de que o ser é só ele, e que unicamente no aprofundamento interior se reencontra e é” (LISPECTOR, 1976, p. 1). Pois a solidão não é ausência de afetos e de comunicação entre os seres. Fica notório que, mesmo ao lado de alguém, esse sentimento de *derrelição* [abandono] potente e forte solidão permanecem.

A indisfarçável incomunicabilidade pertinente ao ser humano, mesmo em situações em que esteja unido intrinsecamente a alguém, indica como o sentimento amoroso pode ser vulnerável e impotente, impedindo uma plena e completa comunhão entre os seres, denotando, muitas vezes, um superficial viver em comum, desprovido de laços e intensidades que poderiam caracterizar uma completude autêntica. Não que o desejo do amor ou a tentação da própria carne não apareça na obra de Elisa. Para corroborar isso, é necessário citar uma cena de delicada e forte ternura e atração entre Maurício e a Marta:

Depois Maurício tirou-a para dançar, ela ainda querendo esboçar um movimento de existência, pois parecia, até onde se lembrava, nunca ter dançado até então. Mas sua resistência era tão débil, tão débil, e a pressão da mão de Maurício tão suave e tão convincente. E o mar morno intumescia e subia em vagas tão mansas e aveludadas, e aflagava tão deliciosamente. Como era agradável banhar-se nessas ondas acariciantes, e fechar suavemente os olhos ao fulgor resplandecente da luz se partindo em faíscas de fogo e cristal nas espumas róseas das vagas. Pois sim, diziam aqui escendo os lábios sorridentes à sua volta, pois sim. E tudo era tão fácil, que ela nem sentia os pés ao tocarem o *chão* (LISPECTOR, 1976, p. 81).

O muro de pedras é o romance mais premiado da autora. Na época de seu lançamento, obteve inúmeras críticas favoráveis. Trata-se de uma narrativa introspectiva, carregada de sentimentos profundos e complexos e fincada em uma prosa, em muitos momentos, altamente poética, onde a palavra se perpetua na narrativa como guardiã da história em si e que vai penetrando nos recantos mais densos da alma humana, em seus personagens, configurando-se ora como sombra, ora como possibilidade de iluminação, como bem se pode visualizar já no fim da narrativa desta obra:

Iluminar a casa seria o começo. E depois? Como falar às pessoas, como tornar a atar os laços com Bruno, e com o filho? Como e em que escorar as esperanças para o dia seguinte? (...) Quando atendeu ao chamado para jantar, no primeiro instante em que penetrou na sala iluminada, ainda estacou, custando-lhe enquadrar-se nessa realidade que continuava a sua tessitura para além da realidade que era a dela (LISPECTOR, 1976, p. 164-165).

Por meio do seu solilóquio, Marta, numa tentativa de comunicar-se com os demais, amplia os limites de um processo de compreensão e inteligência, permitindo, conseqüentemente, que se ilumine a interseção das trajetórias vivenciais. A personagem renuncia a valores palpáveis e, por conseguinte, mergulha em outra dimensão mais libertadora, desvelada e iluminada. É a personagem principal que, no cenário exterior e interior de sua vida, acumula um mundo de riquezas dispostas em uma determinada estrutura a qual, ao final, como vimos acima, faz com que seu pensamento, num momento epifânico, brilhe com intensidade, forjando um mundo mágico e aproximativo, mas ainda angustiante e solitário, já desenhado com esplendor pelos grandes escritores delatores da solidão humana.

Como já disse anteriormente, o romance foi recebido com méritos calorosos, exceto pelo crítico Assis Brasil⁷, que afirmou considerar, por exemplo, “a escrita em monólogo, ‘limitada por uma linguagem pobre e por uma análise insuficiente”, além de faltar na autora a “dimensão do dramático”. Em contrapartida, porém, a essa crítica negativa de Assis Brasil, vários outros críticos da época tecem elogios ao romance, como é o caso de Octávio de Faria, Antonio Carlos Villaça, Hélio Pólvora. Octávio de Faria diz o seguinte sobre *O muro de Pedras*: “Alcança plenitude ideal da forma, entrando resolutamente no âmago do romance”. Já Antonio Carlos Villaça, julgando o mesmo livro, destaca o uso das palavras precisas no monólogo interior da personagem. Considera “fascinante” a maneira como a autora descreve suas personagens “defrontando-se consigo mesmas”.

A crítica Bella Josef aponta o vigor das sensações e dos sentimentos das personagens elisianas, que “tece um estilo de grande elegância e lesividade, pintando delicados quadros e painéis nas suas narrativas, onde comumente encontramos a profunda tenção emocional, que é dissimulada por traz de uma aparência de algidez”.⁸

O amor, porém, como já assinali, não dura. Sua fragilidade e caducidade são frequentemente denunciadas e a crítica Bella Jozef já escreveu a esse respeito, ao tratar do livro de Elisa Lispector, *A última porta*, que chegou a considerar como “um procedimento de tipo *Nouveau Roman*, evocado a simples *mise em abyme*”.

O incontestável ocorre quando o amor não volta, podendo isso ser o suficiente para levar a personagem ao desespero e à aniquilação: “O amor vai-se escoando gota a gota” (LISPECTOR, 1975, p. 65), “até sua fonte secar” (Lispector, 1975, p. 51). A personagem, porém, não afasta de si o amor, deliberadamente; tudo acontece quase em virtude de uma obscura condenação, mal aceita por ela: “A verdade que lhe custara viver sem amor” (LISPECTOR, 1975, p. 101). Descobre Ana, a personagem principal do romance *A última porta*, lamentando que “na idade madura persistia ainda o apelo dos sentimentos em vez da paz que ela esperava que os velhos tivessem” (LISPECTOR, 1975, p. 41). Essa

⁷ BRASIL, A. *Jornal do Brasil*, 21/08/1963. Recorte de arquivo pessoal.

⁸ Recorte de jornal. Arquivo pessoal.

é uma das contradições do ser humano posta em relevo pela autora: a necessidade do amor e sua impossibilidade. A vida do personagem é um balancear perpétuo entre os dois polos.

Octávio de Faria, sobre o livro *A última porta*, diz que “Elisa Lispector nos oferece um dos mais perfeitos exemplares de vocação de ficcionista (...). Se alguém merece um prêmio de persistência, de confiança em seus dotes íntimos, de fidelidade à sua vocação esse alguém traz um nome, e esse nome é Elisa Lispector”⁹.

Aproveitando a oportunidade, Octávio de Faria traça um painel das personagens elisianas, que, a meu ver, combate o que alguns críticos, como Fausto Cunha e Assis Brasil, já falaram sobre as personagens de Elisa: dizem que vivem mergulhadas em monólogos e que são repetitivos. Elisa Lispector tece suas narrativas com ousadia e persistência. E, se há monólogos constantes em seus romances e contos, não é em função de uma possível falta de criatividade. Elisa, com sua escrita, através talvez de um processo narrativo hiperbólico, cria sua linguagem, com suas nuances, para esbarrar em uma mesma temática: o homem diante da solidão e o porquê de seu estar no mundo.

Voltando à fala do crítico Octávio de Faria, ainda se observa, com bastante pertinência e seriedade, algumas questões por ele levantadas:

Figuras femininas repetidas? De forma alguma. Lizza, Constância, Marta, Thereza, Ana ou as não nomeadas nos livros de contos, são criaturas perfeitamente distintas, umas das outras e em nada se repetem. Nem em seus tipos humanos nem em sua problemática vária e, a cada passo, variável¹⁰.

O essencial não é cair vítima do contraditório. É ficar lúcido, apesar da fragilidade humana, apesar do perigo da superficialidade das relações humanas, apesar da impossibilidade de convencer ou conquistar alguém, apesar da carência do calor humano, do perigo da trivialidade da existência e da ameaça do efêmero. O essencial, como se pode perceber em um trecho do livro *No exílio*, é lembrar que “cada qual deve seguir o seu destino, viver a própria vida” (LISPECTOR, 1971, p. 55), “se bem que essa vida mesma possa ser um sonho, como pensa Lizza” (LISPECTOR, 1975, p. 135).

⁹ *Última Hora*, Rio de Janeiro, 23/04/75.

¹⁰ *Última Hora*, Rio de Janeiro, 23/04/75.

A personagem tem o dever para consigo mesmo: “valer-se a si mesmo” (LISPECTOR, 1975, p. 155) é aprender o duro ofício de viver, o que não é fácil, porém, como o revela Marta de *O muro de pedras*, que “se afligia por não saber de onde lhe adviria o conhecimento necessário para vivê-los [os anos]” (LISPECTOR, 1976, p. 26). Esta sabedoria só se adquire depois de uma inquirição “desassossegada” (LISPECTOR, 1975, p. 92), ao longo de uma vida que talvez seja uma caminhada inútil, dentro de um grande círculo de solidão, no meio de um sofrimento e de pura perda, mas que também é o único escape.

Configura-se assim o itinerário espiritual de Elisa Lispector. A ideia de que a vida é mais forte que a nossa vontade que já a florava em *No exílio*. A vida fora mais forte do que a doença e o desespero para Lizza, depois de 18 meses de sanatório: “a vida é mais forte do que nós”, (LISPECTOR, 1971, p. 149) havia-lhe dito a personagem Mercedes, que acreditava numa aceitação quase fatalista da vida. Não resta ao ser humano senão olhar no fundo de si mesmo com coragem e aceitar-se em sua solidão, pois ele não pode ir além de si mesmo.

Dinah Silveira de Queiroz, quando da segunda edição de *No exílio*, em 1971, diz tratar-se a obra de “um pequeno grito humano”, tão bem escrito, como é a obra de Elisa Lispector; existe, na obra em apreço, a síntese de um povo, o judeu, “na sua luta pela sobrevivência e pela afirmação. (...) Um livro político, uma visão política, ampliando um retrato humano”¹¹. Hélio Pólvora considera *No exílio* uma obra à parte da autora, com um tom mais político e biográfico, mas de mesma força artística em relação ao seu livro anterior, *Além da fronteira*.

A solidão pode ser também um estado de perfeição, difícil de atingir sem se encontrar em estado de graça, parece concluir Marta, de *O muro de pedras*:

Ela buscara a solidão para conhecer-se, a si, e a Deus, acrescentou fervorosa, num fervor que ela mesma não sabia ainda se verdadeiro, certa de que na solidão ela se aperfeiçoaria. Mas quando a solidão veio, compreendeu que lhe faltava o conhecimento necessário para atingir a essa perfeição. Faltava-lhe a graça (LISPECTOR, 1976, p. 62).

O caminho metafísico da autora faz lembrar Albert Camus, em *O mito de Sísifo*. Assim, a obra elisiana é impulsionada por um estoicismo da personagem

¹¹ QUEIROZ, D. *Correio do Povo de Porto Alegre*, em 30/04/72. Recorte de jornal do arquivo pessoal.

mitológica e a conclusão camusiana de que devemos imaginar um Sísifo feliz, apesar da aparente inutilidade de seus esforços, conforme Pietro Ferrua aponta¹².

A vida acontece por ela mesma e não há caminhos que possam justificar a presença do homem no mundo. A vida é frágil e nada há de excepcional no suscitar da vida. O ente está sempre “por um fio” e essa é a panorâmica elisiana. Deus é uma presença rara a que as personagens preferem não fazer apelo ou o fazem de forma evanescente e fugidia. O Criador também está rodeado de sortilégios e faz parte deste enigma. O indivíduo precisa renunciar à busca perpétua de uma significação, de um caminho ao transitar, brevemente, pela terra, e sem apelos sólidos ao Infinito. O essencial é a insaciável procura. Nas narrativas de Elisa Lispector, estas meditações resplendem nas indagações metafísicas e existenciais que a guardiã costura de forma luminosa e solitária. Exemplo admirável desta necessidade e persistência é o episódio de um belo momento em que Marta entra em uma de suas divagações:

De súbito compreendeu que estava lendo sem apreender o sentido das palavras, que o Deus que lhe havia legado era um Deus de palavras, e as palavras, por si, já não a conduziam mais a parte alguma; as que jaziam no fundo de sua memória, tinham perdido a eficácia, e as de agora eram esvaziadas de seu conteúdo pelo desconhecimento quase deliberado no próprio instante em que eram proferidas, porque secretamente ela ia mudando a uma tessitura mais densa e ela diria que mais amarga. No entanto, continuava a aplicar-se, procurando o caminho. “Quem me levará a uma cidade fortificada? Quem me guiará até Édon?” “Cada passo no caminho do aclaramento é um passo em direção a Deus. E o próprio afinco em ordenar a vida, em construí-la no dia a dia, não significará essa obscura busca de Deus?”, perguntava de si para consigo, enquanto os olhos continuavam a percorrer a página da Bíblia: “Os dias do homem são como a erva: como a flor do campo, assim floresce. Passando o vento por ela, logo perece: o seu lugar não conhece mais. Porém a benignidade de Jeová está de eternidade em eternidade”.

Marta parou de ler, desalentada. Sua eternidade era a de um instante, o breve piscar de um vaga-lume. Como, então, alcançar o depois? Como reencontrar-se, e em que sentido? Então fechou o livro, compreendendo a inutilidade de seu intento. E nesse momento afigurou-se-lhe verdadeiramente que a própria prece seria um recurso simulado para receber a consolação, no fundo nem mesmo sabendo se queria ser consolada, de vez que na consolação se continha a fuga ao sofrimento, e ao medo de enfrentar o vazio dentro do qual ela se defrontaria consigo mesma em termos totais. E que melhor fora atentar para o seu silêncio interior, que esse seria o seu adestramento (LISPECTOR, 1976, p. 155-156).

Este trecho simboliza bem a relação entre o homem e Deus. Tendo absoluto domínio sobre o gênero humano, Deus pode nos salvar ou não. A escritora, ao

¹² Nota constante do arquivo pessoal de Jeferson Masson.

sugerir que a “prece seria um recurso simulado” decide e apela para o “silêncio interior”, como forma de alcançar sua liberdade, que também pode significar o seu próprio adestramento. Tal método implica que o homem também, em seus movimentos e em um emaranhado de suas situações vitais, poderia acabar encontrando sua saída, uma solução, seu salvamento, se usasse de mais perseverança em sua busca desenraizada. Elisa Lispector propicia uma lição de estoicismo, num clima de austeridade absoluta. Só conseguiria o esclarecimento do seu ser, afundando cada vez mais no próprio desespero. O homem, pois, deve resistir à atração da autodestruição, que amargura e aflige a maior parte dos personagens elisianos. Poderia ser a própria obsessão pelo suicídio, negação suprema do ser, contra a qual a vida só pode opor busca e luta para, talvez, conseguir alguma afirmação.

Elisa Lispector não propõe nenhuma solução fácil, nenhuma religião, nenhuma ideologia, nenhum remédio ou cura. Seus romances e contos, às vezes, parecem não ter final, o que deu a Homero Senna uma sensação de inacabados. E, na verdade, pode-se aplicar tal conceito em todas as obras elisianas. Parece, portanto, que se trata de uma ambiguidade deliberada e tem uma dupla função. No plano existencial, Elisa Lispector tece uma atmosfera evanescente na qual imergem seus personagens; no plano metafísico, sua finalidade é, talvez, deixar plena liberdade de interpretação sobre o destino das personagens. E, como diz Ana, personagem principal do livro, *A última porta*, a autora, apropriando-se da fala da personagem, conclui metafisicamente: “A última porta poderá ser o limiar do Tudo. Ou do Nada” (LISPECTOR, 1975, p. 123).

IV

Outras histórias: lembro-me de que, quando conheci os livros de Elisa, já no final da graduação, nem mesmo os professores a conheciam e esse desconhecimento, em se tratando de uma escritora que marcou uma geração, impressionou-me muito. Sua própria irmã, Clarice Lispector, disse numa entrevista¹³ sobre a produção intelectual de suas irmãs: “**Eu tenho uma irmã – Elisa Lispector- que escreve romances** e tenho uma irmã – Tania Kaufmann – que escreve livros técnicos”. Em outra ocasião, fez uma reapresentação: “somos três irmãs escritoras. **A Elisa todos conhecem.** A terceira, na realidade, a

¹³ Extraído de: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>.

segunda, é Tania Kaufmann, que escreveu um livro delicioso sobre como tratar empregada doméstica” (Grifos meus).

Assim, na medida em que lia seus livros, minhas interrogações acerca de uma artista clássica, que teve o seu momento de glória e hoje está esquecida aumentavam. Realizei um número significativo de pesquisas e talvez hoje eu saiba identificar criticamente e questionar alguns critérios teóricos discutíveis, no intuito de devolver à Elisa seu lugar no panorama literário brasileiro.

Meu desejo sempre foi o de saber quais foram os críticos e escritores que leram e escreveram sobre os livros de Elisa Lispector. Para meu espanto, quase todos desconhecidos na atual crítica literária, como Lausimar Laus, Nataniel Dantas, Homero Senna, Pietro Ferrua, Bluma Winer, Almeida Fischer, Bráulio Nascimento, Constantino Paleólogo e Vivian Wyler. Talvez os mais conhecidos sejam: Octávio de Faria, Dinah Silveira de Queiroz, Bella Josef, Antônio Carlos Villaça, Renard Perez, Amélia Sparano, Samuel Rawet, Walmir Ayala, Maria Alice Barroso, Hélio Pólvora e Fausto Cunha.

Alguns destes nomes, que além de críticos eram escritores, também perderam, por alguma razão, seu lugar no panorama da literatura e da crítica brasileiras. Posso aqui afirmar que muitos deles fazem parte do grupo denominado por católicos que, inclusive, não têm mais suas obras republicadas: Octávio de Faria escreveu a extensa *Tragédia burguesa*; também autores como Antonio Carlos Villaça, Amélia Sparano, Samuel Rawet, Walmir Ayala e Maria Alice Barroso, hoje todos mortos – exceto Stella Leonardos e Renard Perez – e esquecidos pela crítica atual.

Quando reiniciei minhas pesquisas, em 2004, consegui entrevistar alguns destes nomes que ainda estavam vivos. Tais autores formam os pares, o grupo de Elisa Lispector, os excluídos da efervescência literária de que faziam parte até metade dos anos 70 e que foram bem recebidos pelos críticos da época, na maioria das vezes.

Elisa Lispector circulava e convivia com Octávio de Faria, Amélia Sparano, Maria Alice Barroso, Renard Perez e Antonio Carlos Villaça, então Presidente do Pen Clube do Brasil, do qual Elisa era frequentadora assídua e que

posteriormente, em 1982, tornou-se sócia e por lá recebeu o prêmio *Luiza Cláudio Lobo* pelo seu livro de contos *O tigre de Bengala*.

Stella Leonardos, poeta, escreveu alguns poemas para Elisa Lispector. Vejamos um poema feito para Elisa, por ocasião do lançamento de seu livro *A última porta*, mas o interessante é notar que o poema faz uma apologia a todas as suas obras até o citado romance. Vejamos:

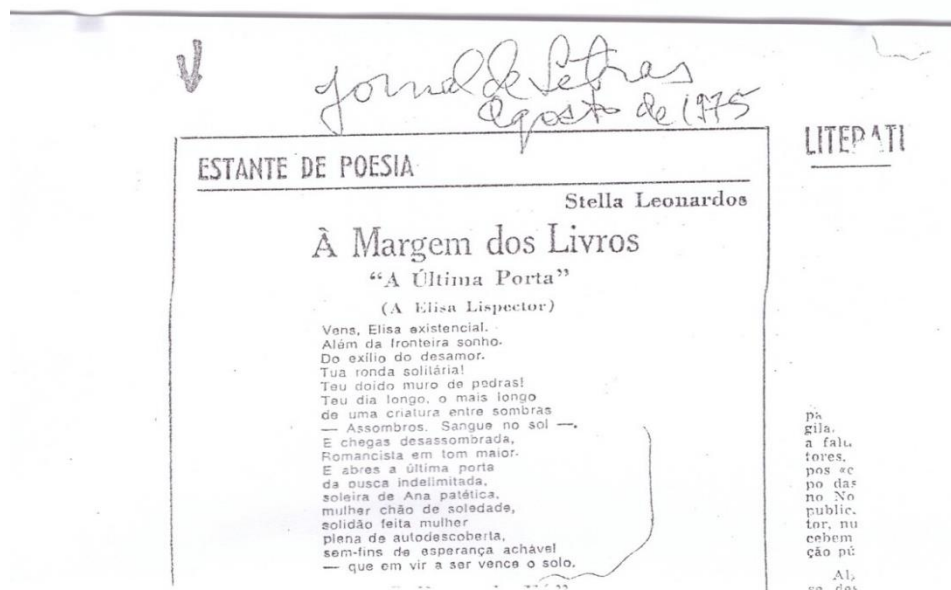


Figura 1. Recorte do arquivo pessoal

V

Alguns dados biográficos: nascida em 1911, na aldeia de Sawranh, circunscrição de Balta, Podolsk, na Ucrânia, filha de Pedro Lispector e de Marieta Lispector, Elisa chegou ao Brasil ainda menina, com 11 anos de idade. Fixou-se primeiramente em Maceió, Alagoas, na casa de Zina, cunhada de Marieta, tendo, posteriormente, morado no Recife e, com a maioria, naturalizou-se brasileira. No Recife, cursou a Escola Normal e o Conservatório de Música. Em 1935, transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro. Pouco depois e, por concurso, concorrendo a duas vagas (passou em primeiro lugar), ingressou no Serviço Público Federal, no Ministério do Trabalho. Secretariou delegações governamentais e participou de duas conferências internacionais do trabalho, em Genebra; de dois congressos de Previdência Social, em Buenos Aires e em Madri; e de uma conferência dos Estados Americanos, com membros da OIT

(Organização Internacional do Trabalho), em Petrópolis. Representou o Brasil em uma reunião americana realizada no Peru, promovida pela OIT, para estudar os problemas da mão de obra feminina na América Latina. Além disso, colaborou em revistas e jornais literários. A partir de 1947, passou a dedicar-se ao jornalismo. Fez o curso de Sociologia na Faculdade Nacional de Filosofia e o de Crítica de Arte, na Fundação Brasileira de Teatro.

Paralelamente às suas atividades no Ministério do Trabalho, que lhe exigiam muito tempo e dedicação, Elisa Lispector tornou-se romancista, tendo publicado seu primeiro livro, *Além da fronteira*, em 1945. Foi autora, ao todo, de sete romances: *Além da fronteira* (1945); *No exílio* (1948); *Ronda solitária* (1954); *O muro de pedras* (1963); *O dia mais longo de Thereza* (1965); *A última porta* (1975) e *Corpo a corpo* (1983), além de três livros de contos, cujos títulos são *Sangue no sol* (1970); *Inventário* (1977) e *O tigre de Bengala* (1985). Destaco, ainda, o fato de Elisa Lispector ter sido o primeiro escritor a ganhar o Prêmio José Lins do Rego, com o romance *O muro de pedras*. A premiação foi instituída pela Livraria José Olympio Editora, em 1962, como homenagem da velha casa de José Lins à memória de seu editado, destinando-o exclusivamente a autores de romances inéditos. Concorreram 119 candidatos e entre os sete romances julgados finalistas, a Comissão Julgadora concedeu por unanimidade o prêmio a *O muro de pedras* à Elisa Lispector, que usou o pseudônimo de “Congonhas”. Integravam a Comissão os escritores Rachel de Queiroz, Adonias Filho e Octávio de Faria. Em 1964, recebeu o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, também pelo livro *O muro de pedras*. E em 1985, do Pen Clube do Brasil, o Prêmio Literário Luiza Cláudio Lobo, pelo o livro de contos *O tigre de Bengala* (1985). A edição deste livro de contos marca os quarenta anos de vida literária de Elisa Lispector: reeditou alguns contos de *Sangue no sol* (1970), e de *Inventário* (1977), já completamente esgotados, incluindo grande parte de contos inéditos.

3

O Arquivo

I

Apresento agora o material de meu arquivo, constituído ao longo de mais de vinte e cinco anos de pesquisa, a fim de evidenciar a importância do resgate da obra Elisiana:

Não devemos começar distinguindo o arquivo daquilo a que o reduzimos frequentemente, em especial à experiência da memória e o retorno à origem, mas também o arcaico e o arqueológico, a lembrança ou a escavação em suma, a busca do tempo perdido? (DERRIDA, 2001, p. 7-8).

Afirmo antes, não ter nenhuma resposta definitiva para dar ao caso Elisa Lispector e seu desaparecimento no cenário literário. O que fiz foi percorrer caminhos difíceis para encontrar algumas pistas sobre a trajetória de vida da escritora, bem como a fortuna crítica de sua época. Por isso, o objetivo desta pesquisa não é o de encerrar o caso Elisa. Possuo muito material de arquivo, de pesquisa de campo, mas trata-se de um artefato lacunar, porque ele não é capaz de dar conta da resposta que almejo para solucionar o problema. Quanto a isso, aproprio-me das palavras do filósofo Derrida, que afirma: “todo arquivo é lacunar”.

Porém, uma coisa é certa: admiro a coragem de Elisa, sua força de vontade em se manter fiel a seus valores e princípios literários. Quando o mundo começava a dizer “não” à Elisa, ela jamais deu sinais de desistência. É incrível perceber sua luta para publicar e divulgar seus livros. Um exemplo do que digo é o do já mencionado Nataniel Dantas, escritor, crítico literário e amigo de Elisa Lispector com influência em editoras, visto seu papel de editor literário. Há também as tantas críticas favoráveis a seus livros, incentivos, pedidos a editores que pude ler nos arquivos.

Ao ler resenhas, críticas literárias e cartas da época, pude perceber a dificuldade de Elisa em se destacar no universo literário de sua época.

Antonio Carlos Villaça, em entrevista¹⁴, disse-me que considerava Elisa Lispector boa escritora e que também gostava muito de sua irmã Clarice

¹⁴ VILLAÇA, A. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, 24/03/04.

Lispector. Segundo ele, Clarice, que gostou do livro da irmã, pediu-lhe que escrevesse uma boa crítica quando do lançamento do livro *A última porta*.

Todas as pessoas por mim entrevistadas falaram muito bem das obras de Elisa Lispector e também da inaceitável falta de reconhecimento da crítica literária brasileira em relação à autora. Entrevistei, à época ainda viva, Maria Alice Barroso. Foi uma entrevista demorada, feita por telefone.

Segundo Maria Alice¹⁵, Elisa Lispector foi a única das irmãs que conhecia relativamente os preceitos judaicos, seus valores. Falava hebraico muito bem. Sempre assumiu o lado judaico e, talvez, esta seja uma das explicações para seu isolamento literário, haja vista que os escritores do chamado grupo católico e congêneres foram alijados da fortuna crítica mais canônica, especialmente aquela que nascia nos círculos universitários. Há, em alguns de seus escritos, personagens de origem judaica – como, por exemplo, no livro *A última porta* –, personagens que falam de traumas de guerra e da sua própria inadequação num mundo onde suas raízes foram, desde tempos ancestrais, cortadas. Também me contou que raramente Elisa Lispector saía de casa. Era sempre do trabalho para casa. Algumas vezes se encontravam num bar perto do seu trabalho, no centro do Rio, para tomar um cafezinho e conversar um pouco sobre arte, literatura, cinema.

Maria Alice Barroso assegurou que Elisa era muito culta e que tinha um gosto refinado. Seus escritores preferidos, dentre tantos outros, eram Dostoievski, Virgínia Woolf, Virgílio Ferreira e a irmã Clarice Lispector.

Elisa Lispector, como judia relativamente atuante, era citada e participava de revistas e jornais judaicos. É interessante a observação seguinte, publicada na revista judaica *Aonde vamos*, por ocasião do lançamento do seu livro *A última porta*:

Não temos sorte com alguns nomes judeus de destaque na literatura brasileira, por terem geralmente demonstrado uma alienação quase completa de suas origens e experiências como judeus, Elisa Lispector, para alguns autores brasileiros, é uma “writer’s writer”... permanece uma judia leal¹⁶.

¹⁵ BARROSO, A. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson em 09/07/03.

¹⁶ *Aonde Vamos*, Rio de Janeiro, 15/05/75.

É a partir desta citação que também quero dar ênfase a alguns aspectos atuantes em algumas obras elisianas, ou seja, a presença de uma judeidade pisada, machucada e diaspórica. Como já citado no seu primeiro romance, *Além da fronteira*, talvez a única obra cujo protagonista seja um personagem masculino, Elisa trata da história de Sérgio, que vivia um processo de inadequação em relação ao mundo, em função, de traumas de guerra. *O exílio*, publicado em 1948, ano de fundação do Estado de Israel (e que Elisa se sente feliz por tê-lo terminado justamente nesse ano), narra, de forma autobiográfica, a história da fuga de sua família, da Ucrânia para o Brasil.

Houve uma vez em que um grupo de amigos reuniu-se à tardinha na Confeitaria Colombo, no Centro do Rio, estando presentes Nataniel Dantas, Renard Perez, o poeta Ary de Andrade, Bella Josef e Antonio Carlos Villaça. Elisa sempre fora a mais retraída de todas. E, nesse dia, particularmente, ela estava mais falante a ponto de afirmar que seus livros foram sempre escritos com angústia e urgência de libertação. Dizia que escrevia de uma forma linear, mas com explosões silenciosas e que muito do seu passado ela precisava contar através de sua ficção, como uma forma, às avessas, de libertação e autoproteção.

Maria Alice, neste encontro, perguntou a Elisa por que, em alguns de seus livros, havia alguma referência, mesmo sub-reptícia, à tradição judaica. Contou então que das três irmãs era a única que conservava os valores da experiência e da cultura judaicas, por ter vivenciado as atrocidades contra seu povo, acrescentando que, talvez por isso, tenha sido a única das irmãs convidada a participar de jornais e revistas próprios para o público judeu. Conta também Maria Alice que neste dia houve uma pequena discussão com o escritor Renard Perez, como uma tentativa de tirar Elisa daquele seu mundo ensimesmado. Perez disse que Elisa deveria parar de ler o escritor português Virgílio Ferreira, que ele considerava “um chato”. Elisa discordou, tecendo altos elogios a Virgílio Cardoso. Segundo Alice, depois do ocorrido, Elisa permaneceu calada o resto da tarde, e depois voltou de táxi com Maria Alice para casa, sem dizer uma palavra.

De fato, durante minha pesquisa, pude perceber, através de muitas entrevistas realizadas, que Elisa Lispector circulava muito pouco pelo mundo literário de sua época. Como também era funcionária pública, não tinha tempo para frequentar tantos ambientes. Escreveu seus livros, muitas vezes, depois que

chegava do trabalho. E muitos dos seus contatos para publicação de suas obras foram executados através de correspondência. Elisa, para acalanto de seu espírito, com alguma frequência, refugiava-se no Hotel Montanhês, em Miguel Pereira. Afora isso, ela saía muito pouco. Às vezes, ia ao cinema, teatro, algum concerto musical. E frequentava de forma mais assídua o Pen Clube do Brasil, que reunia vários escritores que, como já me reportei anteriormente, faziam parte do grupo dos esquecidos. No Pen Clube do Brasil, estava sempre acompanhada de Maria Alice Barroso, Amélia Sparano, Rachel Jardim e Antonio Carlos Villaça.

Bem antes de ser declarada sócia titular do Pen Clube do Brasil, Elisa Lispector já o frequentava. Talvez fosse o local onde a escritora se sentia bem mais à vontade; era o lugar onde exercia com maior desenvoltura sua vida social, mesmo mantendo sua postura mais recolhida e taciturna. Até quase no final de sua vida, Elisa por lá aparecia. Desde que sofrera um sério problema no joelho, que a impedia de se locomover com facilidade, suas amigas e escritoras Amélia Sparano e Maria Alice Barroso, revezavam-se e levavam-na ao Pen Clube. Em face de sua fidelidade junto ao Pen Clube, em 1982, foi declarada sócia titular, em sessão realizada em 16/09/82, após a saudação da consócia Telênia Hill, professora de Teoria Literária da UFRJ.

Em entrevista realizada com a professora Telênia Hill, no final de fevereiro de 2004, ela me contou que conheceu Elisa Lispector no final dos anos 70 e logo se interessou por sua obra, tendo me dado de presente uma cópia do discurso de posse de Elisa no PEN Clube do Brasil. Assim como Maria Alice, Telênia Hill comentou que Elisa era uma pessoa recatada e muito elegante. Nesse sentido, vale a pena, e para fins ilustrativos, citar trechos do discurso de posse proferido por Elisa Lispector:

Tanto quanto eu conhecia o PEN clube na qualidade de mera espectadora, algumas vezes visitante neste recinto em datas festivas, parecia-me um milagre que, em meio a um mundo convulsionado, pudesse existir uma agremiação sem partidarismo, livre e independente. O PEN Clube se me afigurou sempre tranquila ilha de paz, voltada exclusivamente para as coisas do espírito... acrescentando-se mais adiante que a literatura não conhece fronteiras, que deve ter curso corrente entre as nações, a respeito dos acontecimentos de raça, classe e nacionalidade... através da literatura, ou melhor, mediante a linguagem, o homem busca a sua autodefinição, e a sua identidade. O escritor é sobretudo uma testemunha do seu tempo. Então, ainda que a obra seja de caráter intimista, parecendo que o autor está voltado unicamente para si mesmo, na verdade ele está tentando não só conhecer a si próprio,

através de seus personagens, como procura entender e aproximar-se de seus semelhantes... segundo esta linha de pensamento, devo dizer-lhes que eu me sinto deveras engrandecida com o fato de seus seletos membros do PEN Clube haverem atentado para minha modesta obra literária, a ponto de me distinguirem com a admissão nesse círculo de tão nível intelectual, para uma amável convivência neste ambiente de tanto calor humano.

Estou profundamente agradecida, pela honra que tão generosamente me conferirem.

Muito obrigada.

Elisa Lispector.¹⁷

II

Sobre exílio e as bifurcações de um trauma: no romance *O tempo dos desenraizados*, de Elie Wiesel, há uma cena muito pertinente que, a meu ver, dialoga com elementos da obra elisiana, que tem seus desmembramentos a partir da publicação do livro *No exílio*, de 1948. Mas desde a publicação, em 1945, da obra *Além da Fronteira*, pode-se notar a temática do exílio e do desenraizamento ali presentes. Cabe aqui lembrar que seu pai, Pedro, após a Segunda Guerra Mundial, retornou à antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) para saber do destino de seus pais e avós. Também buscava notícias dos cunhados – ao todo, eram nove e somente três, Marieta, Anita e Salomão, sobreviveram, porque fugiram para o Brasil. Os seis restantes, segundo depoimento de Tania, é possível, que tenham sido mortos nos campos de concentração nazistas, pois alguns deles, é sabido, fugiram, à época, para a Polônia. Vejamos o que afirma Wiesel: “O ex-refugiado continua a ser um refugiado pelo resto da vida. Escapa de um exílio para entrar em outro, sem conseguir sentir-se em casa em lugar algum, sem jamais se esquecer de onde vem, sem deixar de viver no provisório” (WIESEL, 2004, p. 18-19).

No livro de George Steiner, cujo título é *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem* (STEINER, 1990, p. 21), quando escreve sobre o processo de escritura de Nabokov, que presenciou a barbárie e o sentimento de deslocamento num mundo em constante processo de fuga, devido a questões de etnia, anota o seguinte:

Um grande escritor compelido de língua para língua por convulsão social e guerra é um símbolo adequado para a época do refugiado. Nenhum exílio é mais radical, numa proeza de adaptação e nova vida mais exigente. Parece apropriado que os que criam arte em uma civilização de quase barbárie que gerou tantos desabrigados, que

¹⁷ Arquivo pessoal de Jeferson Masson.

arrancou línguas e povos pela raiz, deveriam ser poetas desabrigados errantes através da língua. Excêntrico, arredio, nostálgico, deliberadamente extemporâneo como ele aspira a ser e com frequência é, Nabokov permanece, por meio de sua extraterritorialidade, profundamente de nosso tempo, e um de seus porta-vozes.

Eurípedes (480- 406 a.C.), poeta trágico grego, autor de *As troianas*, naquela época já afirmava: “Não existe maior dor no mundo do que a perda de nossa terra natal”.

Stefan Zweig, escritor judeu de origem alemã, que se refugiou no Brasil a partir de 1940, em função de uma Alemanha já nazificada, antes de cometer suicídio junto com sua esposa Lotti, em 1942, na sua casa em Petrópolis, no Rio de Janeiro, escreveu:

“Antes de deixar a vida por vontade própria e livre, com minha mente lúcida, imponho-me uma última obrigação: dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país que é o Brasil, que ofereceu, a mim e a meu trabalho, tão gentil e hospitaleira guarida. A cada dia aprendi a amar este país mais e mais, e em parte alguma poderia reconstruir minha vida, agora que o mundo de minha língua está perdido e meu lar espiritual, a Europa, autodestruído. Depois de 60 anos, são necessárias forças incomuns para começar tudo de novo. Aquelas que possuo foram exauridas nestes longos anos de desamparadas peregrinações. Assim, em boa hora e conduta ereta, achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a Terra. Saúdo todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite.

Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes.

Stephan Zweig, Petrópolis, 22/02/1942”

Elisa Lispector publicou *No exílio* em 1948, data da fundação do Estado de Israel e, em depoimento, dizia sentir-se muito feliz por tê-lo publicado em data tão importante para o povo judeu, haja vista todo sofrimento e atrocidades vividos em função da Segunda Guerra Mundial.

No livro escrito pela Professora Regina Igel, *Imigrantes judeus- escritores brasileiros*, o capítulo inicial já faz referências ao livro de Elisa Lispector *No exílio*:

Este capítulo localiza reverberações de sentimentos de marginalidade e reflexos do movimento sionista na escrita brasileira, a partir de 1948, data de publicação de “No Exílio”, de Elisa Lispector. Até agora não se tem conhecimento de obra brasileira judaica, anteriores a esta, que trata desses tópicos. Esse romance projeta-se como marco inaugural de três dimensões: registra uma conscientização literária do processo de marginalidade, como sentido por suas vítimas; abarca antissemitismo, como sofrido por suas presas; e guarda um

relacionamento visceral com os primeiros momentos da conscientização do ideal sionista (IGEL, 1997, p. 163).

Observe-se, assim, que esse é diretamente o trabalho ficcional mais autobiográfico de Elisa Lispector. Nele, a autora traz à tona suas raízes judaicas, refazendo ficcionalmente o trajeto da fuga da Ucrânia até o Brasil, mostrando, ainda, partes de sua vivência no Brasil. As próprias personagens do romance fazem referências quase explícitas sobre os próprios nomes dos familiares. O nome de Elisa passa a ser LIZZA (a protagonista), uma forma aproximativa de Elisa. Pinkas é a versão ídiche de “Pedro” (o pai). As irmãs Tania e Clarice são chamadas respectivamente de Ethel e Nina (o primeiro nome dado à Clarice, logo ao nascer, foi Haia, que em hebraico significa vida). A mãe, cujo nome verdadeiro é Marieta, é ficcionalmente denominado de Marim.

Julguei importante destacar que a segunda edição deste livro conta com detalhe do quadro de Lasar Segall, “Navio de Emigrantes”. Cabe lembrar que Segall é um artista de origem judaica. Consta, em meus arquivos, o pedido de autorização redigido por Elisa, em 1971, ao Diretor do Museu Lasar Segall, Sr. Maurício Segall, bem como, posteriormente, a carta de agradecimento encaminhada ao senhor Oscar Klabin Segall, em 1972, quando Elisa Lispector, além de remeter exemplares do seu livro para a família Segall, diz: “venho expressar-lhe a minha mais profunda gratidão por haver v. s.^a permitido que aquela valiosa obra engrandecesse o meu trabalho”.

Segue, abaixo, a imagem que ilustra a capa da segunda edição de *No exílio* de 1972:

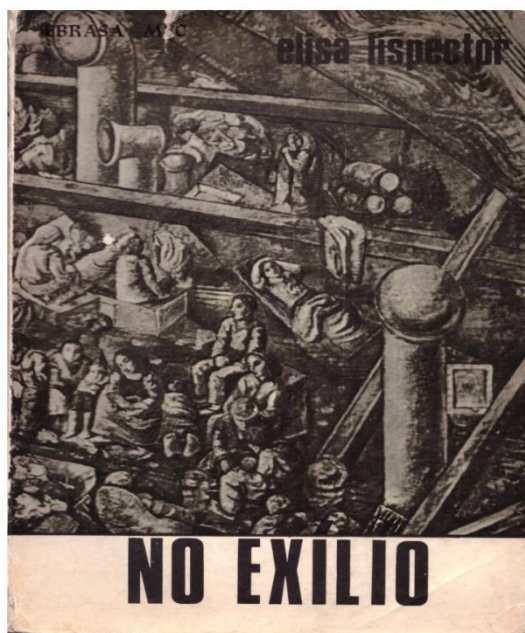


Figura 2. Detalhe de *Navio de Emigrantes*, de Lasar Segall

Em entrevista concedida à Regina Igel, que consta do referido livro, Elisa diz:

O Exílio tem muito de autobiográfico e de minha ligação com meus ancestrais. Ele representou, para mim, uma forma de liberação. Precisei expor as angústias, as tristezas, o terror de uma menina que viu os “pogroms”, os assaltos da multidão e a destruição sistemática de sua casa e as de outros judeus lá na Rússia. Aquela menina que não entendia nada daquilo ficou dentro de mim. A tristeza me acompanhou durante todo o fazer do livro, mas terminei-o num dia alegre para nós, quando foi aprovada pela ONU a criação de Israel (IGEL, 1997, p. 184).

Neste momento, destaca-se a forte ligação da autora, através da vivência traumática, com sua peculiar narrativa exílica e de busca da reconstrução de seu passado, de seus ancestrais e de valores outrora destruídos. São esses restos de uma memória lacunar e afetiva que Elisa Lispector constrói suas histórias. Os escritos elisianos se apresentam como uma tentativa de recomposição de um ser cindido, fissurado e que tenta, às duras penas, por meio de sua ficção, curar-se de um trauma violento experienciado.

Nas narrativas de Elisa assinala-se claramente uma tentativa de restauração destes seres cindidos. Seus livros formam o desenho deste ente deslocado, no próprio tempo cronológico, em consequência de um tempo psicológico envolto em lacunas. São narrativas construídas em meio a buracos e silêncios fincados em cada um dos personagens de seus livros. Personagens descosidos, deslocados e

inadaptados ao mundo que se lhes apresenta. Através dessa memória é que a autora tenta dar continuidade ao seu existir. A continuidade da memória é uma obrigação moral de Elisa que, resiliente, procura, por meio de suas narrativas, impedir que seus registros ontológicos jamais se percam; que sua literatura precursora possa permanecer como forma de testemunho do homem moderno diante das mais extremas barbaridades do século XX.

Bom lembrar que é por intermédio de sua ficção que se dá, claramente, a presença desta memória afetiva usurpada, exílica e diaspórica. A tentativa de entender este passado quer mostrar obviamente as ruínas e despojos existentes nessa ancestralidade repleta de buracos e lacunas e, nesse momento, todos esses arquivos também silenciam por sua incompletude inextricável.

Em depoimento concedido em 2004, Regina Igel, atual professora Advisor, Portuguese Program, Department of Spanish and Portuguese University of Maryland – USA, quando do seu encontro com Elisa Lispector, revelou-me diversas coisas interessantes sobre Elisa:

Eu tinha uma visão muito boa dela. Suas maneiras eram discretas – falava com pausa, olhando-me nos olhos, sempre séria e compenetrada... no decorrer da entrevista contou-me o que eu já sabia: que o *No exílio* era uma espécie de biografia ficcionalizada, mas que tudo ali acontecera com ela e com a família¹⁸.

A ironia disso tudo é que Regina Igel termina seu depoimento com uma sensação parecida com a que sinto até hoje quando estudo e pesquiso a obra elisiana, e que preciso, por isso, interromper, algumas vezes, em decorrência desse estado de densa embriaguez, de sensações estranhas e acroamáticas, que me provocam determinado sentimento de exílio, de total solidão, como se eu estivesse resvalado naquela tristeza que, por vezes sentem os religiosos em suas clausuras e, nessa hora, preciso esquecer minha pesquisa e apaziguar meu espírito:

Toda a conversa com Elisa transcorreu num clima de absoluta amizade e confiança, eu diria até que foi numa atmosfera um tanto mística. Senti um ambiente diferente, esotérico, um tanto estranho, mas harmonioso. Foi realmente uma experiência muito original para mim. Fiz várias entrevistas com várias pessoas na vida, mas nunca tive este sentimento de que algo superior a mim estivesse ali presente. Isto eu não sei explicar¹⁹.

¹⁸ IGEL, R. Depoimento enviado a Jeferson Alves Masson, via *e-mail*, 27/07/05.

¹⁹ IGEL, R. Depoimento enviado a Jeferson Alves Masson, via *e-mail*, 27/07/05.

O escritor de origem palestina, Edward Said, em sua obra *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, discute com bastante pertinência a experiência do exílio e por meio dessa leitura pude concluir que somente alguém que realmente tenha experienciado o exílio consegue relatar tal sensação. Seria adequado dizer que qualquer um pode relatar qualquer coisa, pois para isso funciona a ficção, mas qualquer um que tenha vivido a experiência pode relatar aquilo que vivenciou no âmbito da história factual e pode elaborar narrativas diversas daqueles que apenas ficcionalizaram, ainda que o relato pós-experiência jamais resgate a experiência, e sim a memória do evento:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID, 2003, p. 46).

Em entrevista realizada com Tania Kaufmann, na lanchonete Cirandinha (Copacabana), em 29/01/05, resolvi perguntar acerca da afirmativa de Tereza Montero, em sua biografia, quando assevera sobre a negativa de Clarice Lispector a respeito da republicação, em 1974, do livro *No exílio*, fato este anteriormente negado por Tania. Clarice, à época, tinha restrições à republicação de *No exílio*, visto que não queria expostas as origens da família e seu histórico de fuga. Explicou-me que Clarice Lispector chegara ao Brasil com apenas dois meses de vida e, por se considerar totalmente brasileira, preferiu “apagar” todo o seu passado que, de fato, não conhecera. Elisa, enquanto irmã mais velha conhecera, de perto, todos os trágicos acontecimentos.

Tania elogiou muito o caráter de Elisa Lispector, que para ela era “uma pessoa extremamente dadivosa, de grande coração e muito inteligente”²⁰. Referiu-se ao casamento “arranjado” para Elisa Lispector, quando tinha dezoito anos, dizendo-me ainda que, até pouco tempo atrás, o ex-noivo de Elisa Lispector ainda era apaixonado por ela, tendo inclusive, à época, voltado para Israel em função do término do noivado. Tania conta que Elisa optara por ser sozinha, satisfazendo-se tão somente com a companhia de amigos. Revelou-me também

²⁰ KAUFMANN, T. Entrevista concedida a Jefferson Alves Masson, 29/01/05.

que Clarice Lispector parecia ser muito mais “problemática” do que Elisa, já que a irmã mais velha era muito reservada, fechada e nunca se expunha. Contou-me, ainda que o “Dr. Antonio Cehlan Fajano” também fora médico de Elisa e que gostava muito mais de sua obra do que a da Clarice. Segundo Tania, o Dr. Antonio era clínico e psiquiatra e ainda psicanalista e certa vez, disse, fazendo referência à obra *No exílio*, que no mundo de hoje seria impossível para uma pessoa esclarecida, não sofrer de algum mal psíquico. Segundo Tania, o médico observara em Elisa um choque entre o mundo externo e o interno e que ela tentou entendê-lo através da ficção.

No final desta entrevista, Tania me fez uma surpresa: deu-me de presente um livro de contos que acabara de lançar: *O instante da descoberta*. Falou-me sobre a dificuldade para conseguir um editor que o publicasse e quando o encontrou disse-me que era muito inacessível. Contou-me, ademais, que estava com muita dúvida, se deveria publicá-lo ou não, mas que depois pensara bem, lembrando-se de que as irmãs já haviam falecido e ela poderia sentir-se sossegada. Começou a escrever tais contos depois do falecimento do marido William Kaufmann. Segundo ela, não sentira vontade de se unir a mais ninguém. Estava finalmente livre.

O livro, com o subtítulo *Tema e variações*, nascera do seu contato com a música clássica. Pediu-me que não lesse orelha do livro antes de ler os contos. Solicitou-me também que entregasse um exemplar, com dedicatória, à professora Bella Josef, que muito admirava, principalmente porque esteve muito próxima à Elisa Lispector. Já no final da entrevista, falou-me que lançara o livro sem nenhuma referência à família Lispector. Assinava simplesmente, como sempre, Tania Kaufmann.

Em entrevista realizada com Bella Josef, em 08/09/03, perguntei-lhe o que, de modo geral, pensava sobre a obra de Elisa Lispector, além de *No exílio*, em que se faziam notórios seus aspectos autobiográficos. Bella respondeu-me que o testemunho torna-se o traço mais forte na obra de Elisa Lispector, principalmente em *No exílio*, que trata do problema do desenraizamento de uma família judaica de sua terra natal, por volta de 1917, obrigada a atravessar o Dnieper gelado para fugir dos *pogroms*. Os esforços para a radicação no novo ambiente, o Brasil, assim como, posteriormente os acontecimentos que se desenrolaram na Europa,

durante a Segunda Guerra Mundial, a situação dos sobreviventes judeus naquela área do mundo, a luta do povo judeu pela terra prometida – Israel –, todos estes acontecimentos estão presentes no livro, para avivar a memória coletiva. Os demais livros de Elisa Lispector são atingidos, de alguma, forma pelo olhar daquela menina de nove anos de idade que se quebrara diante de tantas atrocidades vistas e vividas.

Exceto o comentário acima, a entrevista com Bella Josef sofrera diversas digressões. Bella realmente manifestou muito entusiasmo em relação à minha pesquisa, que à época seria sobre o tema “Literatura e testemunho na obra de Elisa Lispector”. Falou-me, dentre outras coisas, que Elisa Lispector era muito fechada e exilava-se do mundo ao redor. Afirma que, ao contrário de Clarice, Elisa não se expunha. Esquecendo-se de Elisa, reportou-se à Clarice Lispector, dizendo-me que Clarice, quase todo domingo, sentindo-se muito só, lhe telefonava para que fosse a casa dela para fazer-lhe companhia; houve um domingo em que Bella, em função da doença do seu pai, não pôde ir à casa de Clarice. Logo, na semana seguinte, Clarice morreria. Bella, disse sentir “até hoje um remorso”.

Contou-me ainda sobre os constrangimentos por que passara Elisa Lispector quando sendo apresentada a outras pessoas como sendo escritora: “As pessoas não ouviam o nome Elisa, só ouviam o Lispector e achavam que Elisa era a Clarice”, Bella, no fim, disse-me que talvez o grande erro de Elisa fora utilizar-se do sobrenome Lispector, como assinatura artística. Por isso, talvez, o seu apagamento no mundo literário. “Mas eu achava Elisa Lispector uma escritora admirável e que merecia urgente reconhecimento, principalmente porque, diferentemente de Clarice, Elisa não escondia a sua origem judaica”²¹.

Em 24/03/04, fui ao encontro do escritor Antonio Carlos Villaça, falecido, no PEN Clube do Brasil, na Praia do Flamengo, 172/901, onde o mesmo residia e era, à época, atual subpresidente do PEN Clube do Brasil. Notei que ele era um senhor simpático e muito delicado; pareceu-me estar doente, pois se encontrava espreado numa *chaise longue*, com as pernas muito inchadas.

²¹ JOSEF, B. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson em 08/09/03.

Contou-me que seus encontros com Elisa Lispector davam-se principalmente no PEN Clube, frequentado por Elisa: “Elisa ia a quase todas as reuniões”. Afirmou-me que não chegaram a ser amigos confidenciais. Falou-me que “Elisa era uma mulher ativa, inclusive fisicamente e com um ar bastante misterioso e também triste. Muito silenciosa e introspectiva, parecia uma freira”. Outras vezes, dizia que ela “parecia uma velha senhora judia. Passava uma tristeza profunda no olhar e também muita generosidade”²².

Contara-me, também, que Elisa gostava muito de sua irmã Clarice. Era um gostar recíproco. Elisa, segundo Villaça, era muito simples e não gostava de ostentação. No final, disse-me que já Clarice era muito vaidosa e que admirava seu próprio reconhecimento.

Berta Lispector Cohen, prima e amiga de Elisa, também foi fundamental para responder algumas indagações. Entrevistei Berta em 27/03/04, uma senhora de 84 anos que voltara recentemente de Israel para viver novamente no Brasil. Contou-me que a literatura de Elisa Lispector, apesar de pungente, era muito mais clássica do que a de Clarice. Sustentou que Clarice escrevia em pedaços, pulsões despedaçadas, que às vezes ela mesma não conseguia reler e nem organizar. Mostrou-me um artigo sobre Elisa Lispector escrito por Amélia Sparano, também escritora, cujo título é “A outra Lispector”. Atestou, da mesma forma que outros entrevistados, que “Elisa era uma pessoa triste, mas muito generosa; silenciosa, introspectiva e uma pessoa irrealizada, a mais velha das irmãs. A única que presenciara a saga dos Lispector, o sofrimento, os *pogroms*, a destruição e o banimento da aldeia onde viviam”.

Informou-me que, ao chegarem ao Brasil, inicialmente, em Maceió, Elisa precisou trabalhar cedo, sempre abdicando de si em função do mundo externo que tanto lhe exigia com a morte precoce da mãe. Ela cuidava das irmãs. Elisa não se casou e viveu em solidão, e havia frustração nela. Asseverou que Elisa amava Clarice Lispector. O pai, segundo Berta, fez com que todas as filhas estudassem música e hebraico. Disse-me que a família tinha uma tradição de respeito e importância à cultura para a formação humana. Tiveram uma vida equilibrada na Rússia, antes da perseguição. Disse-me que Elisa era muito mais equilibrada que

²² VILLAÇA, A. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson em 24/03/04.

Clarice; "Elisa cozinhava muito bem e gostava muito de ir a espetáculos teatrais, concertos musicais e cinema".

De repente, Berta olhou para mim e perguntou-me se eu era judeu. Disse-lhe, à época, que ainda não sabia ao certo, mas desconfiava. Falou-me que a família Masson (da joalheria) era judia. Confirmou sobre a "imanência de um sentimento de desenraizamento, mesmo dentro daqueles judeus que não experienciaram o banimento"²³. Perguntou-me por que escolhera a obra de Elisa Lispector. Contei-lhe que havia em mim uma identificação diante de uma obra, cuja narrativa era linear, mas que todas as personagens eram desenhadas em torno de um sentimento diaspórico, e porque sempre senti em mim uma sensação de exílio. Berta também me esclareceu que é psiquiatra aposentada e que já prestara muitos serviços em Israel no campo de assistência social. Asseverou-me que lá as pessoas, de um modo geral precisavam de muito apoio, em função das inseguranças pertinentes ao próprio estado de Israel.

Após várias tentativas fracassadas, consegui contato telefônico com Stella Leonardos, no dia 25/09/03. Comentei sobre a poesia que Stella fizera para Elisa Lispector. Stella falou-me que ela e Elisa não eram propriamente amigas, mas que sempre admirou muito sua obra literária, por isso escreveu alguns poemas para ela. Apenas comentou que achava Elisa Lispector muito triste, tendo repetido isso várias vezes.

Estive com a escritora Amélia Sparano, em 30/07/07. Eu já havia entrevistado Amélia em 2003, mas os registros se perderam. Amélia já estava com 95 anos de idade e a entrevista não decorreu muito bem em função das dificuldades pertinentes à idade avançada. Estive no seu apartamento, situado na Rua Paula Freitas, n. 55, Copacabana. Fui recebido novamente por Go (Gorete), sua antiga empregada. Amélia Sparano escutava pouco, enxergava muito pouco, não escrevia e nem lia mais. Amélia diz ter conhecido Elisa Lispector no PEN Clube do Brasil, onde ambas eram sócias. Referiu-se ao problema no seu joelho, que dificultava sua locomoção e, por isso, estava sempre ajudando Elisa, levando-a ao clube.

²³ COHEN, B. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson em 27/03/04.

Amélia repetiu esta história diversas vezes (parece uma lembrança bem marcante). Disse que Elisa era funcionária pública e que isso atrapalhava bastante sua carreira literária. Da mesma forma que outros amigos, afirmou que Elisa Lispector era uma pessoa solitária e assegurou que Clarice Lispector a ofuscava. De repente, disse: “Elisa tinha a tristeza por nunca ter conhecido alguém”.²⁴ Seus romances, segundo Amélia, refletiam seu exílio existencial e a fuga da Ucrânia para o Brasil marcou toda sua vida e seu processo de escrita. Afiançou que Elisa estava quase sempre recolhida e que nunca falava sobre a irmã Clarice. De repente, sussurra: ”pobre Elisa, ser sozinha”. Certifica que tanto Elisa quanto Clarice é ótima escritora, mas que “na arte de Elisa havia uma aura de melancolia”. Posteriormente, sustentou que Clarice tinha surtos de “amnésia”. Testemunha que foi ao enterro de Elisa, me conta: “Senti que a morte foi boa para Elisa, pois a solidão é algo muito triste”. Perguntei-lhe qual o sentimento que tivera quando soube da morte de Elisa: “Pena e tranquilidade”. Depois, Amélia fez uma longa digressão e não falou mais sobre Elisa. Passou a contar sobre sua linda história de amor com seu marido Carlos. Tentei que falasse mais alguma coisa sobre Elisa, notava que se esforçava muito para se lembrar, mas no fim dizia: “sou muito velha. Tenho 95 anos”. Senti que Amélia Sparano estava muito cansada e decidi encerrar a entrevista.

Lembrei-me de que nos meus arquivos havia algumas resenhas de livros de Elisa Lispector. No meio da minha busca, deparei-me com uma carta escrita por Amélia Sparano para um jornal, por ocasião do falecimento de Elisa Lispector, em janeiro de 1989, e surpreendi-me com o título desta carta, pois foi o nome provisório dado à minha dissertação de mestrado. Vou citar aqui partes dessa carta, junto com seu título, pois, posteriormente, servirá a uma nova abordagem em torno do fenômeno Elisa Lispector:

A outra Lispector

Elisa Lispector faleceu, aos 77 anos, no dia 06/01/89. E depois de um breve necrológio no dia, o silêncio se fez em volta dela. Mas a escritora não merece o esquecimento. Deixou sete romances magistrais e três belíssimos livros de contos que enriquecem a literatura brasileira. Modesta e retraída, viveu os últimos anos na solidão de seu apartamento em Copacabana. Pouco saía, após a mal consolidada fratura de um joelho. Foi a menos feliz das três irmãs Lispector. Era solteira e funcionária federal aposentada. Parecia propensa à depressão. O exílio marcou sua vida. A fuga da Ucrânia,

²⁴ SPARANO, A. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, em 30/07/07.

durante a Revolução Russa, e a mudança de clima, do meio e idioma decerto alvoroçaram a criança hipersensível. Publicou seu primeiro romance em 1945. Adulta, viu o gênio de Clarice ofuscar seu talento (...) podem e devem ser lembradas juntas as divas Lispector. Ambas exploradoras dos meandros da consciência e do âmago do inconsciente (...) diferem no estilo. Elisa trabalha sua prosa com precisão expressiva, e tece painéis. Clarice brinca com bilros e cria rendas surpreendentes. A melhor homenagem que podemos prestar às duas é ressuscitá-las, lendo os livros que nos legaram ²⁵.

O escritor Renard Perez talvez tenha sido o mais próximo e íntimo amigo de Elisa Lispector nos seus últimos anos de vida, segundo a irmã Tania Kaufmann. Por isso, em 04/07/03 decidi entrevistá-lo. De início, logo me informou que Elisa e ele moravam próximos e se telefonavam com bastante frequência. Permanecemos em sua sala e sua esposa Helena, também muito simpática, às vezes aparecia para participar da conversa.

Quando entramos no tema Elisa Lispector, garantiu de pronto que Elisa era solitária e insegura. Segundo ele, havia sempre um desapontamento em Elisa Lispector por, comumente, no âmbito social, ser confundida com sua irmã Clarice Lispector. Assegurou-me: “nunca ouviam a Elisa, só o sobrenome Lispector e por isso associavam-na à Clarice” ²⁶. Renard anunciou que havia restrições entre as duas irmãs, principalmente em termos de amizades em comum, mas, segundo ele, as duas eram muito afetuosas entre si.

Elisa, prosseguia ele, a cada ano que passava se isolava mais e mais do convívio social. Estava sempre doente alegando estar com diverticulite. Ele contou que algumas vezes Elisa ia visitá-lo e lanchavam juntos. Sempre o consultava, mostrando os originais de seus livros antes de serem publicados, para que Perez desse sua opinião. Contou-me que Elisa só assistia televisão para ouvir o noticiário. Ficava em casa a maior parte do tempo ouvindo música clássica e lendo. Afiançou-me que ela sempre lia Virgílio Ferreira (autor português, cuja obra é de cunho filosófico e existencialista). Perez, muitas das vezes, durante a entrevista, afirmava que Elisa sofria muito e que seus romances, sem exceção, tratam da solidão humana. Admitiu que tinha uma admiração especial por seu romance *No exílio*: achava-o um grande romance, autobiográfico, que conta a trajetória dos Lispector quando fugiram da Rússia. Comentei com ele que Clarice

²⁵ SPARANO, A. Rio de Janeiro. Recorte de jornal. Arquivo pessoal.

²⁶ PEREZ, R. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, em 04/07/03.

Lispector não gostava de falar sobre suas origens e já Elisa Lispector fazia questão de confirmar suas origens e de abordar, em seus romances, o seu sentimento de exílio como forma de reconstruir um passado que fora destruído. E que Elisa, em algumas obras, criava, inclusive, personagens de origem judaica. Aleguei que talvez fosse uma forma de superação, afinal Elisa Lispector era a irmã mais velha e assistira de perto a fuga dos Lispector para o Brasil. Perez dizia que Elisa Lispector amadurecera muito cedo, em função das suas tarefas precoces em relação à família. Renard garantiu-me que os amigos mais próximos de Elisa foram Bella Josef, Octávio de Faria e ele mesmo.

Perez mostrou-me um livro sobre escritores brasileiros, onde estava incluída Clarice Lispector. Perguntei-lhe, de imediato, por que não incluía também Elisa Lispector. Ele ficou em silêncio e depois disse que também organizou uma antologia de contos, onde, além de Clarice Lispector, incluía Elisa Lispector. Voltou a falar sobre Elisa, dizendo ser ela medrosa e insegura. Quando ia visitá-los, ao ir embora, sempre pedia que a deixassem em casa, ou ele ou Helena, sua esposa. Reconheceu que Elisa nunca estava satisfeita, reclamando sempre de alguma coisa: “uma deprimida e triste”.

Num momento mais delicado da conversa, Perez me perguntou se eu havia lido o romance de Elisa, *Corpo a corpo*, e o que eu achava. Disse-lhe que não sei bem o porquê, mas tinha a impressão de que se tratava de um “acertar de contas” entre Clarice Lispector (o marido falecido do romance) e a própria Elisa Lispector. Ele então me disse que eu havia captado bem a história, confirmando que os verdadeiros personagens do livro eram Clarice Lispector e Elisa Lispector. Assegurou-me que o último romance de Elisa Lispector era muito significativo e importante para ela. Atestou que Elisa chorou muito diante dele, por causa desse livro, principalmente quando Perez sugeriu algumas mudanças no romance. Perez admitiu que não sabia que Elisa Lispector havia morrido de câncer. Perez disse que, um pouco antes de Elisa falecer, telefonara para desejar-lhe um “Feliz Ano Novo”. Ele me contou que do outro lado da linha a voz dela era apenas um fiapo e que alguns dias depois Elisa falecera.

Quando a entrevista terminou e me despedi de Perez ele pediu que eu aguardasse um pouco. Quando retornou entregou-me cópia de um texto (não publicado) chamado “Lembranças de Elisa” e disse que esse texto seria muito

importante para mim. Quando eu estava na porta para sair, ele me chamou e disse: “Jeferson, houve uma vez que Elisa, num momento de epifania, afirmou: “minha irmã é um gênio”. Acrescentou que achava que naquele momento “Elisa havia se libertado de algo. Foi um momento de transcendência”.

Estranhamente, surgiu sua mulher Helena e me chamou para tomar um cafezinho. Entro novamente no apartamento. Perez disse: “eu considero Elisa uma escritora talentosa”. Depois me contou que Elisa Lispector vivia com depressão. Mas negou qualquer possibilidade de ter sido internada por conta disso. Helena, entrando na conversa, confessou: “eu acho que Elisa nunca tomou antidepressivos. Acho que ela achava normal viver assim, constantemente triste”. Perez afirmou que Elisa Lispector tremia-se toda diante do nome de Fausto Cunha. Perguntei-lhe o porquê. Disse que Fausto Cunha era um crítico implacável e que Elisa tinha medo dele. Perguntei sobre o paradeiro de Fausto Cunha e se eu conseguiria entrevistá-lo. Aí considerou e disse assim: “Fausto Cunha está se desfazendo de toda sua biblioteca. Ele se isolou do mundo, inclusive não atendendo mais os telefonemas” e que eu não conseguiria falar com ele. Mesmo assim, pedi-lhe o telefone de Fausto Cunha. Depois dessa conversa derradeira, despedi-me de ambos, levando comigo o texto que Renard Perez havia me dado, “Lembrança de Elisa Lispector”.

Ao chegar em casa, li o citado texto de Perez e imediatamente senti que aquilo me atingira profundamente. Parecia que eu estava diante de um documento secreto e sigiloso. Andei de um lado para o outro da casa. À noite, mal conseguira dormir. Um depoimento que trazia à tona muitas coisas sobre Elisa e também impressões sobre a irmã Clarice Lispector.

Após diversas tentativas, consegui falar com o crítico Fausto Cunha, que naquele tempo residia no bairro do Catete, que conversou²⁷ comigo ao telefone de forma reticente e seca. Informei-lhe que pesquisava vida e obra da escritora Elisa Lispector e gostaria de levantar informações sobre as impressões que ele tinha de seus livros. De forma ríspida, respondeu-me que Elisa era uma escritora regular, mas que fizera bons trabalhos, como por exemplo, seus livros de contos e o livro *A última porta*, pelo qual dizia ter bastante admiração. Chegou a escrever algum artigo sobre ele. Comentou que Elisa o fazia lembrar-se do escritor Samuel Rawet,

²⁷ CUNHA, F. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, via telefone, em 07/07/03.

que em seus livros criava personagens deslocados e de segmentos sociais marginalizados, como acontece na obra *Imigrantes judeus: escritores brasileiros*. Escrevia também sobre moradores de subúrbios e homossexuais. Ao final do depoimento, comentou que Samuel Rawet, no final da vida, havia enlouquecido e cometido suicídio. Acrescentou que, assim como Elisa Lispector, que era judia, Rawet também sofria da solidão como homem que precisou fugir da sua terra natal (Polônia) para o Brasil, devido as suas origens judaicas. De repente, disse que só tinha isso a dizer e desligou sem me dar tempo de despedir-me ou agradecer.

Através das pesquisas que realizei no Instituto Moreira Sales, pude visualizar um bilhete de Elisa Lispector enviado a Carlos Drummond de Andrade e também um cartão do poeta, tecendo elogios à obra literária de Elisa, agradecendo o livro enviado pela autora. Constatei, ainda, que o crítico e professor Paulo Rónai, judeu húngaro que chegou ao Brasil fugido do nazismo, mantinha contatos amistosos com Elisa Lispector, bem como era admirador de sua obra literária.

No dia 07/02/08, estava lendo uma crônica da colunista Cora Rónai, do jornal *O Globo*, cujo título é “Do alto dessas estantes, 40 anos me contemplam”, em que trata, de um modo geral, dos percalços por ela enfrentados para arrumar suas diversas estantes de livros. Em um determinado momento da crônica, para minha surpresa, certifiquei-me de que Cora Rónai também era admiradora de Elisa Lispector. Vale a pena citar este pequeno trecho: “Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Rezende e Rubem Braga devem ficar juntos; Clarice Lispector e sua irmã Elisa, de quem às vezes até gosto mais, são inseparáveis”²⁸.

III

A outra língua Lispector: muitas vezes eu havia tentado dissociar Elisa de Clarice, mas não lograra sucesso. Em todas as entrevistas que fizera havia o nome de Clarice Lispector reboando incessantemente. Como tirar Elisa Lispector dessa situação de apêndice em relação à sua irmã Clarice? Eu pensava: “São irmãs, o mesmo sangue, a mesma assinatura artística”. Por que Elisa assinara “Lispector”, se Clarice já o fizera primeiro? “Clarice Lispector”. Lembrei-me do conceito de

²⁸ RONÁI, C. Do alto dessas estantes, 40 anos me contemplam. *O Globo*, Segundo Caderno, 07/02/08.

“devir”, “dobra” e “contaminação”, de Deleuze, e do artigo que escrevera sobre as irmãs Lispector, utilizando-me desses conceitos. O conceito de contaminação e devir deleuzianos levaram-me a crer que não haveria saída para o problema.

Os conceitos de devir e dobra em Deleuze não têm por objetivo propor um esgotamento da questão, mas sugere estender alguns dos seus conceitos à análise da vida e obra das irmãs Lispector.

Para Deleuze, a partir da imagem da árvore e de sua dobra distinta e reversora, apresenta-se outra imagem, a do capim, que já pressupõe a ideia de campo ampliado, de literatura expandida e de crescimento, indicando a liga direta entre os componentes da árvore e sua hierarquia da raiz à folha. O pensamento-capim do filósofo marca-se pela horizontalidade, expansão, resistência, profusão, deslocamento e nomadismo, formando uma ideia de indiscernibilidade que pode ser vista através de um processo de vizinhança, onde o indiscernível já se apresenta como um conceito não mais de unidade, mas de multiplicidade, ou seja, um indiscernível que permite a visualização de suas dobras e desdobramentos.

Faz-se necessário salientar que transito na obra de Deleuze de forma movediça para tentar definir (ou me aproximar) dos conceitos de devir e de dobra, para pensar na vida e na obra das irmãs Lispector. Antes, porém, gostaria de citar uma passagem do pensador: “um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e, portanto, cria possibilidades” (DELEUZE, 2012, p. 34). E assim, também quero elucidar que o objetivo proposto é o de impossibilitar qualquer conceituação edipiana em torno do tema, mas que, ao mesmo tempo possibilite a abordagem da judeidade na vida e na obra das autoras. A existência do parentesco é apenas inevitável, mas sem qualquer tentativa minha de apontar para uma explicação psicanalítica dessa história, quer exista ou não. O meu motivo é outro: quero trabalhar a questão das irmãs Lispector às avessas da psicanálise.

De início, quero afirmar que devir não é imitação, não é identificação e nem correspondência. Devir é experimentar uma zona de vizinhança e também de indiscernibilidade. É uma experiência de afeto, pois todo devir é afetivo. Devir não é regredir e nem progredir, é uma multiplicidade intensiva. É, portanto, aproximar-se daquilo que é e não é mais. Ele não é o resultado de experiências

distintas, simplesmente está no meio, entre a judeidade e a não judeidade, guardando uma relação interativa entre heterogêneos. O devir possui a ideia de multiplicidade e fluxo, passeando nas bordas de algo, nas zonas fronteiriças, nos espaços heterogêneos, que oferecem um breve encontro; é uma experiência de acontecimento que forma rizomas, mas não finca raízes.

Nenhuma causa lógica provoca o devir. O devir existe num plano de consistência que pode ser fixo, mas sem distinção de seus elementos, a não ser por meio de um processo que pode surgir através da velocidade e da lentidão. Nas relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão é que haverá a ocorrência daquilo que estamos em vias de nos tornar, por isso o devir também é um processo de desejo. Esse princípio de proximidade ou de aproximação é privativo e não induz a analogias, indicando o mais rigorosamente possível uma zona de vizinhança ou de co-presença de uma partícula quando entra nessa zona. Não são fantasmas e devaneios. Não se trata, por exemplo, de Clarice Lispector não querer experimentar sentimentos antijudeus, apesar de ser de origem judaica; trata-se de saber que Clarice pode dar aos seus próprios elementos relações de movimento e repouso, afetos que fazem vir à tona, de forma oculta, o seu lado judaico, independente de afirmá-lo ou não. Nesse aspecto, Elisa Lispector já se apropria de um sentimento febril de judeidade.

Na verdade, sempre pensara durante a pesquisa que, apesar de Clarice Lispector ter surgido antes de Elisa (apenas dois anos de diferença), o sobrenome Lispector tinha mais a ver com a escrita arqueológica de Elisa Lispector. Ela foi a Lispector que buscou, através de sua literatura, a história dos Lispector, para que não fosse esquecida: mostrou o quanto o seu exílio existencial pôde contaminar sua produção literária.

Sim, Elisa Lispector, a mulher e escritora exilada. Exilada da própria literatura brasileira, e enquanto sua irmã tornara-se cânone, Elisa ficara à deriva. É claro que Elisa Lispector era dona de uma escrita mais clássica e, conforme a tradição da época, ao contrário de Clarice Lispector, que renovou a literatura brasileira com suas pulsões e seus fragmentos fulgurantes.

Elisa Lispector, como afirmara Regina Igel, fora fiel ao seu propósito literário, fora fiel à sua temática literária. Ganhadora de alguns prêmios literários,

mesmo assim, Elisa não se tornara parte do cânone literário, mas fizera parte de um grupo de escritores que deixou um rico legado para a história da literatura brasileira e, por isso, sua obra em particular merece urgente reavaliação. Mesmo Clarice, foi colocada em um lugar ao qual jamais quis pertencer, o do cânone. Hoje, curiosamente, são as questões de minorias, judeidade, memória, exílio, diáspora, hibridismo, diferença, trauma, testemunho que recortam as preocupações da crítica atual, o que faz a obra de Elisa um motivo de resgate urgente de uma história literária não devidamente contemplada.

Como já fiz menção anteriormente, o título provisório desta pesquisa seria “Elisa – a outra língua Lispector”. A escritora Amélia Sparano já havia escrito sobre isso com o título “A outra Lispector”. “Outra”, pronome adjetivo indefinido, mas que traz à baila, mais uma vez, o nome de Clarice Lispector.

Confesso aqui que desisti de tentar retirar Elisa Lispector desse desenho de um apêndice. Inserir ou retirar alguém do cânone só faz com que se valorize mais isto que chamamos de cânone. O que se discute hoje é que o cânone é uma instituição de poder e de ideologias, de grupos. Estar ou não dentro é irrelevante do ponto de vista da obra; só é relevante do ponto de vista da inclusão nas esferas de poder: academia, escola, crítica etc. Mas a escrita não é maior do que isso? E hoje, indissociavelmente, quem está no cânone também é lido? Só são lidos os que passam a fazer parte das preocupações dos críticos universitários? Já faz parte do inconsciente coletivo que Clarice Lispector navega tranquilamente nas águas do cânone. Mas não é bem essa a solução para esse embaraço. Elisa e Clarice foram irmãs, e amaram-se; foram boas escritoras que, por motivos diversos, tiveram assentos diferentes no panorama da literatura brasileira: Clarice solidificando-se no cânone literário e Elisa, por algum tempo, considerada uma boa escritora e reconhecida no período que vai desde os anos 40 até final dos anos 60, mas que depois fora mergulhada no quase total esquecimento. Talvez seja essa a grande diferença! Na qualidade de pesquisador da obra elisiana, não quero interrogar esse conceito de apêndice, que eu próprio, inicialmente, tentei em vão destruir entre as duas irmãs Lispector.

A importância literária de Elisa Lispector não está atrelada à de Clarice Lispector. A fortuna crítica de Elisa é uma, a de Clarice é outra. E a assinatura artística de ambas não libera esse organismo xifópago, qual seja, essa situação de

apêndice que pensamos existir. É preciso desmanchar isso, admitindo-se que ambas são irmãs e escritoras e assinavam artisticamente com o sobrenome Lispector. E isso não muda a história. Se discutirmos a partir de um conceito histórico-literário e religioso-político, poderíamos até afirmar que o sobrenome Lispector tem muito mais a ver com Elisa do que com Clarice, pois Elisa foi a Lispector primogênita e a única que assumiu a condição de judia, de mulher banida de sua terra natal, que contou aquilo que Clarice não quis que ela fizesse: a história de banimento da família da Ucrânia para o Brasil, ficcionalizada em *No exílio*. Elisa, através de seus livros, certificou as tradições, a história e a odisseia que alimentam o sobrenome Lispector.

A história de Clarice, todos nós conhecemos. A história de Elisa está sendo redescoberta e a história da irmã do meio, Tania Kaufmann, talvez ninguém conheça ainda. Talvez eu tenha sido uma das últimas pessoas a entrevistar Tania Kaufmann. Entrevistei-a entre 2003 e 2007, ano do seu falecimento. Em uma das minhas últimas conversas com Tania, ela abordou o falecimento de seu pai. Em meio às lembranças, de repente, parou a conversa, e disse: “Jeferson, sou totalmente cética, não acredito em Deus e nem em coisas de espírito, mas no dia em que meu pai morreu ele chamou pelo nome de minha mãe. Acho que ela veio buscá-lo”²⁹.

Em outra conversa, Tania me disse que Elisa sempre foi a que mais preservou os valores e tradições da família, a que teve a coragem de contar o que aconteceu com os Lispector, judeus russos que foram expulsos de sua terra natal. Afirma não se recordar de nada, pois só tinha três anos de idade e que Clarice não poderia testemunhar nada. Só Elisa Lispector pôde ser testemunha destas coisas, pois tinha nove anos quando tudo aconteceu: “Ela é a mais Lispector de Todas”. Sob o ponto de vista da experiência, isso é um diferencial histórico importante. Conforme afirmei, Tania, no fim desta entrevista, presenteou-me com um livro de contos que resolvera publicar: *O instante da descoberta: variações sobre o tema*. E assim me disse:

Jeferson, antes de decidir publicá-lo, pensei (muitos desses contos foram escritos quando minhas irmãs ainda eram vivas): agora estou sozinha, meu marido já faleceu, minhas irmãs também, ninguém sabe

²⁹ KAUFMANN, T. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, em 15/01/07.

que sou da família Lispector porque sempre usei meu sobrenome de casada, Kaufmann, desde a época em que publiquei meus livros técnicos, então ninguém sabe que sou irmã das irmãs Lispector.

Em 2006, Tania publicou seu livro, mas acho que ninguém soube. Foi publicado por uma editora desconhecida. O livro fora lançado com muitas erratas. Lembro-me de que algumas semanas depois de lançado, o ensaísta e escritor Affonso Romano de Sant'Anna publicou um artigo no jornal, indicando a leitura do livro de Tania Kaufmann.

Há pouco tempo, telefonei para o escritor Affonso Romano de Sant'Anna para alguma informação e também para lhe pedir o telefone da escritora Rachel Jardim, que eu havia perdido. Foi quando lhe perguntei se ele achava possível desatrelar Elisa Lispector de Clarice Lispector, ou seja, tirar Elisa Lispector desse local de apêndice em relação à Clarice. Ele enfaticamente me disse: “Não, não há como”. Depois me contou que na época em que Tania Kaufmann publicara seu livro, telefonara para o jornal *O Globo* e pedira para que divulgassem no caderno literário o livro de Tania Kaufmann, por ser ela irmã de Clarice Lispector. Affonso disse que se arrependeu de pedir, pois justamente esse seria o motivo para não divulgarem nada. Para eles, do jornal, Clarice Lispector era a única Lispector que importava.

Depois desta pequena digressão que precisei fazer em torno das nervuras do sobrenome Lispector, do peso que essa palavra provoca e de sua respectiva celeuma, em se tratando de ambas as escritoras, desejo, agora, fazer do sobrenome Lispector uma substância menos sólida e tentar conjugá-la com outras possibilidades, o que não é tarefa fácil. Talvez seja uma ousadia, mas uma ousadia verdadeira, afirmar que Elisa Lispector não é a outra, mas a irmã primogênita que trouxe a raiz do seu sobrenome nas entranhas mais profundas de seu ser. Elisa Lispector representou sua tradição, a história e a escrita testemunhal e traumática de seus antepassados. Representou aquilo que Clarice Lispector decidiu esquecer, como ela mesma já disse em citada entrevista: “Sou brasileira e ponto”.

Elisa Lispector foi a mulher ensimesmada, judia, exilada e escritora que, com toda coragem e respeito, faz jus absoluto à sua assinatura artística: Lispector. E é por isso que, no meio do seu imerecido exílio literário, a minha obrigação é mostrar o quão importante escritora ela é. No momento histórico em que o mundo

temia particularmente a presença dos judeus, já no final da Segunda Guerra, em que morreram seis milhões de judeus, naquela era de horror, Elisa Lispector ficcionalizou aquele mundo em convulsão e lançou seus dois primeiros livros, *Além da Fronteira* e *No Exílio*. Quando terminou o segundo livro, Elisa testemunhou: “(...) sofri muito quando escrevia *No exílio*, mas senti-me feliz, pois o terminei na data da criação do estado de Israel pela ONU”³⁰.

IV

Lembranças de Elisa: sobre o documento que Renard Perez me entregou e que me paralisou, pensei: o que faço com documento tão inquietante? É uma sensação estranha, saber que talvez somente eu o possua. Sei que Perez dera uma cópia a Bella Josef. Mas ela já falecera, como a maioria dos entrevistados. E ter esse documento me deixou solitário e julguei que talvez o melhor caminho seja incluí-lo na minha pesquisa.

Renard Perez começou a se relacionar com Elisa Lispector em 1965, devido ao romance por ele publicado, *O dia mais longo de Thereza*, na qualidade, à época, de secretário Editorial da Distribuidora Record. Renard já conhecia seus livros anteriores, como o premiado *O muro de pedras*. Naquela época, seu contato com Elisa se resumia a encontros em função de lançamento de livros, em festas na José Olympio, ou na residência da escritora e amiga, Dinah Silveira de Queiroz. Ele revelou que as conversas sobre o novo livro de Elisa tornaram possível essa aproximação.

Quando Renard Perez começou a ler os originais das obras de Elisa, a seu próprio pedido, dando-lhe sugestões e conselhos, acabaram por se tornar grandes amigos: “nasceu uma espécie de entendimento entre nós, uma confiança, passamos a nos telefonar com certa frequência, a nos visitar”³¹.

Elisa Lispector morava na Rua Toneleros, nº 245, apto 603, em Copacabana e Renard Perez na Rua República do Peru, bem próximo à Elisa. O documento *Lembranças de Elisa*, do próprio Renard, segue abaixo:

O seu apartamento era um quarto e sala, de frente, muito simpático, onde hoje reside sua irmã Tania, ambiente acolhedor (...) três prateleiras com bons títulos em português, em francês, castelhano. Ela tinha então 54 anos. Muito boa aparência, sempre vestida com bom

³⁰ LISPECTOR, E. Recorte de entrevista. Arquivo pessoal.

³¹ PEREZ, R. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, em 04/07/03.

gosto, cabelos castanhos muito cuidados, os olhos verdes, olhos que meu irmão dizia que eram os mais belos que já tinham entrado ali” (...) era um tipo muito fino, educada, muito sensível. Logo sentira, totalmente voltada para a literatura, também, a música: estudara piano, no conservatório de música, no Recife, enquanto fazia a escola normal. No Rio, para onde viera com a família em 1935, em breve ingressara no serviço Público Federal, onde exercia função de relevo, inclusive no exterior (...).

Renard afirma que quando encontrava Elisa ela sempre rememorava sua infância e o tempo em sua Ucrânia natal; a longa e dura travessia da família pela Europa, os pais, as irmãs menores, Clarice recém-nascida, de quase dois meses até o embarque em Hamburgo, a estada não tão mais fácil em Maceió (a família não fora tão bem recebida pela cunhada Zina).

Ainda segundo Renard Perez, “Elisa falava sobre os pais, a mãe doente, o mal progressivo, o problema daí advindo (...) lembrava também de suas viagens, feitas em razão do seu cargo no Ministério – suas visitas a Londres, Paris, uma ida a Israel, aos Andes (...) só uma vez, depois de Clarice falecida, deteve-se sobre ela (...). Estava por sinal escrevendo *Corpo a corpo* (1983) – e havia mágoa e sofrimento nessa recordação”.

Elisa, segundo Renard, como já disse anteriormente, tinha pavor do crítico e escritor Fausto Cunha: “fazia-a insensivelmente tremer”. Por outro lado, dizia Renard, “tinha uma expressão amiga quando eu falava num Osman Lins, num Nataniel Dantas, Octavio de Faria que eu sabia eram amigos seus”.

Renard me assegurou que ler *No exílio* foi “uma agradabilíssima surpresa”. Mas, também disse, que foi a partir desta obra, que o confronto entre ela e Clarice se aprofundara. Perez sempre repetiu que Elisa Lispector era uma mulher muito solitária, com reduzido números de amigos. Contou-me que quando, nos últimos anos, telefonava para ela, sua voz parecia vir do “além-túmulo”. Afirmou:

(...) quando lanchava lá em casa ou jantava, à saída, se já estava escuro, eu ou minha mulher precisávamos levá-la em casa. Certa vez, quando fui à sua casa, perguntou-me de que marca de uísque gostava. No dia seguinte, estava na sua mesinha de sala o litro de uísque, tomei duas ou três doses. Quando voltei, três ou quatro meses depois, a bebida no litro tinha a mesma altura.

Segundo Perez, em seu longo depoimento, Elisa Lispector não tinha nenhuma aptidão para a vida prática, era muito insegura e desconfiada: “Sempre que eu lhe telefonava já havia ouvido suas músicas clássicas, a TV que lhe era

insuportável, exceto para ver e ouvir concertos”. E houve uma vez em que lhe perguntei se conhecia o seriado *Os Waltons*, de Johnny Boy, aspirante a escritor. Não conhecia, recomendei-a e ficou fã do programa. O resto do tempo era para ler e tinha uma empregada que lhe auxiliava nas questões práticas de casa.

Sua mulher Helena, numa confabulação, conversou com Elisa sobre horóscopos, cartomante... Helena lhe perguntou o que achava sobre o assunto e aí Elisa disse: “jamais gostaria de saber o que podia lhe acontecer de ruim”. Renard contou-me que a pouca receptividade da obra de Elisa ia deixando-a amarga, desencantada, mas mesmo assim continuava publicando com regularidade.

Sua posse no PEN Clube do Brasil, em 1982, deixou-lhe muito feliz; outro acontecimento que provocou alegria em Elisa fora a publicação do seu livro, em Paris, em 1987: *En exil*.

Os últimos anos de vida de Elisa foram dedicados a reescrever ou rever seus romances anteriores, excluindo *Ronda solitária*, que rejeitou. E também se dedicou a escrever um livro sobre “retratos”, com tipos familiares, hábitos e costumes de sua gente da Ucrânia. Renard, à época, tentou animá-la para que concluísse esse seu último trabalho (hoje organizado e publicado postumamente por Nádia Battella Gotlib, com o título *Retratos antigos*), mas a própria Elisa acabou se desinteressando dele, cujo primeiro esboço era taquigrafado.

Renard me revelou que o último romance de Elisa foi muito importante para ela. Diz ter feito, com muita cautela, cortes, restrições e algumas observações. E dessa vez, diferentemente dos outros romances, “Elisa não discutiu, mas permaneceu petrificada calada e notei que começava a chorar, afirmando que o romance significava muito para ela”³².

O último trabalho de Elisa foi em 1988: a republicação de seu primeiro romance, *Além da Fronteira*. Parecia mesmo que queria fechar seu ciclo de vida com a republicação de seu primeiro romance. Elisa faleceu em 06 de janeiro de 1989, como relata Perez: “tinha lhe telefonado na véspera do ano novo, sua voz era um fio”. Fora internada na casa de saúde São José, no Humaitá e sepultada no dia 08 de janeiro de 1989, no Cemitério Comunal Israelita do Caju. Tinha 77 anos.

³² PEREZ, R. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, em 04/07/03.

Perez, em seu texto, diz:

A ironia que é uma pessoa seguir determinado caminho, por nele estar sua vocação, e sofrer por essa fidelidade. A literatura, para Elisa Lispector, era esse caminho. Seu sentido de vida, o que melhor desta lhe podia vir em sua condição de mulher só. Escrever: seja como forma de permanência, de justificação, de expressão. O episódio de que fomos mais de uma vez testemunha, em livrarias, feiras de livro, o vendedor para o freguês – “esse título não tem, dessa escritora, não”. Tinha de Clarice, tinha todos da outra... a comparação, como uma obrigatoriedade a que não se podia furtar, quando se falava nela... a pergunta, então: Por que, se era tão boa escritora, não tinha a repercussão da outra? Quem sabe, talvez o leitor não encontrasse nela o que esperava de uma Lispector, ela não confirmava um tipo de expectativa que a outra, a primeira, fizera prever. Se a introspecção as unia, a temática de Elisa era solidão: embora seu fio de esperança, sempre, sempre a solidão. E como ingredientes para esta insatisfação, o despreparo para a vida, a procura. Seja esta ou aquela personagem, esta ou aquela situação – sempre a mesma zona cinzenta. Talvez ele, leitor, acabasse por se desinteressar pela história de uma personagem sempre assim solitária, angustiada, preferir-se uma outra que vivesse a vida. E nessa mesma introspecção, uma temática de maior abrangência, mais clareza, como, em formas diversificadas, a de uma educação sentimental, ou mais do que sentimental; ou sobre questões tão caras à condição humana – a felicidade, a alegria -, ou mesmo, além dessa condição – uma reflexão à visão do irracional. Ou sobre o mistério da vida. A fragilidade desta. Sobre a sabedoria de bem vivê-la, segurá-la, como seguraria uma maçã no escuro. Isso, escusado, é dizer, feito com os instrumentos adequados de forma – experimentos de técnica, linguagem. Concluindo: Desse ou daquele modo eu vejo em Elisa, em última instância a força da vocação. O cumprimento desta. “O que nos resta é respeitar-lhe a obstinação”³³.

V

Judeidade: das três irmãs, confessadamente, Elisa Lispector foi a única que deu voz às suas origens judaicas, atuando junto a jornais e revistas judaicas. Lia e falava fluentemente hebraico, tendo inclusive, publicado seu livro *No exílio* também nesta língua. Frequentava algumas vezes a sinagoga, lia a Torá e praticava, na medida do possível, seus preceitos.

Sua obra literária presentifica esta questão da judeidade não somente por sua menção em alguns contos, livros, de personagens de origem judaica e, também, pela publicação de seu segundo livro. Observo, ainda, que, além do livro *No exílio*, é frequente na obra elisiana a temática da diáspora existencial na elaboração de suas personagens, que mais parecem aves de arribação que migram

³³ PEREZ, R. Documento datilografado concedido a Jeferson Alves Masson, em 04/07/03.

incessantemente, não conseguindo fincar pouso em lugar nenhum segundo Marcos Santarrita, o pássaro perdido de Elisa Lispector³⁴.

Não noto fragmentação nas narrativas elisianas. São narrativas de estilo mais clássico, bem desenvolvidas, não apontando nenhuma novidade nesse aspecto que pudesse se dizer que trouxe alguma inovação no processo de escrita. Como uma vez, já disse, a fragmentação na obra de Elisa Lispector não ocorre no texto propriamente dito, mas na elaboração de suas personagens que, a meu ver, sofrem daquilo que a filósofa Simone Weil (2012, p. 63) denomina “a doença do desenraizamento”.

Em todas as obras elisianas, inclusive nos seus contos, podemos claramente observar esse desenho de uma memória diaspórica, exílica, e esse aspecto aponta para outra questão, que é a literatura como testemunho. Acredito que Elisa Lispector, não tão inconscientemente assim, retrata, na elaboração de suas personagens, a presença de um trauma que provoca uma falta de linearidade na construção de suas personagens. É interessante analisar essa questão, haja vista que Elisa Lispector foi a irmã mais velha e que pôde experimentar física e psicologicamente o banimento, a fuga, o desenraizamento e o conseqüente trauma advindo dessas vivências. Os romances de Elisa Lispector são obras que testemunham a solidão humana, a meu ver, decorrentes da vivência dessas situações traumáticas. Todas as personagens elisianas são diaspóricas, desenraizadas, que têm em si a doença da incomunicabilidade. Estão fadadas à solidão, pois não há escapatória para isso, principalmente por quem já viveu a experiência traumática de ser banida de sua própria terra natal.

Na última entrevista, já citada, concedida por Clarice Lispector, o jornalista Júlio Lerner pergunta-lhe o que torna um homem triste e solitário: Clarice pensou e de repente disse: “Isso é segredo. Desculpa não vou responder... a qualquer momento na vida, basta um choque, algo um pouco inesperado e isso acontece”.

E a resposta de Clarice Lispector justifica também sua própria experiência de exílio voluntário, pois foi obrigada a viver boa parte de sua vida no exterior em função da profissão do marido, que era embaixador, Maury Gurgel Valente. Este foi o “choque” de Clarice. Elisa Lispector, por sua vez, foi a mulher, a artista que

³⁴ Cf. LISPECTOR, E. *Corpo a corpo*. Prefácio de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

viveu a história do banimento, o trauma, todas as impossibilidades de plenitude do ser. Ela conheceu a experiência da diáspora inerente à sua própria condição de judia.

Elisa, apesar de ter ficado noiva, desistiu dessa história, optando pela solidão. Acredito, segundo diversas entrevistas feitas, que Elisa Lispector não acreditava mais em união e optou por ser só. Foi uma decisão sua, mais de acordo com sua própria história de vida. Elisa Lispector tornara-se a figura judaica representativa de um membro da diáspora, como já disse uma vez Antonio Carlos Villaça “parecia uma velha senhora judia”.

Clarice Lispector, como é sabido, não falava nas suas origens: “Sou brasileira pronto e ponto”. Realmente, apesar das irmãs Clarice e Elisa se amarem muito, houve um confronto entre ambas, tendo em vista a republicação de *No exílio*. Clarice não queria que fosse contada a história do banimento da família. Mas Elisa foi firme à sua decisão e publicou-o com sucesso. Clarice Lispector gostava de frequentar cartomantes e práticas correlacionadas, histórias estas que todos já conhecem. Tania Kaufmann, contou-me uma vez: “Sou cética, não acredito absolutamente em nada. Não creio em Deus e sei que depois de minha morte tudo simplesmente se acaba. Não existe mais nada além”.

Mas Elisa acreditava em Deus, no deus da Torá. Elisa era figura assídua nos jornais e revistas judaicos. Em suas obras, de modo geral, desenha todos esses sintomas e sinais de uma judeidade ferida. Cria, também, personagens nominalmente de origem judaica, seja fazendo menção a problemas bélicos ou a traumas de guerra. O seu romance *A última porta* é citado em diversos jornais e revistas judaicos porque lá encontramos a personagem Ana, de origem judaica. Segue um trecho do livro:

As esfumaçadas recordações de sua infância, até quando Ana Steinmann foi adotada pelos Hoffmann... A dolorida lembrança dos pais. A saudosa reminiscência do lar... este medo não rompeu com os acontecimentos de ontem. Talvez só tenha sido reavivado, visto ser um sentimento já velho... para desenraizá-lo, sei que precisarei defrontar-me comigo e com o que se oculta por trás de mim...De qualquer maneira não consigo lembrar-me senão de maneira fragmentária, aos pedaços e aos arrancos, como quem extrai estilhaços disseminados pelo corpo todo...Os fantasmas que perambulavam por entre as cercas de arame farpado, eram apenas fantasmas. As cinzas nos fornos crematórios, somente cinzas (LISPECTOR, 1975, p. 73-74).

Elisa Lispector tinha uma admiração especial pelo profeta e filósofo judeu Maimônades, que nasceu em Geroma, na Espanha, em 1194, e morreu em Haifa, Eretz Israel, em 1270. Maimônades foi uma estrela que surgiu no século XIII no firmamento judaico da Espanha e que brilhou intensamente. É um dos principais autores da literatura Talmúdica da Idade Média, cabalista, filósofo e escritor renomado. Mais conhecido por seus comentários místicos do Pentateuco. Dedicou-se também ao campo da lei rabínica, além de ser um poeta litúrgico de grande expressão.

E daí, novamente, não há como não considerá-la escritora fiel às causas judaicas, uma vez que a própria Elisa busca insensatamente nas suas histórias a sua própria origem, a memória que lhe escapou e que tenta, sem nenhum constrangimento registrar através de seus livros, sejam eles mais autobiográficos ou não. Elisa Lispector representou um retrato de uma época de extermínio e de grandes atrocidades, da Primeira Guerra Mundial, em particular a Revolução Russa, à Segunda Guerra Mundial, cujos sintomas estão presentes em suas obras.

A obra de Elisa Lispector também faz reverberar e vivifica o sobrenome Lispector. Sem Elisa, o sobrenome Lispector seria apenas um sobrenome qualquer diferente. E foi através da publicação do livro *No exílio* que o sobrenome Lispector pôde se fortalecer na assinatura artística, tanto de Elisa como na de Clarice. Aliás, o que seriam as biografias de Clarice Lispector se Elisa não tivesse ousado e publicado *No exílio*? Por isso, é tempo de resgatar a obra de Elisa Lispector e de seus romances voltarem às grandes livrarias. É hora da luminescência de Elisa, que pouco tem relação com a obra literária de Clarice Lispector, exceto no sentido da análise psicológica e da introspecção.

Não objetivo tirar Elisa Lispector da situação criada devido à posição destacada de Clarice, até porque para mim não se trata de neblina ou ofuscação. Ambas são irmãs e escritoras e isso não tem que ser empecilho, nem para elas ou para os críticos, nem mesmo para as editoras e os leitores. Portanto, esta é a hora de divulgar a obra literária de Elisa Lispector, deixando Clarice no lugar que merecidamente se encontra nas letras brasileiras.

Em *Retratos antigos*, organizado por Gotlib, da mesma forma que no livro *Inventário*, há a possibilidade de, mais uma vez, observar a incessante busca de

Elisa Lispector por suas origens, por aquilo que foi deixado para trás. E é através do que restou (um velho álbum de fotografias) que Elisa pode ser também denominada a escritora-arqueóloga, aquela que escavou territórios em busca de suas origens na tentativa de reconstruir seu vasto mundo, contendo as tradições dos Lispector. Elisa Lispector é também a escritora exilada e, infelizmente, exilada injustamente do panorama da literatura brasileira. Elisa é a escritora que traduz nos seus livros sua história e o seu acordo tácito com a solidão.

No livro *Mulheres de valor* – uma memória das mulheres que se destacaram na comunidade judaica do Rio de Janeiro, escrito por Rachele Zweig Dolinger, filha do rabino Moshe Yona Halevi Zweig, Rabanit Rivka Askenazi – são destacadas as figuras das irmãs Lispector, com depoimento da irmã do meio Tania Kaufmann.

Tania, em uma de suas entrevistas comigo, havia falado que iria conceder um depoimento para o livro de Rachele Zweig e que, se fosse possível, faria alguma menção à minha pesquisa. Na página 355, não somente consta o depoimento de Tania, como também o da professora Bella Josef sobre Elisa Lispector. Uma das falas de Tania Kaufmann foi a seguinte:

Como irmã mais velha Elisa muito cedo arcou com grandes responsabilidades. Internada a mãe, Elisa, com 11 anos de idade, administrou a casa e cuidava das irmãs mais jovens. Foi trabalhar cedo no comércio, e fez concurso público para o Ministério do Trabalho, classificando-se em primeiro lugar (ZWEIG, 2004, p. 355).

Tania também afirma que Elisa foi uma escritora bem sucedida, tendo ganhado prêmios e ainda comenta sobre mim:

Agora mesmo uma pessoa me procurou pedindo dados para fazer uma tese sobre Elisa. Foi a primeira vez que isso aconteceu; geralmente as pessoas me procuram pedindo dados sobre Clarice, embora a Elisa também tenha sido uma grande escritora. (...) Elisa tinha necessidade de escrever, mas como trabalhava intensamente no Ministério até se aposentar, só escrevia em casa (...). Quanto ao relacionamento das duas irmãs, como havia uma diferença de 10 anos, Elisa tinha mais contato comigo quando Clarice ainda era uma menina (...). Literariamente falando, elas tinham um estilo bem diferente. Elisa era mais clássica e Clarice mais inovadora (ZWEIG, 2004, p. 355; 356; 357).

V

Resgatar: como já mencionei anteriormente, tornei-me conhecido na mídia, mas sem qualquer vínculo acadêmico, só através de comentários, como

pesquisador da vida e obra de Elisa Lispector. Este fato acabou me assustando muito, em face da minha particular timidez e aversão à publicidade.

Pesquisei durante mais de 20 anos, com grandes e pequenos intervalos, uma vez que também sou funcionário público, a vida e a obra de Elisa Lispector. Não sei se posso chamar isso de um destino, pois apenas tive meu primeiro e único contato com Elisa Lispector, já no final de 1988, um pouco antes de seu falecimento. Em 1988, eu era muito jovem, com 25 anos de idade, e já conhecia toda obra elisiana, juntamente com todas as minhas inquietantes indagações sobre o seu desaparecimento no mundo literário. Nem mesmo os meus professores de graduação, como já afirmei anteriormente, a conheciam ou tão somente me falavam “já ouvi falar que Clarice tinha uma irmã escritora, mas nunca li nada dela”. Hoje, com 51 anos de idade, Elisa continua sendo meu objeto de estudo e de tamanhas as inquietações.

Mas, retomando, de forma informal, fui considerado o único pesquisador da obra de Elisa Lispector. Os manuscritos de *Retratos antigos*, organizado por Gotlib, bem como muitas das cartas que compõem o livro de correspondência *Minhas queridas* foram descobertos por mim na casa da sobrinha Nicole Algranti, que me autorizou a manusear os arquivos de Elisa antes mesmo de terem sido guardados no IMS. Nicole me recebeu, à época, no apartamento da família localizado na Rua Senador Vergueiro, no Flamengo, quando permitiu que eu olhasse o arquivo que, até então, desde a morte de Elisa, não havia sido tocado. Pediu-me, na ocasião, se eu poderia dar uma organizada no material.

Depois de algum tempo, contei empolgado para Nicole, que havia descoberto algumas cartas de Elisa Lispector, bem como os manuscritos taquigrafados do livro póstumo dela. Mas, afinal eu era uma figura totalmente desconhecida do mundo acadêmico e não teria nenhuma chance de receber uma autorização para construir algo com aquele rico material. O livro com as cartas foi organizado por Teresa Montero, que já havia escrito uma ótima biografia sobre Clarice Lispector, e o outro manuscrito ficou a cargo de Gotlib.

Em dezembro de 2011, a jornalista do caderno *Ilustríssima*, da *Folha de São Paulo*, Raquel Cozer, convidou-me a participar, junto com Nádya Gotlib, Benjamim Moser e Claire Varin de uma matéria sobre Elisa Lispector. Lembro-

me perfeitamente de fornecer tudo que sabia sobre a vida e obra de Elisa Lispector.

A matéria foi publicada no caderno em 04 de dezembro de 2011, uma matéria ampla, que ocupou três páginas inteiras, tendo estampada, na primeira página, diversas fotos repetidas de Elisa Lispector, cobrindo assim toda a folha. Na segunda página havia uma foto grande de Elisa com seus familiares, com o seguinte título: *O resgate de Elisa*:



Figura 3. *Ilustríssima*, 04/12/2011



Figura 4. *Ibid.*

Eu já havia sido entrevistado pelo pesquisador americano e escritor Benjamin Moser para sua biografia sobre Clarice Lispector, cujo título é *Clarice*. Inclusive ele fez uma nota de agradecimento a mim por todas as coisas que lhe contei sobre Elisa Lispector: “A todos aqueles que ajudaram este projeto com grandes e pequenas gentilezas: Jeferson Masson, que compartilhou com sua

extensa pesquisa sobre a vida e a obra de Elisa Lispector (...)” (MOSER, 2009, p. 634).

Benjamim Moser, na entrevista da *Folha*, numa de suas falas, assim disse sobre Elisa:

Elisa era até atraente, mas Clarice era mais; a primogênita tinha jeito para escrever, mas não era genial como a caçula. Isso também tornava Elisa mais reclusa. Clarice tem o passado difícil, mas era linda, genial, casou e teve filhos. A história dela teve suas recompensas. De Elisa, que ainda por cima lembrava as dores da fuga da Ucrânia, não se podia dizer o mesmo ³⁵.

Prestei, como já disse acima, todas as informações possíveis à jornalista Raquel Cozer no real intuito de possibilitar esse resgate de Elisa Lispector para a literatura brasileira, como afirma Wander Melo Miranda, professor de literatura comparada e diretor da Editora UFMG: “é uma obra importante sobre a questão da imigração judaica no Brasil” ³⁶. A matéria do caderno *Ilustríssima* é perspicaz e muito boa. Fiquei muito emocionado, quando no domingo, comprei o jornal e pude ver e ler aquilo tudo. Estava certo de que desta vez Elisa ia retomar seu lugar de direito junto aos demais escritores formadores da literatura brasileira, tão importante e bela.

Porém, no dia seguinte, numa segunda-feira, entrei no *blog* da jornalista Raquel Cozer e fiz um comentário a respeito da excelente matéria, mas, logo em seguida, em estado de choque, li: “Jeferson, acho que infelizmente ninguém leu a matéria sobre Elisa Lispector, pois no mesmo dia foi anunciada a morte do jogador Sócrates e todos se voltaram para isso. É o retorno de Elisa ao exílio”.

Senti-me abatido por imensa tristeza. Será que Elisa realmente estava condenada ao eterno exílio? Naquele momento, havia uma sensação, talvez um sentimento, de algo misterioso e sobrenatural no ar. Lembro-me que, em seguida, escrevi algo para Raquel Cozer sobre isso, mas não me recordo mais o quê. Ao mesmo, lembrei-me de uma das entrevistas que fiz com Tania Kaufmann, quando o assunto era o falecimento de Elisa Lispector. E o que Tania me disse fez parte do que contei à jornalista Raquel Cozer e que também foi publicado naquela matéria. Na tal entrevista, a irmã Lispector do meio, em determinado momento disse:

³⁵ MOSER, B. Entrevista concedida ao jornal *Folha de São Paulo*, Caderno *Ilustríssima*, 4/12/11.

³⁶ MIRANDA, W. op. cit.

Jeferson, quando Elisa Lispector faleceu ninguém soube, o seu anúncio de falecimento saiu no jornal *O Globo*, junto com o anúncio da missa de sétimo dia da atriz Yara Amaral, que havia morrido no trágico naufrágio do Navio *Bateau Mouche 04*. Acho que todos se voltaram para Yara Amaral, que fizera muito sucesso na novela *Fera Radical* e, assim, minha irmã, mesmo na sua morte, tornou-se uma exilada. Jeferson será que minha irmã está condenada a um eterno exílio? ³⁷



Figura. 5. Nota sobre o falecimento de Elisa, O Globo.

Estas palavras de Tania, à época, deixaram-me amargurado e pensativo. Entretanto, apesar disso, não me sentia desestimulado e desmotivado em relação à minha pesquisa que ainda estava em processo de formação.

No ano de 2013, houve uma nova tentativa de resgate de Elisa Lispector. Em 11/01/13, fui procurado pela jornalista do Segundo Caderno do jornal *O Globo*, Mariana Moreira, em função de um evento em que eu era o palestrante, na então *Galeria Tatlin*, no Centro do Rio. Fui convidado pelo filósofo e artista plástico Silvio Barros e a jornalista e escritora Júnia Azevedo para fazer algumas observações a respeito de uma carta trocada entre Elisa e Clarice, objetivando citar a relação afetuosa que ambas mantinham e, assim, desfazer o mito de que Elisa se sentia ofuscada pelo talento da irmã. E nesse mesmo evento, pediram-me para ler e discutir trechos de livros de Elisa Lispector. A palestra também foi anunciada na *Revista Programa* do jornal *O Globo*.

A publicidade feita pelo espaço *Tatlin* foi bastante sensacionalista, enfatizando, inclusive essa ideia de que Elisa Lispector ficou esquecida em função do sucesso de Clarice Lispector, conforme as fotos a seguir. Já a matéria citada no jornal ocupava meia página da terceira folha do Segundo Caderno, com o título em destaque *O lugar de Elisa Lispector*, tendo sido postado um belo trecho do livro *O muro de pedras*, por mim escolhido. Na matéria, também havia uma foto com as três irmãs juntas, Elisa Lispector no centro, aparentando ter uns quinze

³⁷ KAUFFMAN, T. Entrevista concedida a Jeferson Alves Masson, em 08/10/03.

anos, Tania do lado esquerdo e do lado direito Clarice ainda bem pequena, com uns cinco anos de idade. Em um determinado momento da matéria afirmo: “quero trazer de volta a obra dela, que permanece pouco estudada. Os olhares sempre se voltaram para Clarice, mas a obra de Elisa é brilhante e merece destaque, principalmente por ser tão diferente da obra da irmã”³⁸.

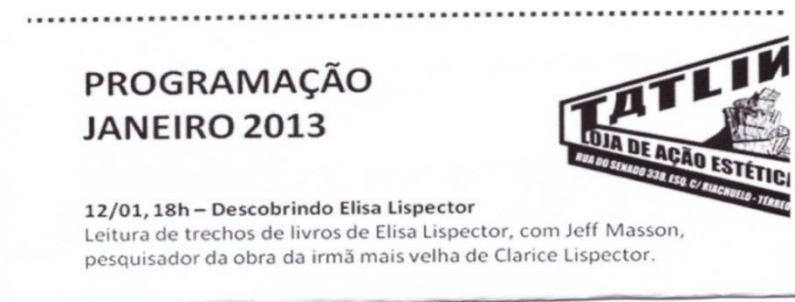


Figura 6. *Divulgação impressa da palestra Descobrimo Elisa Lispector*



Figura 7. *Divulgação da palestra na Galeria Tatlin.*

Com o tempo, Márcia Algranti, sobrinha de Elisa Lispector, e eu ficamos amigos. Lanchamos juntos muitas vezes. Já estive em sua atual casa em Teresópolis e ela já esteve na minha “casa estranha”, na minha “Estância”, uma casa ornada com pinturas e escritos (como se verá adiante) dentre eles, os retratos de Elisa Lispector e Clarice Lispector.

³⁸ MASSON, J. Entrevista concedida a jornalista Mariana Moreira, jornal *O Globo*, Segundo Caderno, 11/01/13.

Vale destacar algo interessante que saiu em outra parte do jornal, fazendo referência à matéria citada, abaixo destacada.



Figura 8. Personagens em destaque no jornal, dentre eles, Elisa Lispector.

Em janeiro de 2013, a jornalista Thaís Brêda, da *Tribuna de Vitória*, convidou-me para fazer uma matéria sobre Elisa Lispector, que foi publicada em 21/01/13.

A matéria tinha relativo destaque, ocupando metade de uma folha deste pequeno jornal, com uma das mais belas fotos que acho de Elisa e com o título “Um lugar para Elisa Lispector”, com o subtítulo “Irmã de Clarice Lispector abordava temas judaicos em suas obras e acusou ao falar da violência contra seu povo”.

Na matéria em apreço, teçi comentários sobre a vida e obra de Elisa Lispector e disse dentre outras coisas

Que assim como a produção de Clarice, a literatura de Elisa merece ser conhecida (...). Fui atrás das obras dela, que nem sempre conseguia encontrar nos sebos. A sobrinha de Elisa, Márcia Algranti, foi quem me deu os livros que eu ainda não tinha e assim fui me apaixonando pela literatura dela, que é rica, poética e brilhante. Ainda fiz questão de informar que os livros de Elisa eram bem aceitos pela crítica da época. Afirmei: “a primeira obra dela, *Além da fronteira*, foi publicada em 1945 (...) Ela dedicou ao pai Pinkas (...) é uma obra belíssima, que foi reeditada em 1988, pouco antes de Elisa morrer. Fiz ainda a seguinte observação (...) “seus personagens são desenraizados, não mantendo vínculos com nada”³⁹.

Assim que saiu a matéria, pedi a jornalista Thais Brêda, que enviasse a matéria do jornal à sobrinha Márcia Algranti, que gostou muito do artigo.

³⁹ MASSON, J. Entrevista concedida à jornalista Thais Brêda, do jornal *A Tribuna de Vitória*, 21/03/13.

10 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 2013

AT2



ELISA publicou primeiro livro, "Além da Fronteira", em 1945

Um lugar para Elisa Lispector

Irmã de Clarice Lispector abordava temas judaicos em suas obras e ousou ao falar da violência contra o seu povo

Thais Brêda

Clarice Lispector é uma das escritoras mais aclamadas pelo público e pela crítica. Porém, o que pouca gente sabe é que ela tinha uma irmã que também publicou vários livros, Elisa.

Citada em biografias sobre Clarice em passagens sobre a história da família, uma das referências sobre a escritora é "No Exílio", obra em que ela aborda a perseguição e a violência contra os judeus.

Pesquisador da obra de Elisa Lispector, Jefferson Masson diz que assim como a produção de Clarice, a literatura de Elisa merece ser conhecida.

O interesse dele pela obra da escritora surgiu na graduação, a partir de Clarice. "Fui atrás das obras dela, que nem sempre conseguia encontrar nos livros. A sobrinha de Elisa, Márcia Algranti, foi quem me deu os livros que eu ainda não tinha, e assim fui me apaixonando pela literatura dela, que é rica, poética, brilhante."

Segundo Masson, os livros de Elisa eram bem aceitos pela crítica. A primeira obra dela, "Além da Fronteira", foi publicada em 1945. "Ela dedicou ao pai, Pinhas, este livro. É uma obra belíssima, que foi reeditada em 1988, pouco antes de Elisa morrer", conta Masson.

De acordo com o pesquisador, em todos os livros da escritora há alguma questão que remete à guerra. "Além disso, seus personagens são desenraizados, não mantêm vínculos com nada."

Ele ressalta que Clarice e Elisa mantinham uma relação afetuosa. "Nas cartas que elas trocavam vemos como Clarice tinha admiração pela obra de Elisa. Sempre se falou de uma distância entre elas, mas não havia nada disso", afirma.

SERVÍCIO

Romances

- > "ALÉM DA FRONTEIRA" (1945)
- > "NO EXÍLIO" (1948)
- > "MUNDO SOLITÁRIO" (1954)
- > "O MUNDO DE PEDRAS" (1963)
- > "A ÚLTIMA PORTA" (1975)
- > "O DIA MAIS LONGO DE THEREZA" (1978)

> "CORPO A CORPO" (1983)

Contos

- > "SANGUE NO SOL" (1970)
- > "INVENTÁRIO" (1977)
- > "O TIGRE DE BENGALA" (1986)

Figura 9. "Um lugar para Elisa Lispector", *A Tribuna de Vitória*, 21/03/2013.

Em 19/02/13, foi publicada uma matéria no *Diário de Pernambuco*. O jornalista Felipe Torres queria me entrevistar somente por telefone, mas à época eu pedi que a entrevista fosse feita por *e-mail*, devido a alguns mal-entendidos na matéria de *O Globo*, que fora feita por telefone. Mas Felipe Torres não aceitou minha proposta e me neguei a fazer a entrevista. A professora Nádia Battella Gotlib foi procurada por Felipe, que ofereceu dados para o artigo. A matéria, de um modo geral, foi boa.

Através do seu livro póstumo, *Retratos antigos*, nota-se claramente que Elisa Lispector – além de guardiã do seu próprio fazer literário e narrativo, da elaboração de suas personagens cindidas e deslocadas – foi a guardiã também das tradições do seu povo, dos objetos (de sua casa) e dos amigos e familiares que fizeram parte de sua história de vida, muitas vezes lacunar.

Retratos antigos (esboços a serem ampliados) foi escrito por Elisa Lispector no intervalo entre a publicação de um livro e outro. Através de um velho álbum de família, Elisa procurava reacender sua memória para descrever cada figura ali presente.

Além de personagens de sua própria família há, no álbum, outras famílias de judeus amigos e conhecidos. A autora tinha dificuldades para identificar esses tipos e, para isso, durante muitas vezes, recorreu a uma tia sua já idosa, irmã de sua mãe, chamada Anita que, a princípio, ajudava-a contando casos e fazendo alguma alusão aos retratos ali presentes. Depois, sentia-se irritada por mexer naquele mundo de fantasmas, até que um dia disse para Elisa, com expressão sofrida no olhar: “Não se fale mais do passado. As personagens do seu retrato já morreram, e renasceram, e tornaram a morrer muitas vezes”. Então Elisa deduziu, após longo silêncio da tia, que ela queria lhe dizer: “Dê paz aos mortos”.

Em função das dificuldades para descrever essas personas de um passado já imemorial, Elisa acaba deixando de lado o livro e falece antes de concluí-lo. Entretanto, a autora ainda consegue descrever alguns desses retratos lacunares. É interessante observar suas palavras com as respectivas dedicatórias. Elisa dedica o livro a seus sobrinhos de primeira geração e, em especial, a sobrinha-neta, Nicole Algranti: “que com a sua curiosidade e deslumbramento ante os personagens dos *Retratos antigos* inspirou estes esboços”.

Vale a pena destacar um trecho da introdução desse livro, objetivando visualizar também o conceito lacunar da memória neste propósito de Elisa Lispector:

Vive-se em nossos dias atribuladamente e tão à beira do risco que mal dá tempo de parar para pensar, muito menos para recordar. Talvez por isso, sempre que mexo nos meus guardados e deparo com o velho álbum de família, detenho-me a lembrar até onde posso, e a querer penetrar num passado que nem sempre foi o meu. Pois datam as fotografias do começo do século – algumas até de antes- e não poucas retratam pessoas que nem sequer cheguei a conhecer, mas das quais

não me posso descartar. Parece-me um relicário que seria um sacrilégio destruir (...). Que restou dos personagens desses retratos, além de uma descendência não muito numerosa? Talvez a memória. Mas esta reside em nós, que, aos poucos, vamos perdendo também. Então penso o que será deles, quando os da minha própria geração não mais existirem, e não houver mais ninguém para dar testemunho de suas vidas, de seus graus de parentesco. (p. 81)

Retratos antigos realmente mostram o quanto Elisa Lispector era ligada à sua ascendência, às tradições e a seu passado. Elisa preocupava-se, e muito, com diversas situações ligadas à cultura judaica e seu povo. Isto está presente em suas obras, não somente no livro *No exílio*, que me parece ser a fonte a que os biógrafos de Clarice recorrem e, também, os poucos curiosos que dizem conhecer a obra elisiana. Esclareço que o *No exílio* não é o único manancial. Todos os livros da autora, com maior ou menor grau, mostram isso e, por conta disso, Elisa atuava com frequência em jornais e periódicos judaicos, bem como em palestras e conferências em instituições judaicas para as quais era a única a ser convidada, dentre as irmãs Lispector.

Em um dos meus contatos com Eliane Gurgel Valente, certa vez ela me relatou:

Jeferson, achei muito interessante você preparar o seu mestrado em torno da obra literária de Elisa. De fato eu a conheci de longos anos, através de Tania e Clarice. Logo me casei com o Mozart Gurgel Valente, irmão de Maury Gurgel Valente, ambos diplomatas. Conheci, portanto, Elisa em 1949, na nossa volta da Itália, em Roma e Clarice e Maury em Nápoles. Também li *No exílio* e sempre fiquei em contato com a família Lispector, da qual infelizmente só sobrevive hoje Tania. Vou fazer 83 anos e, embora ainda muito ativa, certas coisas vão se “deletando”... Realmente não tenho nada a acrescentar a não ser que Elisa era uma pessoa encantadora, inteligente (característica dos Lispector) e devota às tradições da família. Um cordial abraço, Eliane⁴⁰.

No mês de maio de 2014, estive na casa da sobrinha de Elisa Lispector e conversamos por longo tempo sobre sua tia, sobre a importância de resgatar sua obra, sobre minhas diversas tentativas, justas e relevantes, de devolver à Elisa Lispector o seu merecido lugar nas letras brasileiras, da mesma forma que sua irmã Clarice Lispector mereceu. Discutimos sobre as entrevistas e depoimentos sobre Elisa Lispector estarem sempre atrelados à Clarice Lispector e novamente acabamos chegando à mesma conclusão: não devemos separar ambas. Como

⁴⁰ VALENTE, E. *E-mail* enviado a Jeferson Alves Masson, em 17/08/06. Arquivo pessoal.

também já disse e repito, com ênfase, as irmãs assinavam artisticamente o mesmo sobrenome. Cada uma escrevia de uma forma: Clarice, mais inovadora; Elisa, fiel a uma escrita tradicional, poética, que condizia muito mais com seu propósito literário.

Segundo Márcia Algranti, Elisa foi realmente a grande guerreira da família Lispector e através da sua literatura não só quis mostrar as agruras por que passou sua família e a consequência traumática daquilo tudo, como também buscou preservar, através das personagens das suas narrativas, as lembranças e os símbolos da cultura judaica, da situação de diáspora vivenciada pelo povo judeu.

Falamos sobre as participações de Elisa Lispector em jornais e revistas judaicas e sobre a presença dessa vivência exílica das suas personagens, a partir da própria experiência de vida da autora. Naquela ocasião, trouxe-lhe uma carta que sua mãe, Tania Kaufmann, havia me dado de presente e então quis citar alguns trechos, objetivando fazer notar o quanto a história de vida de Elisa Lispector repercute na estrutura de sua obra e o quanto Elisa Lispector merece figurar mais condizentemente na historiografia da literatura brasileira. Elisa foi uma escritora singular, que teve a coragem de tratar temas muito duros e delicados; foi uma escritora que testemunhou de perto – e de longe – as maiores atrocidades do século XX.

Desta forma, li para Márcia um trecho de uma carta-questionário escrita, a pedido do crítico e escritor e amigo de Elisa, Almeida Fischer. Elisa disse:

Me custa reviver o que gostaria que fosse esquecimento já porque sinto certo constrangimento – diria até pudor – em falar de mim mesma (...) convenho que, para emprestarmos vivência aos personagens, é preciso que nós próprios tenhamos vivido (...) quando saí da Ucrânia, ao termos passado por estágio de vida normal e confortável para a caótica situação que se seguiu logo após a implantação do novo regime – eu, ainda muito criança presenciando (...) Seguiram-se a emigração e as dificuldades próprias de quem arranca as raízes de uma terra para replantá-las em outra, esta, luminosa, acolhedora, mas onde éramos estranhos e carentes de recursos (...) só, ao tornar-me adulta, e sentindo a necessidade de um meio de expressão, voltei-me para as letras, de começo canhestamente embora. Já no Rio, onde novamente não conhecia ninguém, mandei um dia à revista *Esfera* um conto, ou coisa que o valha, para experimentar-me. Se fosse publicado... E, para minha surpresa, foi. Mostrei-o ao meu pai, - cuja inteligência e firmeza de caráter muito influíram em minha formação. – Ele o leu, releu, pensativamente, e sugeriu-me escrevesse sobre um homem que se perdeu, - mais propriamente, sobre um homem que perdeu o caminho... Com os eventos da segunda guerra, vieram à tona os de

minha infância, a que anteriormente aludi. E, revivendo aqueles anos pós-revolução, e mais a ressonância da barbárie que já se anunciava mesmo antes de 39, e a que se lhe seguiu, e resultou daí o *No exílio*... Mais tarde, tentei escrever uma história de amor, que, afinal deu em desamor – “Ronda solitária”... Em “O mundo de pedras” focalizo o sentimento da solidão e a incomunicabilidade entre os seres... Finalmente, os problemas da vida e da morte – problemas eternos e insolúveis - induziram-me a escrever “O dia mais longo de Thereza”... Trabalho pouco e lentamente, porque se faço literatura, não é dela que eu vivo, senão do meu dia a dia no ministério, que consome o melhor de minhas energias, sobretudo porque não é um tipo de trabalho que a que sou afeita... De minhas admirações literárias? – leio tanto quanto o tempo me permite, e leio de tudo. Mas, quem pode ler impunemente um Dostoievski, um Kafka ou um Camus? Proust, e Joyce e Virginia Woolf são outros tantos que admiro, sem falar nos nacionais, eu começaria cá por casa, pela Clarice, não fosse imodéstia, pelo muito que estamos próximas, e a Rachel de Queiroz, o Adonias Filho, Octávio de Faria, Cecília Meirelles, Drummond e Guimarães Rosa, para não mais me alongar. Junto lhe envio cópia de algumas críticas sobre meus livros. Um grande e afetuoso abraço de Elisa⁴¹.

Depois da leitura deste depoimento, ficamos calados e pensativos. Então falei a Marcia que Elisa é testemunha de um tempo de barbárie, que afetou profundamente a força de sua ficção. Eu dizia a Márcia que as várias tentativas de tirar Elisa Lispector desse ostracismo começaram quando ainda era jovem e, hoje, com 51 anos de idade, ainda vivo essa luta, e da mesma forma que Elisa, me sinto um exilado. Diversas vezes me animava quando me convidavam para algum evento para falar sobre Elisa Lispector, mas logo em seguida, parecia que tudo retornava a um silencioso exílio.

Neste momento, pairou um silêncio longo na sala de estar – daí, sem muito raciocinar disse a Marcia: “será que junto com Elisa Lispector estou fadado também ao exílio?” Márcia ficou quieta. Eu não sabia por que falara aquilo. Estávamos pensativos e melancólicos. De repente, Márcia disse:

Jeferson, quero lhe contar uma história sobre minha mãe, já que ela gostava tanto de você que esteve com ela até bem próximo do seu falecimento: um pouco antes de morrer, minha mãe me pediu que a enterrasse junto à Elisa Lispector e não à Clarice. Perguntei-lhe o porquê: Respondeu-me assim: ‘porque a Elisa Lispector era a mais solitária de todas’.

Aproveito a oportunidade para mostrar o quanto Clarice amava Elisa, que se sentia e foi a grande guardiã da família desde menina. Para isso, reproduzo trecho de uma carta à irmã, que Clarice chamava de “Lea”, seu primeiro nome, e que

⁴¹ LISPECTOR, E. Documento concedido por Tania Kauffman, em 2003. Arquivo pessoal.

precisou ser trocado para “Elisa”, ao chegarem no Brasil. Clarice, de forma jocosa, assinava algumas cartas para a irmã mais velha como: “Sua vovó de sempre, Clarice”.

Elisa, queridíssima que cartas lindas eu recebi de você, meu Deus! Não conheço ainda seu livro, mas tenho certeza que ele é bom; basta as amostras que eu recebo, tão delicada você! (...) Melo Lima disse que seu livro era ótimo. Estou louca para ler e espero que ele seja bem compreendido pela crítica e bem aceito. Muitas vezes é uma questão de sorte de circunstâncias o que faz com que um livro seja compreendido nas suas intenções. (...) Querida como vai o seu livro? Não me quer falar nele? Gostaria tanto de saber quando será publicado, e se está tudo correndo bem? Diga-me qualquer palavra. (...) Querida, o verão do Rio é uma fonte de resfriados. Tania me escreveu que seu livro sairá talvez neste mês; então já deve ter saído. Peça-lhe enormemente que me mande um dos primeiros exemplares. Quem fez a capa? Tenho tanta vontade de ler... Tenho muitas esperanças nele e em você. Alguém mais leu? Por que você não me escreve e nem ao menos rapidamente sobre ele? (...) Sua sempre, Clarice (LISPECTOR, 2007, p. 45; 46; 71; 73).

4

Biografemas⁴²: Rumo ao “Museu de Tudo”

Neste momento, indissociam-se biógrafo, biografada e vivência. Conforme as palavras de Eneida Maria de Souza “as relações teórico-ficcionais entre obra e vida resultam no desejo de melhor entender e demonstrar o nível de leitura do crítico, ao ampliar o polo literário para o biográfico e daí para o alegórico” (SOUZA, 2011, p. 21). Por isso, a liberdade de incluir no dado biográfico a antologia de minha casa-arquivo. Obviamente, a casa-arquivo contém muito mais textos do que somente os de Elisa Lispector. Mas devemos considerar que todos esses textos dialogam de alguma forma com as narrativas de Elisa.

Arquitetura da casa – relicário e estância: em dezembro de 2008, depois de muitas oscilações, decidi comprar uma casa de campo. Descobri um bom terreno com uma velha casa no município de Guapimirim, no Rio de Janeiro. Não só queria ter uma simples casa no campo, como também um espaço artístico, uma estância, onde eu pudesse colocar aquilo que de mais precioso fizesse parte da minha vida: a Arte.

O colorido deveria fazer parte das figuras e das variadas narrativas da casa, pois o objetivo é que essa moradia formasse uma antologia sobre minha história de vida – uma vida quase inteira – atravessada por diversas emoções, com infinitos tons de cores, com suas nuances e enigmas. Mas a construção desse arquivo-casa não seria tão fácil assim de realizar e organizar, considerando que meu espírito inquieto não me daria a paz necessária para o intento e, talvez, por isso, logo quis escrever no quarto a frase de Rimbaud: “Acabei por achar sagrada a desordem do meu espírito”. (RIMBAUD, 2002, p.135)

Deveria começar pelo exterior ou interior da casa? O exterior era o que mais me assustava. O que fariam os moradores do condomínio? No mínimo, não me achariam uma pessoa “normal”. Mas, como nunca fui simpático à aceção do que seja normalidade, essa dúvida logo se dissipou. Contudo, até hoje alguns olhares me perseguem de forma estranha e algumas dessas pessoas, quando precisavam falar comigo, era sempre a distância, com algum receio.

⁴² Biografemas: conceito criado pelo semiólogo Roland Barthes. São signos construídos através de imagens fragmentadas, podendo ser, também, um *CORPUS* de pesquisa ou do texto literário impossível de ser capturado na sua totalidade. São fragmentos que iluminam detalhes.

Pensei primeiro em desenhar e colorir pipas e balões por terem sido marcas importantes da minha infância, mas deixei tal ideia de lado. Afinal, a minha vida noturna de garoto era feita de livros.

Meu então companheiro viria a morar comigo, mas ele não ligava para essas coisas e mal opinaria e foi quando, naquele momento, percebi que minha narrativa seria um pouco solitária. E quem, numa cidade pequena como Guapimirim, bastante interiorana, faria isso para mim? Um dia, numa conversa informal com o marceneiro, perguntei-o se conhecia alguém que desenhasse e pintasse bem. Alguns dias depois, Zarlán Leão me telefona e aparece: um rapaz de 21 anos que realizava pela cidade, de forma artesanal, pequenas pinturas em telhas ou garrafas e também decorava rostos de crianças para festas infantis. Percebi que estava diante de um pintor popular e não alguém afeito aos meus gostos. Disse-lhe que gostaria primeiro que desenhasse, na sala, dois rostos de escritores e escrevesse coisas em volta desses semblantes. Foi honesto e disse; “Sr. Jeferson não sei pintar rosto. Se o senhor quiser posso tentar, mas não vai ficar bom”. Eu não tinha saída, pois não havia mais ninguém naquela cidade que soubesse pintar e desenhar.

Pedi que lesse um texto de Clarice Lispector (ele não a conhecia, mas havia algo de diferente nele, talvez uma velada capacidade espiritual). Depois de lido o texto, parecia estar meio embriagado com aquelas palavras e, em estado hipnótico, começou a desenhar o rosto de Clarice e eu do lado dando sugestões. Daí algum tempo surge assustadora e majestosa a Lispector caçula na sala, conforme figura, à frente, dizendo, dentre outras coisas, o seguinte:

(...) a linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela não conseguiu (...) (LISPECTOR, 2004, p. 77)



Figura 10. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Zarlan, depois de terminado o desenho, um pouco espantado, começou a tirar fotos e achou inacreditável ter desenhado tão perfeitamente. Falei para ele que o espírito de Clarice deveria estar por perto.

No dia seguinte, foi a vez de Elisa Lispector e o resultado também surpreendente. É possível que o espírito da Lispector primogênita também estivesse presente. Elisa, incólume, conforme figura abaixo, com um discreto sorriso nos lábios, e com alguns escritos dos seus livros próximos a ela:

Uma aldeola qualquer, nas montanhas, seria o retiro indicado. Ali um homem pode nascer, viver e morrer sem que o mundo suspeite de sua existência (...). Mas um dia encontrei-me no imenso vão do aeroporto, aguardando a chamada para o embarque, na esperança de pôr fim a um enigma (...). Mas pode uma árvore viver sem raízes? (LISPECTOR, 1985, p. 39)



Figura 11. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Lembro-me que dias depois pedi que desenhasse e pintasse mais dois rostos, o de Hilda Hilst e Virgínia Woolf, mas não houve sucesso. Acabei entendendo que só havia permissão “espiritual” para na sala reinarem os rostos das irmãs Lispector. Entre Elisa e Clarice coloquei algumas citações de Hilda: “Porque algumas intensidades têm a aparência da bebida”. No entorno da sala fui colocando frases e citações de vários outros autores e pintores que eram meus pares: Raquel Jardim, Caio Fernando Abreu, Roland Barthes e também uma pintura cubista de Picasso.

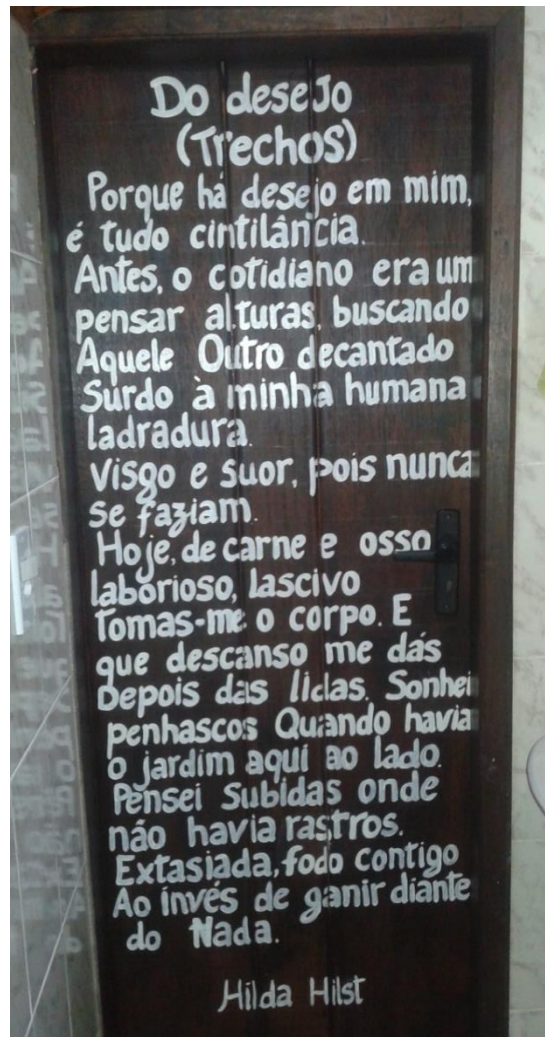


Figura 12. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

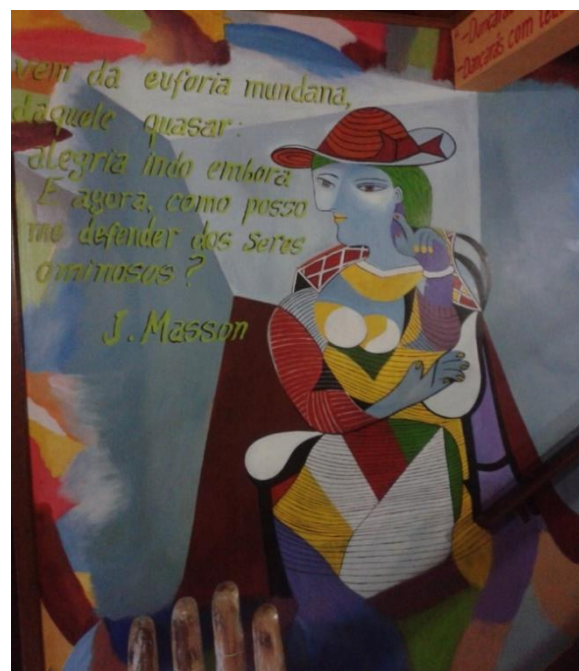


Figura 13. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

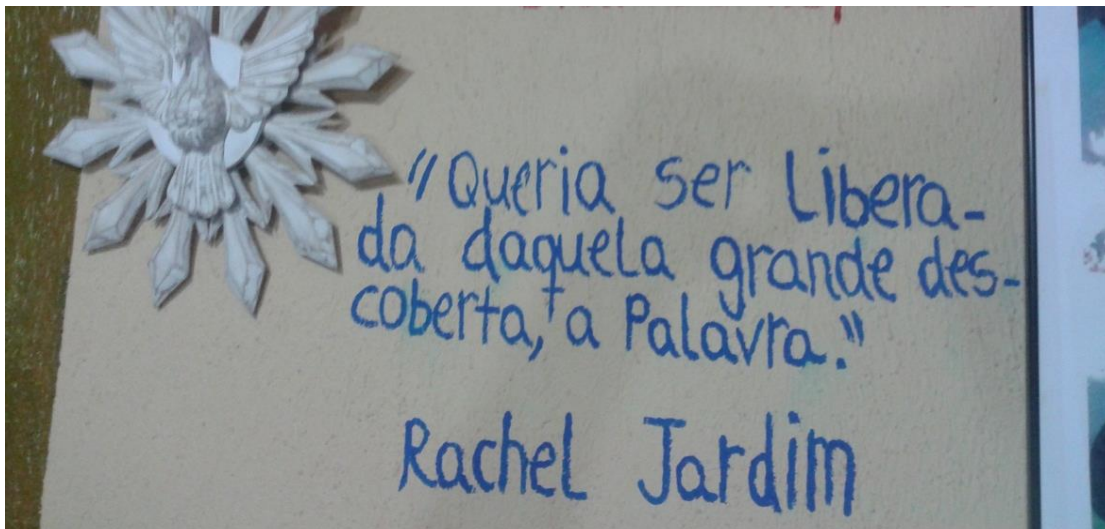


Figura 14. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Na frente da casa, incluindo a varanda, estavam presentes Ana C. César, Camus, Sylvia Plath e Katherine Mansfield, sussurrando “bliss” diante da minha aflição momentânea:

Estou muito feliz, muito feliz. E parecia-lhe ver entre as pálpebras a linda pereira, com aquela abundância de flores... Sua linda pereira (...). Ela correu para o jardim, Deus! O que vai acontecer agora? “Mas a pereira estava tão linda como sempre, tão imóvel e florida como sempre”. (MANSFIELD, 1992, p.16)



Figura 15. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

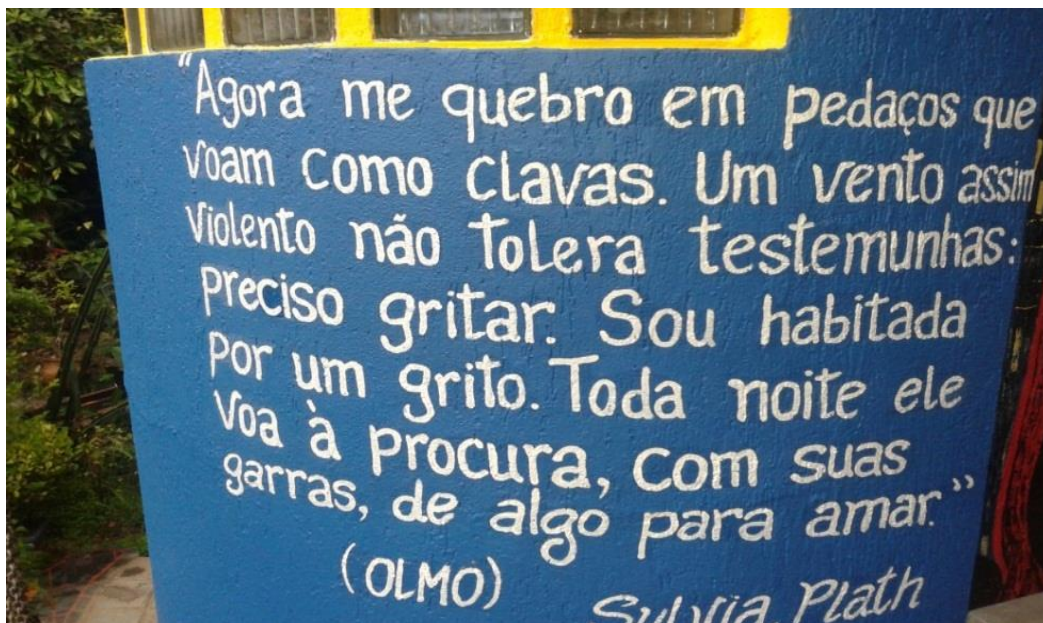


Figura 16. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 17. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

E, num outro canto da varanda, a voz estrangulada de Sarah Kofman, murmurando, no seu derradeiro livro *Rue Ordener, rue Labat*, antes de cometer suicídio, escondendo-se dos nazistas e de sua própria mãe louca: “Minha mãe

cortava a luz cedo, à noite; lembro-me de ter lido, sob os lençóis, os Caminhos da Liberdade de Sartre”.

No lado externo da casa, que fica de frente para a rua principal, de nome Azaleia, montei um grande painel colorido com cenas do filme *Le bal*, de Ettore Scola e também desenhos do balé de Pina Baush e, para contrastar mais ainda, o desenho da morte com uma foice, capa do livro de Markus Zuzak, *A menina que roubava livros*. Ainda na parte externa da casa, mais para os fundos e o quintal, foi desenhada uma antiga capa de um livro de contos reunidos de Clarice Lispector, a imagem de uma cabeça-ovo saindo dentro de um pintinho amarelo, estranha imagem que muito me impactou quando adolescente, que faz parte de mais uma imagem. Embaixo desse desenho, o belo poema *Desenho*, de Cecília Meireles, que suavemente alimenta meu jardim com suas palavras delicadas e rendadas:

(...) E minha avó cantava e cosia. Cantava canções de mar e de arvoredo, em língua antiga. E eu sempre acreditei que havia música em seus dedos e palavras de amor em minha roupa escritas. Minha vida começa num vergel colorido, por onde as noites eram só de luar e estrelas. Levai-me aonde quiserdes – aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e voltar sempre inteira. (MEIRELES, 1983, p.193)



Figura 18. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 19. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 20. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

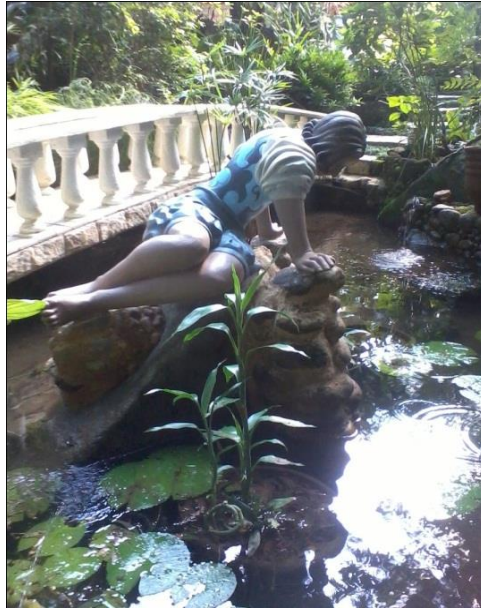


Figura 23. Fonte de Narciso, na *Estância*, casa do autor

Seguindo um pouco mais na profundidade do terreno, deparamo-nos com um pequeno cômodo construído em forma de farol. Uma homenagem ao livro de Virginia Woolf, *Ao farol*. Mas dentro desse cômodo, sobrepus outra ideia ou conceito: criei o espaço Elisa Lispector, com seus livros sobre a mesa, alguns escritos na porta, o desenho de um lindo pavão pintado por Zarlán e, também, outros escritos significativos para mim como, por exemplo, um de Susan Sontag que diz algo que, a meu ver, tinha a ver com minha vida e a de Elisa. Assim, como para Sontag, aquilo me afetara também:

É por revelarem qualquer coisa de original que as fotografias podem causar impacto. (...). O primeiro contato com o inventário fotográfico do horror absoluto é uma espécie de revelação, o protótipo da revelação moderna: uma epifania negativa. No meu caso foram as fotografias de Bergen-Belsen e Dachau que descobri por acaso numa livraria de Santa Monica em julho de 1945. Nunca vi nada, quer em fotografias, quer na vida real, que me atingisse de um modo tão claro, profundo e instantâneo. Na verdade, é possível dividir minha vida em duas partes: antes e depois de (com doze anos) ter visto essas fotografias, embora isso se passasse vários anos antes de ter entendido completamente o seu significado. De que me serviu tê-las visto? Eram apenas fotografias, de um acontecimento de que mal tinha ouvido falar, de um sofrimento dificilmente imaginável e sem remédio. Quando olhei para elas algo se quebrou. Tinha atingido um limite, que não era apenas o do horror; senti-me irrevogavelmente magoada, ferida, mas uma parte dos meus sentimentos começou a endurecer, algo morreu, algo ainda chora. (SONTAG, 2011, p.30)



Figura 24. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Na parte externa do farol, foram escritos diversos textos de vários autores de que gosto, mas seria extensivo demais citá-los aqui nesta pequena antologia. São frases de Jean Genet, Lúcio Cardoso, Nise da Silveira e Oscar Wilde, que num momento de muita dor, já na prisão, escreve para seu ex-companheiro, Bosie, em *De profundis*: “Os poderes invisíveis têm sido muito bondosos com você” (WILDE, 2014, p. 11).



Figura 25. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Saímos de perto do farol e podemos nos dirigir à varanda dos fundos da casa, onde há algumas pinturas, como por exemplo, a bela capa do livro da alemã Julia Franck (2008), *A mulher do meio-dia*, que destaco abaixo. Observamos, também, um belo trecho do livro *Clínica de artista*, de Roberto Corrêa dos Santos.

Há uma belíssima frase de Clarice Lispector, que misteriosamente sussurra: “Além do vento há uma outra coisa que sopra”. Um trecho De Marguerite Duras, do livro *olhos azuis cabelos pretos*, e outro do livro *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak, quando a personagem da morte sentencia:

Tive vontade de dizer muitas coisas à roubadora de livros, sobre a beleza e a brutalidade. Mas que poderia dizer-lhe sobre essas coisas que ela já não soubesse? Tive vontade de lhe explicar que constantemente superestimo e subestimo a raça humana – que raras vezes simplesmente a estimo, por valer-me a um só tempo de palavras e histórias amaldiçoadas e brilhantes: os seres humanos me assombram, eis o que a morte ofereceu para Liesel. (ZUSAK, 2007, p.493)

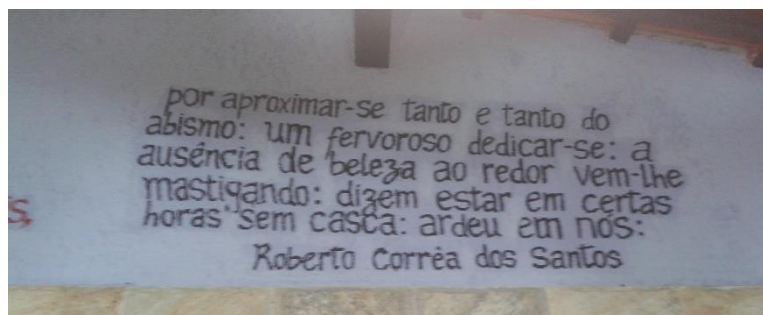


Figura 26. Pintura da Estância, casa-arquivo do pesquisador.



Figura 27. Pintura da Estância, casa-arquivo do pesquisador.

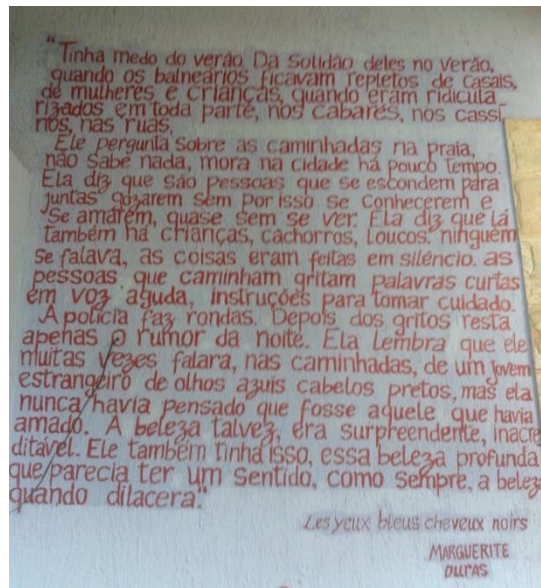


Figura 28: Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Passeamos, novamente pela casa, e subimos para o sótão, onde nos deparamos com o lindo poema de Olavo Bilac, *Via-láctea*, e, em seguida, com Elizabeth Bishop declamando com dor, num momento de profunda nostalgia, sua *Uma arte*, como podemos observar nas figuras posteriores. Ah, sim, na parede da escada, que desemboca no sótão, já ia esquecendo, podemos ainda ler trechos do livro *As ondas*, de Virginia Woolf, falando sobre a figura morta e eternamente jovem de Percival: “Como indicar para todos os tempos futuros que nós, parados na rua, à luz do lampião, amamos Percival? Agora Percival se foi. As ondas quebraram na praia”. (WOOLF, 1980, p.121) Adentrando neste recinto, lemos uma inesquecível frase de Kafka e, com um pouco mais de suavidade e densidade, outra de Marguerite Yourcenar, em *Memórias de Adriano*. Na parede ao lado, numa estilizada empena cega, encontramos a figura um pouco andrógina da poetisa portuguesa Florbela Espanca (não devemos esquecer que os únicos rostos desenhados com certa perfeição são os das irmãs Lispector), com o áureo poema *Ser poeta*. Temos, ainda, *As meninas*, de Velásquez. Na porta do banheiro do sótão há uma imagem de um títere algemado e no verso da mesma porta trechos do poema *Do desejo*, da querida Hilda Hilst. Há, também, outra pintura de Picasso chamada *Meninas correndo na praia*.



Figura 29. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 30. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

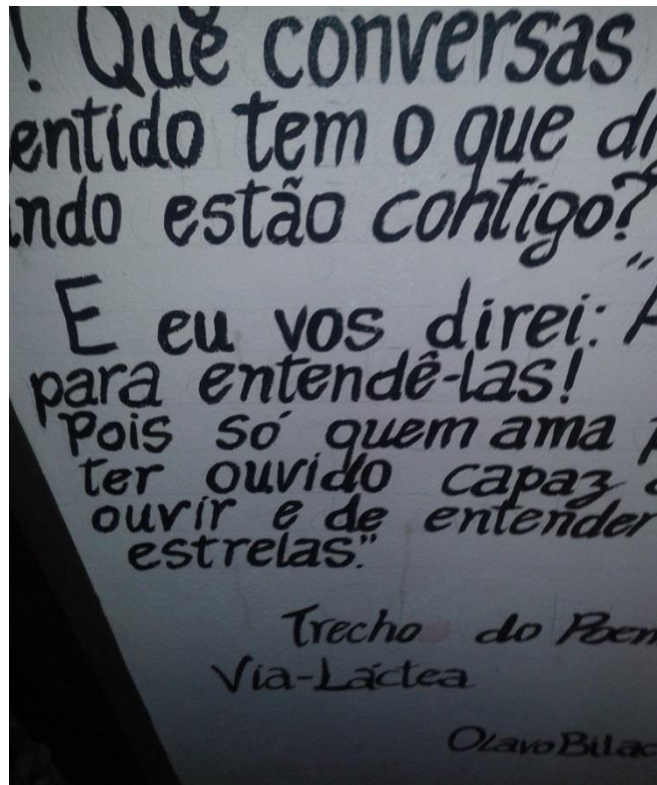


Figura 31. Pintura da Estância, casa-arquivo do pesquisador

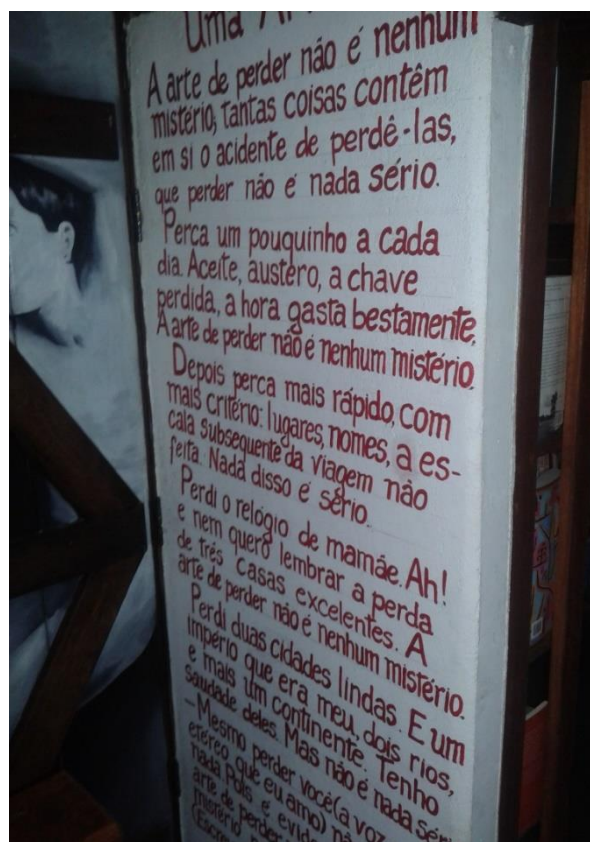


Figura 32. Pintura da Estância, casa-arquivo do pesquisador



Figura 33. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

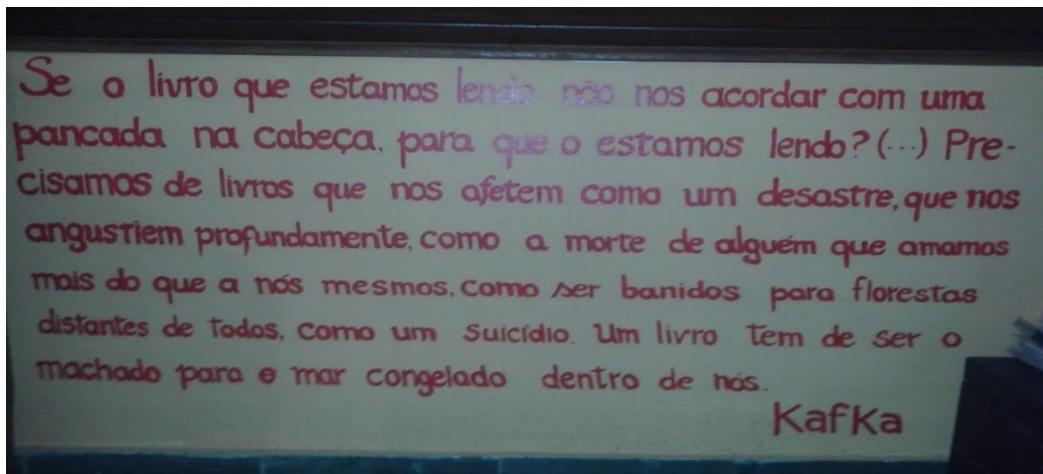


Figura 34. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

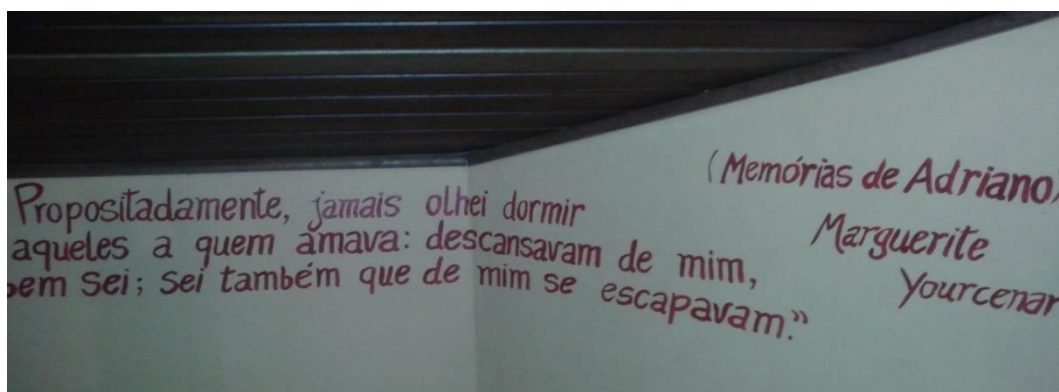


Figura 35. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

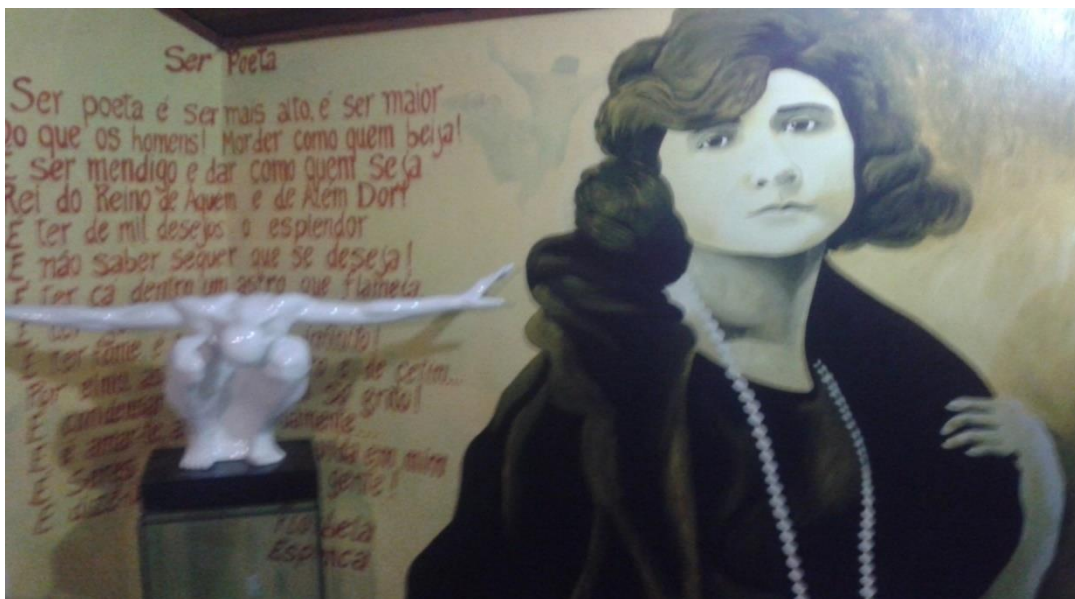


Figura 36. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 37. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Convido-os para me acompanharem até o quarto de baixo, onde nos deparamos com o desenho de um quadro de um pintor que não me recordo o nome (a memória está começando a falhar), alguns escritos de Clarice Lispector e uma pintura, que me provoca uma estranha sensação, de Van Gogh, *Woman of Arles*.



Figura 38. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

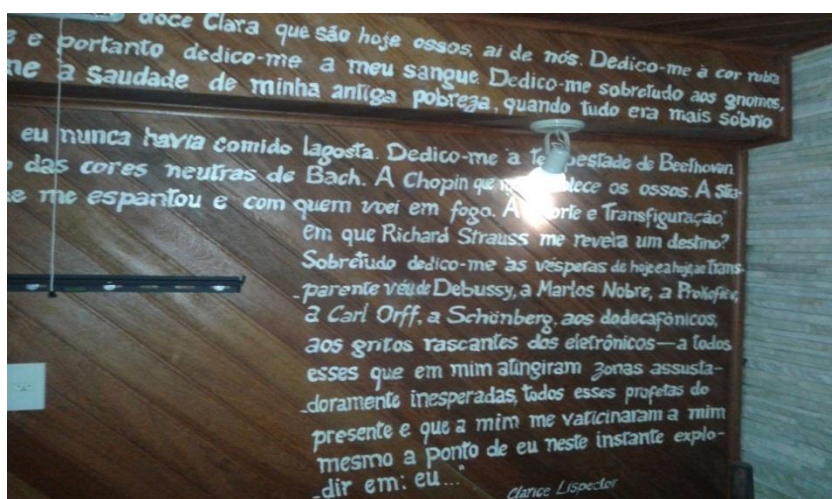


Figura 39. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 40. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Agora, meu quarto: nas portas de entrada e do banheiro temos pinturas de Monet e de Modigliani, com seus enigmáticos rostos compridos. Temos o desenho pintado do *O beijo*, de Klint, trechos das irmãs Lispector e de Rachel Jardim e, principalmente belos trechos de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, fazendo-nos lembrar de que “Viver é muito perigoso.” (ROSA, 1976, p.257) Embaixo do quadro representativo do filme *Brokeback mountain*, uma frase belíssima de *Grande sertão: veredas*: “Diadorim é a minha neblina” (Idem, p.159).

Na parede, acima da porta do banheiro, um emocionante trecho de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, que faz parte de um dos mais belos contos do autor, “As margens da alegria” (ROSA, 1969, p.7).



Figura 41. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 42. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

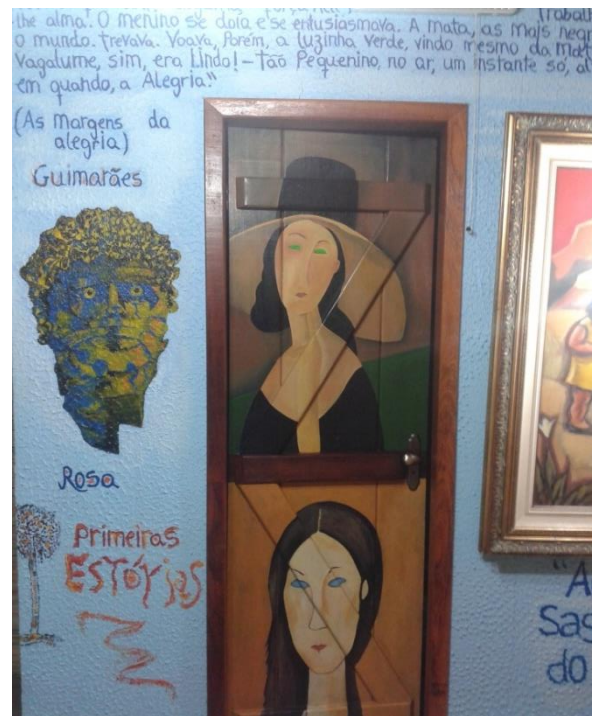


Figura 43: Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 44: Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 45. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 46. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

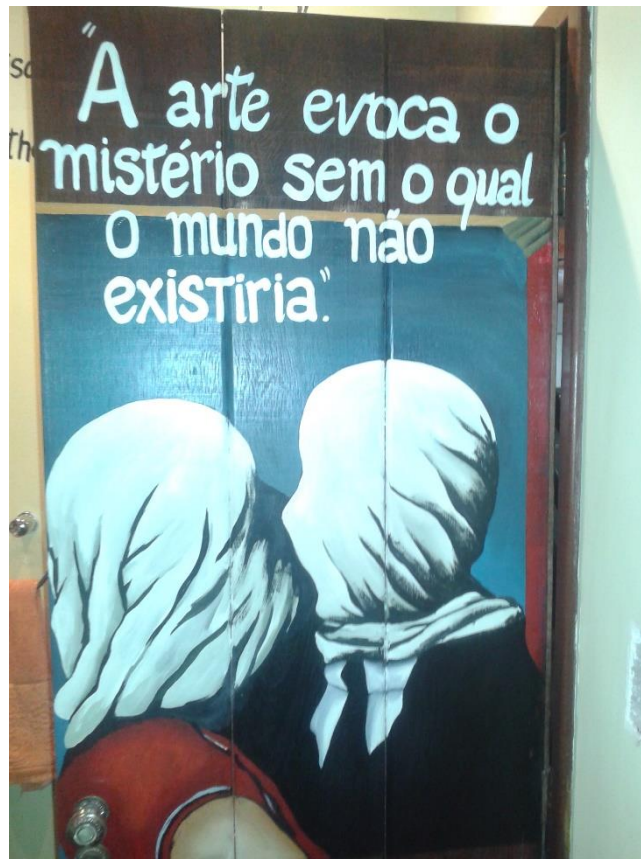


Figura 47. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 48. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 49. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador

Não há tanto espaço para recontar a minha casa-arquivo, a minha antologia de vida e arte. Há outros desenhos e escritos, mas paro por aqui: a casa que habito, pois: o meu livro.

É claro, como já mencionei anteriormente, que Elisa Lispector faria parte da moradia e teria seu lugar de destaque, uma vez que ela ocupava um assento relevante na minha vida, não só em função do longo tempo cronológico e psicológico existente entre nós, como também por significar admiração, coragem e persistência diante de um mundo onde a arte começa a perder seu valor e significado para a formação da humanidade.

Um pouco na contramão das diversas entrevistas por mim realizadas sobre Elisa Lispector, queria estampada em minha casa uma Elisa majestosa, radiante, mesmo que no seu rosto e nas suas obras, houvesse narrativas de solidão humana, do homem exilado que perde suas raízes, uma vez que, a meu ver, Elisa Lispector não significava somente isto. Esta Lispector significava também a guardiã das tradições e do passado heroico, apesar e por causa de sua odisseia de vida. Via Elisa como verdadeira protetora das coisas do espírito, dos valores formadores da dignidade humana. Eu também percebia em Elisa a mulher calada, com requinte, reservada, elegante (sempre muito bem vestida e maquilada). Perscrutava a Elisa que, mesmo sem ter muita simpatia por sua profissão no Ministério do Trabalho, realizou ações de relevo para o aprimoramento humano e sua liberdade de expressão; e ainda a Elisa que frequentava, com assiduidade e decoro o PEN Clube do Brasil, que conversava com seus amigos, a que sempre escreveu de

forma hialina e elegante, preservando uma escrita tradicional, mas refinada e poética, dona de palavras de bela sonoridade, dona de um conhecimento linguístico e histórico surpreendentes. Finalmente, vislumbrava a Elisa que, costume dizer, conseguiu tecer sua arte através de escavações profundas, em busca de seus ancestrais, da mesma forma que eu, escavador das minhas próprias origens. Sim, a mais arqueóloga de todas as Lispector e, por isso, guardiã também de um brilho peculiar e diáfano. É esta Elisa Lispector, mesclada entre dores e alegrias, que ocupa um espaço pioneiro e de destaque na minha “casa de artista”, na minha estância ou relicário ou, como chamam alguns de meus amigos: “o recanto de Elisa”.

Para melhor ilustrar o que disse acima, volto a compartilhar algumas sequências da casa em que Elisa Lispector se impõe radiante e também como narradora da minha própria história de vida e arte.



Figura 50. Pintura de Elisa Lispector, em parede da casa-arquivo do pesquisador



Figura 51. Obras de Elisa Lispector, casa-arquivo do pesquisador



Figura 52. Pintura da *Estância*, casa-arquivo do pesquisador



Figura 53. Sala Elisa, A Guardiã, casa-arquivo do pesquisador

Interrompe-se aqui uma pesquisa sem fim; mais que uma pesquisa, marcas de encontro de vidas.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Tradução Selvino J. Assmann. Editora. Boitempo Editorial: São Paulo, 2008. Título original Quel che resta di Auschwitz.

BILAC, Olavo. **Antologia Poética de Olavo Bilac**. Editora L&PM Editores: Porto Alegre, 1997.

BISHOP, Elizabeth. **Poemas do Brasil**. Tradução Paulo Henriques Britto Editora. Companhia Das Letras: São Paulo, 1991. Título original Poems of Brazil.

BLANCHOT, Maurice. **L'écriture du désastre**. Editora Gallimard: Paris, 1980.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. 23ª ed. **Dicionário de Símbolos**. José Olympio: Rio de Janeiro, 2000.

DELEUZE & GUATTARI; Gilles, Félix. **O Anti- Édipo**. Tradução Luiz P. L. Orlandi. Editora 34. São Paulo: 2011.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o Barroco**. Tradução Luiz P. L. Orlandi. Editora Papyrus. Campinas: 1991. Título Original Le pli: Leibniz et baroque.

_____. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Editora 34. São Paulo, 2010. Título Original Pourparles.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol 1. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Editora 34. São Paulo, 2011. Título original Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie 2.

_____. **Mil Platôs**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão Vol 4. Editora 34. São Paulo, 2012. Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie 2.

_____. **O que é a Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Editora 34. São Paulo, 2010. Título original Qu'est-ce que la philosophie?

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2001. Título Original Mal D'Archive.

DOLINGER, Rachele Zweig. **Mulheres de Valor: uma memória das mulheres que se destacaram na comunidade Judaica do Rio de Janeiro**. Garamond: Rio de Janeiro, 2004.

DURAS, Marguerite. **Olhos azuis cabelos pretos**. 2 ed. Tradução Vera Adami. Editora. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1993. Título original Les yeux bleus cheveux noirs.

ESPANCA, Florbela. **Poesia de Florbela Espanca**. L&PM Pocket: Porto Alegre, 2002.

FELMAN, Shoshana. **O Inconsciente Jurídico**: julgamento e trauma no século XX. Tradução Ariani Bueno Sudatti. Prefácio. Márcio Seligmann- Silva. Editora. Edipro: São Paulo, 2014. Título original The Juridical Unconscious.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. **Eu sou uma pergunta**: Uma biografia de Clarice Lispector. Rocco: Rio de Janeiro, 1999.

FUKS, Betty. **O homem Moisés e a religião monoteísta**. Editora. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2014.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice**: Uma vida que se conta. 3ªed. Editora Ática: São Paulo, 1995.

HILST, Hilda. **Do desejo**. Editora. Objetiva. Rio de Janeiro, 2001.

HUBERMAN, Didi. **Imagens apesar de tudo**. Tradução Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Editora KKYM: Lisboa, 2012. Título original Images malgré tout.

IGEL, Regina. **Imigrantes Judeus**: escritores brasileiros. Perspectiva: São Paulo, 1997.

INSTITUTO MOREIRA SALES. **Cadernos de Literatura Brasileira**: Clarice Lispector. IMS: Rio de Janeiro, 2004.

JARDIM, Rachel. **Vazio Pleno**: relatório do cotidiano. Imago Editora: Rio de Janeiro, 1972.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Editora UNESP: São Paulo, 2000.

KAFKA, Franz. **Diários**. Tradução Torrieri Guimarães. Editora: Itatiaia Ltda. Belo Horizonte, 2000. Título original Diaries.

KOFMAN, Sara. **Rua Ordener Rua Labat**. Editora Caetés: Rio de Janeiro, 2000.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro Depressão e Melancolia**. Rocco: Rio de Janeiro, 1989.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Editora. Rocco. Rio de Janeiro. 1977.

LISPECTOR, Clarice. **Minhas queridas**. Org. de Teresa Montero. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 2007.

LISPECTOR, Elisa. **Além da Fronteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

_____. **A última porta**. Editora Documentário: Rio de Janeiro, 1975.

_____. **Corpo a corpo**. Edições Antares: Brasília, 1983.

_____. **No Exílio**. Brasília: Editora de Brasília, 1971.

_____. **O dia mais longo de Thereza.** Gráfica Record Editora: Rio de Janeiro, 1965.

_____. **O muro de pedras.** Rocco: Rio de Janeiro, 1976.

_____. **O Tigre de Bengala.** José Olympio: Rio de Janeiro: 1985.

_____. **Retratos Antigos.** Org. Nadia Battela Gotlib. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2012.

_____. **Ronda solitária.** Editora A Noite: Rio de Janeiro, 1954.

_____. **Sangue no sol.** Editora de Brasília: Brasília, 1970.

_____. **Inventário.** Rocco: Rio de Janeiro, 1977.

MEANSFIELD, Katherine. **Felicidade:** e outros contos. Tradução Julieta Cupertino. Editora Revan: Rio de Janeiro, 1991.

MEIRELES, Cecília. **Mar Absoluto e outros poemas:** Retrato Natural. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1983.

MOSER, Benjamin. **Clarice.** Tradução de José Geraldo Couto. Cosac Naify: São Paulo, 2009.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN SILVA, Marcio. **Catástrofe e Representação.** Editora. Escuta: São Paulo, 2000.

NINA, Cláudia. **A palavra usurpada:** exílio e nomadismo na obra de Clarice Lispector. Editora Memória das Letras: Porto Alegre, 2003.

PLATH, Sylvia. **Ariel:** Edição restaurada e bilíngue, com os manuscritos originais. Tradução Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. Verus Editora: Campinas, 2007. Título original Ariel The restored edition.

PÓLVORA, Hélio. **A força da ficção.** Editora Vozes: Petrópolis, 1971.

QUEIROZ, Maria José. **Os males da ausência, ou, A literatura do exílio.** Editora. Topbooks: Rio de Janeiro, 1998.

RIMBAUD, Arthur. **Uma estadia no inferno.** 2ª edição. Tradução de Ivo Barroso. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1983. Título original Une saison en Enfer.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** 10ª ed. José Olympio, 1967.

_____. **Primeiras Estórias.** 5ª ed. José Olympio, 1969.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Tradução Pedro Maia Soares. Companhia das Letras: São Paulo, 2003. Título original Reflections on exile and other essays.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Clínica de artista**. Editora Circuito: Rio de Janeiro, 2011.

SEKSIK, Laurent. **Os últimos dias de Stefan Zweig**. Tradução de Gilson B. Soares. Griphos: Rio de Janeiro, 2015. Título Original Les derniers jours de Stefan Zweig.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Editora da UNICAMP: Campinas, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. Companhia das Letras: São Paulo, 2004. Título original: On photography.

SOUSA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2002.

_____. **Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2011.

SOUSA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Crítica e Coleção**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2011.

STEINER, George. **Extraterritorial: a Literatura e a revolução da linguagem**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Companhia das Letras: São Paulo, 1990. Título Original Extraterritorial: papers on literature and the language revolution.

SUZAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Editora. Intrínseca. Tradução Vera Ribeiro: Rio de Janeiro, 2007. Título original The book thief.

WEIL, Simone. **O Enraizamento**. Tradução Maria Leonor Loureiro. Edusc: Bauru, 2001. Tradução de L'Enracinement.

WIESEL, Elie. **O tempo dos desenraizados**. Tradução Clóvis Marques. Editora Record, 2004. Título Original Le temps des déracinés.

WILDE, Oscar. **De Profundis**. Tradução Cássio de Arantes Leite. Alaúde Editorial: 2014. Título original De Profundis.

WOOLF, Virginia. **As ondas: coleção grandes romances**. Tradução Lya Luft. Editora. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1980. Título original The waves.

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano: coleção grandes romances**. 12° ed. Tradução Martha Calderaro. Editora. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1974. Título original Memoires d'Hadrien.